



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ – UFOPA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO - ICED
CURSO DE BACHARELADO EM GEOGRAFIA

**PROJETO PEDAGÓGICO DO CURSO DE BACHARELADO EM
GEOGRAFIA**

SANTARÉM

2015



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ – UFOPA

INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO - ICED
CURSO DE BACHARELADO EM GEOGRAFIA

Profa. Dra. Raimunda Nonata Monteiro da Silva

Reitora

Prof. Dr. Anselmo Alencar Colares

Vice-Reitor

Profa. Dra. Maria de Fátima Sousa Lima

Pró-Reitora de Ensino de Graduação

Prof. Dr. Edilan de Sant'ana Quaresma

Diretor do Instituto de Ciências da Educação

Prof. Me. Ivan Gomes da Silva Viana

Coordenador do Curso de Geografia

Prof. Me. Eneias Barbosa Guedes

Prof. Me. Ivan Gomes da Silva Viana

Profa. Me. João Revelino Caldas de Almeida

Prof. Me. Leandro Pansonato Cazula

Núcleo Docente Estruturante (NDE)

SUMÁRIO

1 INFORMAÇÕES INSTITUCIONAIS.....	5
1.1 MANTENEDORA.....	5
1.2. MANTIDA.....	5
1.2.1 Identificação.....	5
1.2.2. Atos Legais de Constituição.....	5
1.2.3. Dirigente Principal da Mantida.....	5
1.2.4 Dirigentes da Universidade Federal do Oeste do Pará.....	6
1.2.5 Breve Histórico da Universidade Federal do Oeste do Pará.....	6
1.2.6 Missão Institucional.....	7
1.2.7 Visão Institucional.....	7
1.2.8 Princípios Norteadores.....	8
2 INFORMAÇÕES DO CURSO.....	8
2.1 DADOS GERAIS DO CURSO.....	8
2.2 JUSTIFICATIVA.....	8
2.3 CONCEPÇÃO DO CURSO.....	10
2.4 OBJETIVOS DO CURSO.....	12
2.4.1 Objetivo Geral.....	12
2.4.2 Objetivos Específicos.....	12
2.5 FORMA DE INGRESSO AO CURSO.....	12
2.6 PERFIL PROFISSIONAL DO EGRESSO.....	13
2.7 COMPETÊNCIAS E HABILIDADES.....	14
2.8 ORGANIZAÇÃO CURRICULAR.....	15
2.9 COMPONENTES CURRICULARES.....	16
2.9.1 DISCIPLINAS OPTATIVAS.....	17
2.10 EMENTÁRIO E BIBLIOGRAFIA.....	18
2.11 ATIVIDADES COMPLEMENTARES.....	64
2.12 ESTÁGIO CURRICULAR.....	66
2.13 TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO.....	68
2.14 PRÁTICAS DE AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM NO CURSO DE BACHARELADO EM GEOGRAFIA.....	69
2.14.1 Avaliação do Curso.....	69
2.14.2 Avaliação Docente.....	69
2.14.3 Avaliação do ensino-aprendizagem.....	69
2.14.4 Coerência do Sistema de Avaliação do Processo Ensino-Aprendizagem.....	71
2.15 SISTEMA DE AVALIAÇÃO DO PROJETO PEDAGÓGICO DO CURSO..	71
2.16 PESQUISA, EXTENSÃO E INOVAÇÃO TECNOLÓGICA.....	73
2.16.1 Apoio à Participação em Atividades de Iniciação Científica.....	73
2.16.2 Programas de Iniciação Científica.....	74
3 RECURSOS HUMANOS.....	75
3.1 APOIO TÉCNICO PEDAGÓGICO.....	75
3.1.1 Direção de Instituto.....	75
3.1.2 Coordenação de Curso.....	75
3.1.3 Técnicos em Assuntos Educacionais.....	76

3.1.4 Secretaria Executiva.....	77
3.2 ORGANIZAÇÃO ACADÊMICO–ADMINISTRATIVA.....	77
3.2.1 Secretaria Acadêmica.....	77
3.2.2 Núcleo de Estágios.....	77
3.2.3 Órgãos Colegiados.....	78
3.3 DOCENTES.....	78
3.3.1 Quadro de Titulação e Regime de Trabalho.....	79
3.3.2 Quadro de Professor por Disciplina.....	79
3.3.3 Núcleo Docente Estruturante – Composição do NDE.....	82
3.3.4 Política e Plano de Carreira.....	83
3.3.5 Critérios de Admissão.....	84
3.3.6 Apoio a Participação em Eventos.....	85
3.3.7 Incentivo a Formação/Atualização Pedagógica dos Docentes.....	85
4 INFRAESTRUTURA.....	86
4.1 INSTALAÇÕES GERAIS.....	86
4.2 SALAS DE AULA.....	86
4.3 INSTALAÇÕES PARA DOCENTES DO CURSO.....	87
4.4 INSTALAÇÕES PARA COORDENAÇÃO DO CURSO/PROGRAMA.....	87
4.5 AUDITÓRIOS E VIDEO-CONFERÊNCIAS.....	88
4.6 BIBLIOTECA.....	88
4.7 LABORATORIOS.....	90
4.7.1 Dados dos Laboratórios.....	90
4.7.1.1 Laboratório de Geografia – Labgeo.....	90
4.7.1.2 Laboratórios de Informática 1 e 2 – Labin 1 e 2.....	91
4.7.1.3 Laboratório de Informática 3 – Labin 3.....	91
4.7.1.4 Laboratório de Base Cartográfica.....	91
4.8 CONDIÇÕES DE ACESSO PARA PESSOAS COM NECESSIDADES ESPECIAIS.....	92
4.9 INFRAESTRUTURA DE SEGURANÇA.....	92
4.10 APOIO AOS DISCENTES.....	93
5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	95
6. ANEXOS.....	97
6.1 Portaria de Criação do Curso.....	97
6.2 Portaria de Criação do NDE.....	98
6.3 Estágios – Instrução Normativa 006 da UFOPA.....	99
6.4 Percorso Acadêmico – Resolução nº 27 da UFOPA e Resolução nº 50.....	107
6.5 Ata de aprovação do PPC pelo Colegiado.....	135

1 INFORMAÇÕES INSTITUCIONAIS

1.1 MANTENEDORA

Mantenedora:	Ministério da Educação						
CNPJ:	00.394.445/0003-65						
End.:	Esplanada dos Ministérios, Bloco L.			n.	s/n		
Bairro:	Zona Cívico-Administrativa	Cidade:	Brasília	CEP:	70.047-900	UF:	DF
Fone:	(61) 2022-7828 / 7822 / 7823 / 7830						
E-mail:	gabinetedoministro@mec.gov.br						

1.2. MANTIDA

1.2.1 Identificação

Mantida:	Universidade Federal do Oeste do Pará						
CNPJ:	11.118.393/0001-59						
End.:	Av. Marechal Rondon			n.	s/n		
Bairro:	Caranazal	Cidade:	Santarém	CEP:	68040-070	UF:	Pará
Telefone:	(93) 21016502		Fax:	(93) 21016506			
E-mail:	reitoria@ufopa.edu.br/gabinete@ufopa.edu.br						
Site:	www.ufopa.edu.br						

1.2.2. Atos Legais de Constituição

Dados de Credenciamento	
Documento/Nº:	Lei 12.085, de 06 de novembro de 2009
Data Documento:	05 de novembro de 2009
Data de Publicação:	06 de novembro de 2009

1.2.3. Dirigente Principal da Mantida

Cargo:	Reitora				
Nome:	Raimunda Nonata Monteiro da Silva				
CPF:	166.190.992-20				
Telefone:	(93) 21016502		Fax:	(93) 21016506	
E-mail:	reitoria@ufopa.edu.br				

1.2.4 Dirigentes da Universidade Federal do Oeste do Pará

Reitora: Profa. Dra. Raimunda Nonata Monteiro da Silva

Vice-Reitor: Prof. Dr. Anselmo Alencar Colares

Presidente do Conselho Superior: Profa. Dra. Raimunda Nonata Monteiro da Silva

Pró-Reitora de Ensino de Graduação: Profa. Dra. Maria de Fátima Sousa Lima

Pró-Reitor de Planejamento e Desenvolvimento Institucional: Prof. Dr. Clodoaldo Alcino Andrade dos Santos

Pró-Reitora de Administração: Profa. Me. Geany Cleide Carvalho Martins

Pró-Reitor de Pesquisa, Pós-Graduação e Inovação Tecnológica: Prof. Dr. Sérgio de Melo

Pró-Reitor de Gestão de Pessoas: Milton Renato da Silva Melo

Pró-Reitor de Comunidade, Cultura e Extensão: Prof. Dr. Thiago Almeida Vieira

Pró-Reitor de Gestão Estudantil: Prof. Dr. Raimundo Valdomiro de Sousa

Diretor do Instituto De Ciências da Educação: Prof. Dr. Edilan de Sant'ana Quaresma

Coordenador do Curso: Prof. Me. Ivan Gomes da Silva Viana

1.2.5 Breve Histórico da Universidade Federal do Oeste do Pará

A Universidade Federal do Oeste do Pará (UFOPA) foi criada pela Lei nº 12.085, de 5 de novembro de 2009. É a primeira instituição federal de ensino superior com sede num dos pontos mais estratégicos da Amazônia, no município de Santarém, a terceira maior cidade paraense, mundialmente conhecida por suas belezas naturais, com destaque para o encontro das águas dos rios Tapajós e Amazonas. A criação da UFOPA faz parte do programa de expansão das universidades federais, e é fruto de um acordo de cooperação técnica firmado entre o Ministério da Educação (MEC) e a Universidade Federal do Pará (UFPA), no qual se prevê a ampliação do ensino superior na região amazônica.

A UFOPA surgiu da incorporação do campus de Santarém da Universidade Federal do Pará (UFPA) e da Unidade Descentralizada Tapajós da Universidade Federal Rural da Amazônia (UFRA), as quais mantinham atividades na região oeste paraense. A UFOPA assimilou também outras unidades da UFPA e da UFRA para a formação dos campus de Alenquer, Itaituba, Juruti, Monte Alegre, Óbidos e Oriximiná. Em Santarém, a UFOPA mantém suas atividades em três campus: o campus Rondon, localizado no bairro Caranazal (antigas instalações da UFPA), o campus Tapajós, localizado no bairro Salé (antigas instalações da UFRA), e o campus Amazônia, localizado no bairro Fátima.

A proposta acadêmica da UFOPA está estruturada em um sistema inovador, pautado pela flexibilidade curricular, interdisciplinaridade e formação em ciclos, constituídos de um

sistema integrado de educação continuada. De acordo com o projeto pedagógico institucional, a UFOPA organiza-se em institutos temáticos e em um Centro de Formação Interdisciplinar (CFI), destinados a produzir ensino, pesquisa e extensão com forte apelo amazônico. Organizados em programas, os institutos são responsáveis pela oferta de mais de 30 cursos de graduação, além de cursos de pós-graduação *lato e stricto sensu*.

1.2.6 Missão Institucional

A missão de uma organização é algo crucial e sua importância raramente é compreendida. Não se trata apenas de uma frase de efeito, destinada a ornamentar salas, num cartaz. Nesse ponto, procura-se determinar qual o negócio da organização, por que ela existe, ou ainda, em que tipos de atividades deverá concentrar-se no futuro. A missão da organização exerce a função orientadora e delimitadora da ação organizacional definida num período de tempo, onde são comunicados os valores, crenças, expectativas, conceitos e recursos. Ela atribui um sentido a tudo o que as pessoas fazem no dia-a-dia. Verifica-se que a missão é a determinação do motivo central do planejamento, da “sua razão de ser”, correspondendo a um horizonte dentro do qual a organização atua ou poderá atuar. Na UFOPA, os gestores mobilizaram-se para validar um entendimento único de sua missão, definindo com clareza o norte que a Universidade deve seguir.

Missão: “Produzir e socializar conhecimentos, contribuindo para a cidadania, inovação e desenvolvimento na Amazônia”.

1.2.7 Visão Institucional

A visão é a idealização de um futuro desejado para a organização. Ela deve ser clara e estar em permanente demonstração para a comunidade, transmitindo a essência da organização em termos de seus propósitos, provendo a estrutura que regula as suas relações institucionais, além dos objetivos gerais de desempenho.

É a descrição de um estado de futuro ambicioso, mas factível, que deve ser instigante e provocar nos servidores um desejo concreto de somar forças na busca desse sonho datado, exprimindo uma conquista estratégica de grande valor para a organização. É um lema motivacional, com objetivo de criar uma imagem que desafie e mobilize todas as pessoas envolvidas na construção dessa conquista. Seu enunciado deve ser claro, envolvente, fácil de memorizar, compatível com os valores da organização. Cabe agora à liderança da UFOPA a responsabilidade de proporcionar significado prático à visão estabelecida.

Visão: “Ser referência na formação interdisciplinar para integrar sociedade, natureza e

desenvolvimento”.

1.2.8 Princípios Norteadores

São princípios da formação na Universidade Oeste do Pará:

- Responsabilidade Social;
- Pertinência;
- Relevância científica, artística e social;
- Justiça e Equidade;
- Inovação;
- Internacionalização e Interatividade.

2 INFORMAÇÕES DO CURSO

2.1 DADOS GERAIS DO CURSO

Endereço de oferta do curso	Av. Marechal Rondon, s/n – bairro: Caranazal CEP: 68040-070 - Santarém – Pará.				
Denominação do Curso	Bacharelado em Geografia				
Turno de funcionamento/n. de vagas anuais	Integral	Matutino	Vespertino	Noturno	Totais
		40		40	80
Modalidade	Presencial				
Regime de matrícula	Semestral				
Duração do curso	Carga Horária Total		Tempo Mínimo	Tempo Máximo	
	3.078 horas		8 semestres	10 semestres	

2.2 JUSTIFICATIVA

No Brasil, a Geografia teve seu início como componente curricular na Educação Básica, sendo institucionalizada em nível acadêmico em 1934. Neste primeiro momento, esta não dispunha de meios necessários ao desenvolvimento da pesquisa. Entretanto, surgiram trabalhos de grande interesse geográfico, influenciados pela escola francesa, que contribuíram significativamente para o desenvolvimento do pensamento geográfico no Brasil (MOREIRA, 2008).

A Geografia consolida teoricamente sua posição como ciência que busca conhecer e explicar as múltiplas interações entre a sociedade e a natureza, possuindo um conjunto amplo de interfaces com outras áreas do conhecimento científico. Assim, coloca-se a necessidade de compreensão dessa realidade espacial, natural e humana, não de uma forma fragmentada, mas

como uma totalidade dinâmica.

A Universidade Federal do Oeste do Pará (UFOPA) foi criada pela Lei nº 12.085, de 5 de novembro de 2009. É a primeira instituição federal de ensino superior com sede no interior do estado do Pará. Está localizada no município de Santarém na mesorregião do Baixo Amazonas. Surgiu da incorporação do campus da Universidade Federal do Pará (UFPA) e da Unidade Descentralizada Tapajós da Universidade Federal Rural da Amazônia (UFRA), todas com sedes localizadas em Santarém. Neste contexto, o curso de Bacharelado em Geografia da UFOPA é remanescente da UFPA, onde foi criado pela resolução N. 3.752 de 16 de setembro de 2008, juntamente com a modalidade Licenciatura em Geografia.

A área atendida pelo curso de Bacharelado em Geografia apresenta ampla diversidade social, econômica, cultural e educacional, devido às particularidades de ocupação e desenvolvimento que se processaram na região, entre elas as que apresentam grandes transformações trazidas pelo processo de introdução de um novo modelo de produção do espaço na Amazônia, através, sobretudo, da implantação de grandes projetos.

Especificamente no município de Santarém, que é a segunda maior cidade do Pará e a maior da região, polarizando o desenvolvimento de todo o Oeste do Estado, não existe qualquer Instituição de Ensino Superior que ofereça o curso de Bacharelado em Geografia. Em decorrência dessa carência, destaca-se a importância da formação de bacharéis em Geografia pela Universidade Federal do Oeste do Pará, por se tratar da maior Instituição de Ensino Superior regional, pública, e ter entre seus princípios norteadores o comprometimento com o desenvolvimento da região Oeste do Estado do Pará, visando dar subsídios para este acontecer com equilíbrio social, econômico e ambiental.

A área atendida pelo curso em Santarém e pelos demais municípios da região Oeste do Pará expõe uma grande diversidade social, econômica, cultural e educacional. Santarém caracteriza-se por ser uma cidade pólo no Oeste do Estado, com aproximadamente 295.000.00 (duzentos e noventa e cinco mil) habitantes, sendo que aproximadamente 71% dessa população encontram-se na área urbana. O curso de Bacharelado em Geografia atenderá não somente o campus de Santarém, mas também a população da região Oeste do Pará, o que totaliza uma população de aproximadamente 2.000.000 (dois milhões) de habitantes.

Os vários indicadores atuais não são positivos. Santarém é caracterizada por um processo de urbanização desordenado, acompanhado de um aumento dos problemas ambientais e das problemáticas sociais. Desta forma, ocorre uma grande demanda por profissionais em diversas áreas do conhecimento, o que vem cada vez mais justificar a urgente necessidade de expansão das atividades e do papel da Universidade nessa região, se

materializando com a implantação de novos cursos e, por conseguinte do que se recomenda nesse projeto pedagógico que é o curso de Bacharelado em Geografia.

Assim, este projeto defende a formação de um profissional com um currículo denso, destinando carga horária tanto teórica como prática. Currículo este voltado para incentivar uma prática metodológica que permita o exercício da ciência no tratamento das categorias específicas da Geografia e posterior processo de aplicação das mesmas nas realidades encontradas na região.

O presente curso visa atender tanto a clientela discente de área de ocupação tradicional, que não sofreu grandes transformações trazidas pelo processo de “modernização” do território paraense; como a clientela da área de fronteira, de ocupação recente e impactada pelos grandes projetos de infraestrutura implantados na região a partir da década de 60/70. Nas áreas tradicionais percebe-se a permanência de valores culturais regionais e locais, ligados aos elementos da natureza amazônica e ao modo de vida dessas populações, enquanto que nas áreas de fronteira, observa-se um processo permanente de transformações culturais.

É nesse panorama que a Universidade Federal do Oeste do Pará, vem oferecer à sociedade o Curso de Bacharelado em Geografia. Como a Geografia tem se tornado cada vez mais uma ciência de forte conteúdo crítico e de relações com outras áreas da ciência, o geógrafo pode contribuir para a edificação de uma nova realidade, onde através do aprofundamento de pesquisas, este profissional pode constituir-se em um elemento difusor de estudos que ampliem a consciência da sociedade das suas áreas de atuação, frente aos acontecimentos de sua realidade.

A Geografia enquanto ciência vem cada vez tomando espaço e ganhando importância na produção do conhecimento científico no meio acadêmico, buscando a compreensão das múltiplas relações entre a sociedade e a natureza. As práticas geográficas devem ser exercidas na amplitude de suas dimensões, pressupondo o domínio de conceitos e categorias da geografia. Nesse sentido, é imprescindível o seguimento adequado das diretrizes para a formação do bacharel em Geografia capaz de entender a importância dos conceitos geográficos para a compreensão do espaço em suas múltiplas dimensões e como uma totalidade dinâmica.

2.3 CONCEPÇÃO DO CURSO

Como foi mencionado anteriormente, em 2008 o Curso de Bacharelado em Geografia é criado juntamente com a modalidade Licenciatura em Geografia, ainda pertencentes à Universidade Federal do Pará (UFPA). Com a criação, (no ano de 2009), da Universidade

Federal do Oeste do Pará (UFOPA) este curso passa a fazer parte desta última instituição. Com a construção do modelo acadêmico da UFOPA, que se diferencia do modelo da UFPA, o curso de Licenciatura e Bacharelado em Geografia, a partir do ano de 2011, deixa de ser ofertado. Todavia, a UFOPA se responsabiliza em formar as duas turmas remanescentes da UFPA, que ingressaram nos anos de 2009 e 2010.

Nesse contexto de reorganização institucional, concluiu-se que se tornaria inviável distribuir as modalidades licenciatura e bacharelado em institutos (Unidades Acadêmicas) diferentes, pois estas foram concebidas para funcionarem em uma única estrutura curricular. Isto justifica o fato do presente curso de Bacharelado está inserido no Instituto de Ciências da Educação (ICED).

Desde o início das turmas 2009 e 2010, os discentes cursaram tanto disciplinas exclusivas da licenciatura, como disciplinas comuns para a licenciatura e para o bacharelado. A partir do segundo semestre de 2014, os alunos começaram a cursar disciplinas exclusivas do bacharelado, sendo assim, desenvolveu-se um Projeto Pedagógico que trata apenas sobre a modalidade bacharelado.

O Projeto Pedagógico de Bacharelado em Geografia está orientado no que dispõe atos normativos e legais no campo educacional em âmbito nacional e institucional. Dessa forma, o presente Projeto Pedagógico é formulado baseado nas diretrizes estabelecidas pelos pareceres CNE/CES 492/2001 e 1.363/2001 para os cursos de Geografia.

O presente curso está estruturado para habilitar, teórica e metodologicamente, profissionais para uma atuação técnica, seja como pesquisadores em Geografia, ou como participantes de equipes interdisciplinares, em projetos que demandam estudos sócio-ambientais, nas áreas de planejamento, análise e gestão do território.

Buscando a flexibilização do currículo, o curso oferta disciplinas optativas, ampliando a visão do leque de abordagens possíveis dentro dos estudos geográficos. Os alunos também têm a oportunidade de diálogos com outras fontes de conhecimento, haja vista que existe a possibilidade destes cursarem disciplinas optativas em outros cursos, que possam contribuir para ampliar sua base de formação teórica e prática. As disciplinas optativas cursadas em outro curso, para serem computadas como carga horária cumprida no curso de Bacharelado em Geografia, necessitarão de análise do Núcleo Docente Estruturante (NDE) do curso. Além disso, o discente é incentivado a participar de seminários, simpósios, colóquios, entre outros eventos, da área de Geografia e de áreas afins, contabilizando as horas de participação como horas complementares.

Ao se analisar a realidade amazônica, a implantação de grandes projetos faz parte do

processo histórico de uso e ocupação dessa região. Na atualidade não é diferente, sendo assim, a formação de bacharéis em Geografia pela UFOPA ganha relevância, pois disponibiliza para a sociedade, profissionais capazes de contribuir na elaboração de estudos, como os EIA-RIMAS.

2.4 OBJETIVOS DO CURSO

2.4.1 Objetivo Geral

O objetivo do Curso de Bacharelado em Geografia, do Programa de Ciências Humanas da Universidade Federal do Oeste do Pará, é formar o egresso em profissional bacharel, apto a desenvolver projetos de pesquisas geográficas nos dois polos epistemológicos de investigação científica: sociedade e natureza.

2.4.2 Objetivos Específicos

I - Formar profissionais geógrafos aptos no reconhecimento e levantamento de estudos e pesquisas de caráter físico-geográfico, biogeográfico, antropogeográfico.

II - Formar profissionais hábeis para os estudos nos ramos da geoeconomia, agrária, urbana, demografia e meio ambiente e em outros campos gerais e espaciais da Geografia, que se fizerem necessários.

III - Formar profissionais geógrafos capazes de organizar congressos, comissões, seminários, simpósios e outros tipos de reuniões, destinados aos estudos e à divulgação da Ciência Geográfica.

IV - Formar profissionais geógrafos com aptas condições de exercer funções de planejador, assessor e consultor.

2.5 FORMA DE INGRESSO AO CURSO

Os discentes do Curso de Bacharelado em Geografia ingressaram neste curso superior ainda na Universidade Federal do Oeste do Pará, já que a atual UFOPA era um *campus* da UFPA. Como já fora abordado anteriormente a Universidade Federal do Oeste do Pará é o resultado da fusão da Universidade Federal do Pará e da Universidade Federal Rural da Amazônia (UFRA).

A forma de ingresso se deu através de processo seletivo, nomeadamente o Processo Seletivo Seriado (PSS), que perdurou até o ano de 2009. As duas turmas remanescentes da UFPA, entraram respectivamente no ano de 2009 e 2010 e estavam aptas a cursar Licenciatura Plena e Bacharelado em Geografia.

2.6 PERFIL PROFISSIONAL DO EGRESSO

O Curso de Bacharelado em Geografia herdado da Universidade Federal do Pará (UFPA) aborda os principais pontos para uma boa formação acadêmica com amplos debates de caráter teórico e prático. Tanto a teoria quanto a prática serão tratadas pelas disciplinas, através de apresentação e debates de conceitos em sala de aula, trabalhos de campo, excursões, pesquisas e trabalhos de extensão.

O Curso terá avaliação ao longo de seu percurso e de acordo com as normas estabelecidas em Regimento, Projeto Pedagógico e Projeto de Avaliação Institucional.

Com base nos objetivos, propusemos neste Projeto Político Pedagógico que o profissional Bacharel Geógrafo, egresso desta instituição, consiga construir os fundamentos científicos e técnicos necessários tanto para obtenção de competências, ou seja, a capacidade de mobilizar conhecimentos capazes de fornecer respostas eficazes para os problemas de sua investigação, quanto habilidades, isto é, esse profissional terá a capacidade de aplicar os conceitos e teorias apreendidas em sala de aula para formular informações a partir da obtenção de diferentes dados, utilizando-se de um pensamento e comportamento crítico capaz de formar cidadãos entendedores de sua realidade sócio-espacial.

O discente formado no Bacharelado em Geografia terá a possibilidade de alcançar formação mais especializada no interior desse conhecimento. Neste sentido, ele terá áreas de investigação bem mais precisas, o que lhe dará a oportunidade de se aprofundar em determinados temas, ou seja, a sua formação pode se voltar para pesquisa e debate tanto na Geografia Humana ligada à agrária, urbana economia, cultural, população e meio ambiente quanto na Geografia Física voltada para a geomorfologia, biogeografia, hidrografia e pedologia. Esse profissional saberá de forma definida que o seu papel é o estudo e pesquisa.

As competências e habilidades adquiridas durante a sua formação, concederá a esse profissional a possibilidade de exercer atividades acadêmicas, de pesquisas e consultorias, em universidades e instituições públicas e privadas.

O egresso do curso de Bacharelado em Geografia desta instituição terá plena condição de exercer funções de planejador, assessor, consultor e pesquisador. Para tanto, ele possuirá o mérito de articulação dos conceitos geográficos com a realidade espacial de sua investigação.

Portanto, o curso de Bacharelado em Geografia da UFOPA, habilitará o profissional para desenvolver estudos nos pólos epistemológicos sociedade e natureza, onde atuará de forma crítica nas mais diferentes escalas geográficas

2.7 COMPETÊNCIAS E HABILIDADES

Abaixo segue um modelo de correlações entre habilidades e competências por grandes áreas do conhecimento da Ciência Geográfica:

GRANDES ÁREAS DA CIÊNCIA GEOGRÁFICA	COMPETÊNCIAS E HABILIDADES
Epistemologia da Geografia	<ul style="list-style-type: none"> ➤ Identificar e explicar a dimensão geográfica presente nas diversas manifestações do conhecimento; ➤ Articular elementos empíricos e conceituais, concernentes ao conhecimento científico dos processos espaciais; ➤ Reconhecer as diferentes escalas de ocorrência e manifestação dos fatos, fenômenos e eventos geográficos; ➤ Selecionar a linguagem científica mais adequada para tratar a informação geográfica, considerando suas características e o problema proposto.
Geografia Humana	<ul style="list-style-type: none"> ➤ Atuar em diversos espaços geográficos, essencialmente na Amazônia; ➤ Capacidade de produzir e reproduzir conhecimentos adquiridos na academia das atividades curriculares ofertadas no curso; ➤ Articular o ensino, pesquisa e extensão, de maneira a permitir sua intervenção no espaço em que atua, com vistas à melhoria da qualidade de vida do planeta; ➤ Capacidade de reconhecer o espaço em que habita e encontrar alternativas de se posicionar diante dos problemas existentes; ➤ Identificar, descrever, analisar, compreender e explicar as diferentes práticas e concepções concernentes ao processo de produção do espaço;
Geografia Física	<ul style="list-style-type: none"> ➤ Identificar, descrever, compreender, analisar e representar os sistemas naturais: ➤ Identificar, descrever, compreender, analisar e representar os sistemas naturais em processos de mudanças permanentes em função da apropriação humana; ➤ Planejar e realizar atividades de campo referente à investigação geográfica; ➤ Propor e elaborar projetos de pesquisa e extensão no âmbito de área de atuação da Geografia física;
Cartografia	<ul style="list-style-type: none"> ➤ Avaliar representações ou tratamentos gráficos e matemático-estatísticos; ➤ Elaborar mapas temáticos e outras representações gráficas; ➤ Utilizar os recursos necessários à análise da informação geográfica; ➤ Dominar técnicas laboratoriais concernentes à produção e aplicação do conhecimento cartográfico; ➤ Dominar leituras de mapas, plantas, cartas e croquis;

2.8 ORGANIZAÇÃO CURRICULAR

O curso de Bacharelado em Geografia está estruturado com uma carga horária total de 3.078 horas, distribuídas em 4 núcleos de disciplinas, conforme elencado a seguir:

NÚCLEO	CARGA HORÁRIA
Formação Básica	261 horas
Formação Específica	2317 horas
Atividades Complementares	200 horas
Estágio	300 horas
TOTAL	3078 horas

Para finalizar o curso, o aluno precisa cumprir a carga horária acima em no mínimo 8 semestre e no máximo 10 semestres. Os componentes curriculares que compõem os núcleos são trabalhados de forma intercalada e complementar ao longo dos semestres.

A estrutura curricular não compreende os componentes optativos e eletivos, entretanto existem dois componentes denominados de Optativa I (51 h) e Optativa II (51 h), os quais o discente necessariamente tem que cumprir esta carga horária, escolhendo as disciplinas optativas que são ofertadas pelo curso. Em relação ao Núcleo de atividades complementares, 200 horas (aproximadamente 6,49%) do currículo são destinadas às atividades necessárias para cumprir estas horas. O restante da carga horária (2878 horas) é destinada aos componentes curriculares obrigatórios pertencentes aos outros núcleos. A participação relativa dos demais núcleos na estrutura curricular, em horas e valores percentuais aproximados, encontra-se da seguinte forma: 1) Formação Básica, 261 horas (8,47%); 2) Formação Específica, 2317 horas (75,27%); e 3) Estágio, 300 horas (9,74%).

Na maioria dos componentes curriculares existe uma previsão em média de, 75 a 80% de sua carga horária destinada à teoria e de 20 a 25% às atividades práticas, dependendo das particularidades de cada componente curricular. No caso dos componentes do Núcleo de Estágio, prever-se aproximadamente 65% da carga horária destinada às atividades práticas e 35% às teóricas. Por conseguinte, teoria e prática estão intercaladas na estrutura curricular do curso.

O curso busca no desenvolver dos seus componentes curriculares à flexibilização dos tratamentos dos conteúdos de acordo com as especificidades encontradas, levando em consideração alunos que apresentem algum tipo de particularidade que prejudiquem o seu processo de aprendizagem. Nos momentos de construção dos planos das disciplinas, o corpo docente reúne-se para definir como será buscada a aproximação dos conteúdos trabalhados

pelos docentes nos componentes, buscando a interdisciplinaridade. Os trabalhos de campo integrado também são momentos de diálogos e aproximações entre os componentes curriculares, buscando a transversalidade no tratamento de algumas temáticas.

As atividades relacionadas à pesquisa e à extensão são desenvolvidas, sobretudo, nos Núcleos Específicos e Atividades Complementares. Os componentes curriculares pertencentes aos demais núcleos, dependendo do planejamento dos professores que os assumem, também contemplam, pontual e ocasionalmente, atividades deste tipo.

O referido curso funciona nos períodos matutino e noturno. Sua carga horária total destinada a TCC (diluída nos componentes curriculares TCC I e TCC II) é de 130 horas.

2.9 COMPONENTES CURRICULARES

COMPONENTES CURRICULARES DO CURSO DE BACHARELADO EM GEOGRAFIA	CÓDIGO DA DISCIPLINA	CARGA HORÁRIA TEÓRICA	CARGA HORÁRIA PRÁTICA	CARGA HORÁRIA TOTAL
1º semestre				
História do Pensamento Geográfico		68h		68h
Geografia Física		48h	20h	68h
Fundamentos Filosóficos		41h		41h
Introdução a Geografia		68h		68h
Geografia Humana		68h		68h
Metodologia Científica		48h	20h	68h
Carga horária total				381h
2º semestre				
Climatologia		31h	20h	51h
Teoria Regional e Regionalização		41h		41h
Hidrografia		31h	20h	51h
Fundamentos de Geologia e Pedologia		48h	20h	68h
Introdução a Ecologia		41h		41h
Geografia da População		58h	10h	68h
Fundamentos de Geociências		41h		41h
Carga horária total				361h
3º semestre				
Introdução à Cartografia		48h	20h	68h
Optativa I				51h
Geografia Política		68h		68h
Estatística Aplicada à Geografia		60h		60h
Geografia Urbana		31h	20h	51h
Geografia Geral do Brasil		68h		68h
Carga horária total				366h
4º semestre				
Geografia Regional do Brasil		60h	8h	68h
Sensoriamento Remoto		30h	21h	51h
Educação Ambiental		30h	21h	51h
Geografia Econômica		50h	10h	60h

Cartografia Temática		30h	38h	68h
Carga horária total				298h
5º semestre				
Espaço e Território no Mundo Globalizado		60h		60h
Optativa II				51h
Geomorfologia		40h	20h	60h
Biogeografia		40h	20h	60h
Geografia da Amazônia		50h	10h	60h
Geografia Rural		41h	10h	51h
Carga horária total				342h
6º semestre				
Projeto de Pesquisa em Geografia		40h	20h	60h
Política de Ordenamento Territorial		40h	20h	60h
Estágio Profissional I		40h	60h	100h
Recursos Naturais e Meio Ambiente		50h	10h	60h
Geografia do Pará		40h	20h	60h
Gestão de Bacias Hidrográficas		40h	20h	60h
Carga horária total				400h
7º semestre				
Estágio Profissional II		40h	60h	100h
Planejamento e Gestão Urbana		50h	10h	60h
Geoprocessamento Aplicado à Análise Ambiental		30h	30h	60h
Geomorfologia Aplicada ao Planejamento		40h	20h	60h
Geografia Agrária		50h	10h	60h
Trabalho de Conclusão de Curso I		15h	25h	40h
Trabalho de Campo Integrado I		5h	15h	20h
Carga horária total				400h
8º semestre				
Estágio Profissional III		30h	70h	100h
Geografia da Indústria		50h	10h	60h
Trabalho de Conclusão de Curso II		40h	50h	90h
Análise, Planejamento e Manejo Ambiental		40h	20h	60h
Trabalho de Campo Integrado II		5h	20h	20h
Carga horária total				330h
Carga horária total das disciplinas				2878h
Atividades Complementares/				200h
Carga horária total do curso:				3078h

2.9.1 DISCIPLINAS OPTATIVAS

DISCIPLINAS OPTATIVAS	Código da disciplina	Carga horária teórica	Carga horária prática	Carga horária total
Antropologia Cultural		68h		68h
Direito Ambiental		41h	10h	51h
Geografia Cultural		60h		60h
Legislação, Elaboração de Laudo		40h	20h	60h

e Perícia Ambiental				
Paleogeografia da Amazônia		40h	20h	60h
Saneamento Ambiental		41h	10h	51h
Sociologia Geral		51h		51h
Libras		30h	30h	60h
CARGA HORÁRIA TOTAL DAS DISCIPLINAS OPTATIVAS				461h

2.10 EMENTÁRIO E BIBLIOGRAFIA

NÚCLEO DE FORMAÇÃO BÁSICA	
EMENTA	BIBLIOGRAFIA
<p>EDUCAÇÃO AMBIENTAL: 51 H</p> <p>1. Os diferentes conceitos e significados da educação ambiental; 2- a história da educação ambiental; 3- a educação ambiental no Brasil; 4- atividades interdisciplinares para a educação ambiental; 5- estudo de atividades de educação ambiental desenvolvidas por órgãos, instituições e/ou escolas públicas ou privadas; 6- o ensino de geografia e a educação ambiental.</p>	<p>Básica:</p> <p>CASCINO, F. Educação ambiental: princípios, história, formação de professores. São Paulo: Editora do SENAC, 1999.</p> <p>DEL RIO, V & OLIVEIRA, L. Percepção ambiental – a experiência brasileira. São Paulo: Studio Nobel; São Carlos: Editora da UFSCAR, 1996.</p> <p>DIAS, D. Enunciações de um educador ambiental - o utópico é possível em educação. Belém: UFPA. NUMA.SECTAM, 1997.</p> <p>_____. Atividades interdisciplinares de educação ambiental. 2. ed. São Paulo: Global, 1996.</p> <p>Complementar:</p> <p>DIAS, G. F. Populações marginais e ecossistemas urbanos. 2. ed. Brasília: IBAMA 1994.</p> <p>_____. Educação ambiental: princípios e práticas. 4. ed. São Paulo: Gaia. 1994.</p> <p>MORIN, Edgar. Os sete saberes necessários à educação do futuro. 3ª ed. São Paulo: Cortez, 2001.</p> <p>PEDRINI, Alexandre de Gusmão (org.). Educação Ambiental: reflexões e práticas contemporâneas. Petrópolis/RJ: Vozes, 1997.</p> <p>Política Nacional de Educação Ambiental - Lei nº 9795/1999. Disponível em: <http://www.mma.gov.br/educacao-ambiental/politica-de-educacao-ambiental></p>
<p>ESTATÍSTICA APLICADA À GEOGRAFIA: 60H</p> <p>Estatística descritiva; gráficos de distribuição de frequência; Medidas de posição; medidas de dispersão;</p>	<p>Bibliografia Básica:</p> <p>BUSSAB, Wilton de Oliveira e MORETTIN, Pedro A. Estatística básica. São Paulo: Saraiva, 2002.</p> <p>FONSECA, Jairo Simon da e MARTINS, Gilberto</p>

<p>medidas de assimetria; probabilidades; experimentos aleatórios; eventos dependentes e independentes; probabilidade condicional.</p>	<p>de Andrade. Curso de Estatística. 6a ed. São Paulo. Atlas. 1996.</p> <p>MORETTIN, Luís Gonzaga. Estatística Básica: Probabilidade. 6. ed. São Paulo: Makron Books, 1995.</p> <p>SOARES, Jose Francisco; FARIAS, Alfredo Alves de; CÉSAR, Cibele Comini. Introdução a Estatística. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1991.</p> <p>SPIEGEL, M. Estatística. São Paulo: McGraw-Hill Book do Brasil, 1970. (Coleção Schaum).</p> <p>Bibliografia Complementar:</p> <p>BARBETTA, Pedro Alberto. Estatística aplicada às ciências sociais. Florianópolis: UFSC, 2002.</p> <p>BLACKWELL, David. Estatística Básica. São Paulo: Mcgraw-Hill, 1973.</p> <p>CRESPO, Antônio Arnot. Estatística fácil. 17 ed. São Paulo: Saraiva, 2001.</p> <p>GERARDI, L.H.O. & SILVA, B.C.N. Quantificação em Geografia, Difel, São Paulo, 1981. 161 pp.</p> <p>LEVIN, J. Estatística aplicada às ciências humanas. 2. Ed. São Paulo: Harbra, 1987.</p> <p>PIMEN-TEL, Gomes F. Estatística experimental. São Paulo: Nobel, 1990.</p> <p>VIEIRA, Hoffman. Elementos de estatística. São Paulo: Atlas, 1995.</p>
<p>FUNDAMENTOS FILOSÓFICOS:41 H</p> <p>1. A natureza do pensamento filosófico. Epistemologia: filosofia e ciência. 2. A teoria do conhecimento e a geografia: importância da filosofia nos estudos geográficos. 3. A filosofia clássica e os fundamentos da abordagem geográfica. 4. A Ciência Moderna e as concepções de Natureza. 5. A influência de Descartes, Kant e Comte na construção da Geografia como ciência. 6. A dialética hegeliana e o pensamento geográfico. 7. O pensamento de Engels e a dialética da natureza. 8. Os fundamentos</p>	<p>Básica:</p> <p>CHAUI, M. Convite à Filosofia. 13. ed. São Paulo: Ática, 2003.</p> <p>MARIA, J. História da Filosofia. 8. ed. Porto: Sousa e Almeida, 2003.</p> <p>JAPIASSU, H. Introdução ao pensamento epistemológico. 5. ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 2002.</p> <p>Complementar:</p> <p>ARANHA, M. L. A. Temas de Filosofia. São Paulo: Moderna, 1992.</p> <p>BRANDÃO, G. A Crise dos Paradigmas e a Educação. São Paulo: Cortez, 1994.</p> <p>GARDNER, J. O Mundo de Sofia. São Paulo: Cia</p>

<p>marxianos e marxistas e a ciência geográfica. 9.A leitura dos fenômenos em Hursserl e Merleau-Ponty e sua repercussão na Geografia. 10. A noção de espaço e de espacialidade em Lefebvre e Foucault.</p>	<p>das Letras, 2004.</p> <p>OLIVEIRA, M. A. de. Ética e práxis histórica. São Paulo: Ática, 2004.</p> <p>RIOS, T. Ética e competência. São Paulo: Cortez, 1992.</p>
<p>INTRODUÇÃO A ECOLOGIA:41 H</p> <p>1. O surgimento da ciência ecológica, sua relação com outras ciências e sua importância para a Geografia. 2. Biosfera e processos globais. Fatores naturais que influenciam a Biosfera. 3. Evolução da Vida. 4. Ecossistema. Definição. Processos bióticos e abióticos e Suas relações. Dinâmica: fluxos de matéria e energia, ciclos biogeoquímicos. 5. Comunidades. Definição. Interações Intra e Interespecíficas. Habitat. Nicho Ecológico. 6. Populações. Definição. Fatores bióticos e abióticos que influenciam na população. Interações Intra e Interespecíficas. 7. Impactos da ação antrópica nos processos ecológicos.</p>	<p>Básica:</p> <p>CURTIS, H. 1977. Biologia. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan S.A. 964 p.</p> <p>DAJOZ, R. Ecologia Geral. Petrópolis, Vozes. 472 p.</p> <p>LAROCA, S. 2004. Ecologia: princípios e métodos. Petrópolis: Vozes. 197 p.</p> <p>Complementar:</p> <p>ODUM, E. 2002. Fundamentos de Ecologia. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian. 92.</p> <p>PASSOS, M. M. Biogeografia e paisagem. Maringá: 2003.</p> <p>ROSS, Jurandyr Luciano Sanches. Os fundamentos da geografia da natureza. IN:_____. (org.). Geografia do Brasil. São Paulo: Edusp, 1995</p> <p>TEIXEIRA, W. TOLEDO, M. C. M. FAIRCHILD, T. R. TAIOLI, F. Decifrando a Terra. São Paulo: Ed. Oficina de Textos, 2003.</p> <p>TRICART, J. L. F. Paisagem e Ecologia. São Paulo, 1981.</p>
<p>METODOLOGIA CIENTÍFICA: 68 H</p> <p>1.Ciência e Conhecimento Científico. 2.História da Ciência. 3.Teoria e Observação. 4. Pesquisa Científica e Métodos de Pesquisa. 5.Métodos e Técnicas de trabalho Científico na Elaboração de Trabalhos Acadêmicos</p>	<p>Básica:</p> <p>ANDRADE, M. M. de. Introdução à Metodologia do Trabalho Científico. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2003.</p> <p>CARVALHO, M. C. Construindo o Saber: metodologia Científica, Fundamentos e Técnicas. 14. ed., Campinas: Papirus, 2003.</p> <p>CRUZ, C. & RIBEIRO, U. Metodologia Científica: Teoria e Prática. Rio de Janeiro: Axel Books do Brasil, 2003.</p> <p>Complementar:</p> <p>BEUREN, Ilse Maria (org.) Como elaborar trabalhos monográficos em contabilidade: teoria e prática. Colaboradores. LONGARAY, André Andrade, RAUPP, Marco Aurélio batista de Sousa, COLAU-</p>

	<p>TO, Romualdo Douglas, PORTON, Rosimere, Alves de Bona de. 3a ed. 5. Reimpressão. São Paulo: Atlas, 2010.</p> <p>MÁTTAR NETO, João Augusto. Metodologia científica na era da informática. São Paulo: Saraiva 2007. Número de Chamada: 001.42 M435m</p> <p>OLIVEIRA Netto, Alvim Antonio de. Metodologia da pesquisa científica: guia prático para apresentação de trabalhos acadêmicos. 2ª ed. Florianópolis: visual books, 2008.</p> <p>RICHARDSON, Roberto Jarry. Pesquisa social: métodos e técnicas 3ª Ed São Paulo: Atlas, 2008.</p> <p>SEVERINO, Antonio Joaquim. Metodologia do trabalho científico. São Paulo: Cortez, 2007.</p>
NÚCLEO DE FORMAÇÃO ESPECÍFICA	
EMENTA	BIBLIOGRAFIA
<p>ANÁLISE, PLANEJAMENTO E MANEJO AMBIENTAL: 60H</p> <p>Conceitos básicos de planejamento. Planejamento e paradigmas de desenvolvimento. Unidades de conservação. Etapas e estruturas para o planejamento ambiental. Legislação Ambiental Brasileira. Área, escala e tempo no planejamento. O planejamento ambiental no Brasil. Avaliação de impactos ambientais (EIA e RIMA). Avaliação e modelagem por meio de indicadores ambientais. Caracterização do sistema ambiental: ecossistemas e geossistemas. Planejamento como suporte a gestão de conflitos socioambientais. Integração das informações, tomada de decisão e participação pública. Geografia e Geossistemas – Análise Integrada do Ambiente: Definições do objeto de estudo da geografia física, sistematizando a importância da interação entre os elementos do meio ambiente.</p>	<p>Bibliografia Básica:</p> <p>ALMEIDA, J. R.; ORSOLON, A. M.; MALHEIROS, T. M.; PEREIRA; S. R. B.; AMARAL, F.; SILVA, D. M. Planejamento Ambiental. Rio de Janeiro, Thex Editora. 1993.</p> <p>GUERRA, A. T e CUNHA, S. B. Geomorfologia do Brasil. Bertrand Brasil. 1998.</p> <p>_____. Geomorfologia e Meio Ambiente. São Paulo: Bertrand Brasil: 2000. 396 p.</p> <p>OLIVEIRA, A. M. dos S.; BRITO, S. N. A. de (Ed.). Geologia de engenharia. São Paulo: Associação brasileira de geologia de engenharia, 1998.</p> <p>SANDRA, B. da C. e GUERRA, A. J. T. Avaliação e Perícia Ambiental. Ed. Bertrand Brasil. Rio de Janeiro, 2005:284 p.</p> <p>SANTOS, R. F. dos. Planejamento Ambiental: Teoria e Prática. São Paulo: Oficina de Textos, 2004.</p> <p>Bibliografia Complementar:</p> <p>ALMEIDA, J.R. et al. Política e planejamento ambiental. 3ª Ed, Rio de Janeiro: Thex Ed. 2004.</p> <p>ARAUJO, G. H. de S; ALMEIDA, J. R. de e GUERRA, A. J. T. Gestão Ambiental de Áreas Degradadas. Ed. Bertrand Brasil. Rio de Janeiro, 2005: 320 p.</p> <p>CHASSOT, A.; CAMPOS, H. Ciências da Terra e meio ambiente. São Leopoldo: Ed Unisinos, 2000.</p>

	<p>284 p.</p> <p>CHRISTOFOLETTI, A. Geomorfologia. Edgard Blucher EDUSP. São Paulo, 1984. 150p.</p> <p>DELLA FÁVERA, J.C. 2001. Fundamentos de Estratigrafia Moderna. Rio de Janeiro, Editora da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2001. 264p.</p> <p>FLORENZANO, T.G. Imagens de satélite para estudos ambientais. São Paulo Oficina de Textos, 2002. 97p.</p> <p>FRANCO, M. A. R. Planejamento Ambiental para a cidade sustentável. São Paulo: Annablume, 2000.</p> <p>GUERRA, A. T e CUNHA, S. B. Geomorfologia: Uma atualização de bases e conceitos. Bertrand Brasil. Rio de Janeiro, 1992. 235p.</p> <p>_____. Impactos Ambientais Urbanos no Brasil. Ed. Bertrand Brasil, Rio de Janeiro, 2001: 416 p.</p> <p>GUERRA, A.T. e MARÇAL, M.S. Geomorfologia Ambiental. Ed. Bertrand Brasil, Rio de Janeiro, 2006: 189 p.</p> <p>PENTEADO, M. M. Fundamentos de Geomorfologia. IBGE, Rio de Janeiro, 1975.</p> <p>PRESS, et al. Para entender a Terra. Porto Alegre: Bookman, 2006. 656 p.</p> <p>SEIFFERT, M.E.B. Gestão Ambiental: Instrumentos, Esferas de Ação e Educação Ambiental. São Paulo: Atlas, 2007.</p>
<p>BIOGEOGRAFIA:60 H</p> <p>1. Conceito e evolução da Biogeografia. 2. Teorias biogeográficas. 3. Biogeografia histórica. 4. Flutuações Paleoclimáticas. Teoria dos Refúgios. Mares epicontinentais. 5. Biogeografia Ecológica. Fatores abióticos e bióticos que influenciam na distribuição e especiação biogeográfica. 6. Padrões de Distribuição biogeográfica. Os grandes Biomas e os Biomas brasileiros. Áreas de tensão ecológica. Ecorregiões. Hotspots. Corredores Ecológicos.</p>	<p>Básica:</p> <p>AB'SÁBER, A. N. 2003. Os domínios de natureza no Brasil. Potencialidades paisagísticas, 3ª ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 160p.</p> <p>CARVALHO, C. J. B. & ALMEIDA, E. A. B. 2011. Biogeografia da América do Sul. Padrões e processos. São Paulo: Roca, 328p.</p> <p>MARTINS, C. 1992. Biogeografia e ecologia. São Paulo: Nobel.</p> <p>ROMARIZ, D. A. 2008. Biogeografia - temas e conceitos. São Paulo: Scortecci.</p> <p>TROPMAIR, H. 2006. Biogeografia e meio ambiente. 7ª ed. Rio Claro: Ed. do autor, 206p.</p>

<p>distribuição da vegetação amazônica: floresta de terra-firme, várzea e manguezal (abundância, composição e diversidade) 7. As Formas de apropriação dos grandes Biomas.</p>	<p>Complementar:</p> <p>PASSOS, M. M. 1998. Biogeografia e paisagem. Programa de Mestrado-Doutorado em Geografia FCT-UNESP/ Campus de Presidente Prudente – SP. Programa de Mestrado em Geografia UEM – Maringá – PR.</p> <p>RIZZINI, C. T. 1976/1979. Tratado de Fitogeografia do Brasil. 2 volumes. São Paulo: HUCITEC, EDUSP.</p> <p>SALGADO-LABORIAU, M. L. 1994. História ecológica da Terra. São Paulo: Edgard Blücher Ltda. 307p.</p> <p>SCHÄFER, A. 1985. Fundamentos de ecologia e biogeografia das águas continentais. Porto Alegre, Ed. da UFRS.</p> <p>WALTER, H. 1986. Vegetação e zonas climáticas. Tratado de ecologia global. São Paulo: EPU, 325p.</p>
<p>CARTOGRAFIA TEMÁTICA: 68 H</p> <p>1. A Cartografia como instrumento da análise geográfica: produtos cartográficos –diagramas, gráficos, cartogramas, cartas e etc., cartas temáticas, interpretação e uso; 2.Linguagem Cartográfica – características semiológicas e informação, (signos, sinais e simbologia); 3.Estrutura da Carta – componentes de localização e de qualificação, planos de informação e características dos elementos temáticos (modos de implantação e variáveis retinianas); 4.Métodos da Cartografia Temática – representações qualitativas, representações quantitativas, representações ordenadas e representações dinâmicas; 5.Elaboração de Produtos Temáticos –levantamento de dados, análise e classificação dos dados, informações temáticas e produtos possíveis;6.Tratamento Digital de Dados e Informações na Cartografia Temática –tabulação eletrônica dos dados, georreferenciamento da base cartográfica e construção temática da</p>	<p>Bibliografia Básica:</p> <p>DUARTE, Paulo Araújo. Cartografia básica. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2002.</p> <p>_____. Cartografia temática. Florianópolis: Ed. da UFSC, 1991.</p> <p>_____. Escala. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2001.</p> <p>FITZ, Paulo R. Cartografia básica. 2.ed., rev. e ampl. Centro Universitário La Salle. Canoas/RS, 2005.</p> <p>LIBAULT, André. Geocartografia. São Paulo: Nacional/ EDUSP, 1975.</p> <p>Bibliografia Complementar:</p> <p>JOLY, Fernand. A cartografia. Campinas: Papirus, 2002.</p> <p>LOCH, R. E. N. Cartografia: representação, comunicação e visualização de dados espaciais. Florianópolis: Editora da UFSC. 2006.</p> <p>MARTINELLI, Marcello. Orientação semiológica para as representações da geografia: mapas e diagramas. Orientação, São Paulo, nº8, p.53-62, 1990.</p> <p>_____. Curso de Cartografia Temática. Editora Contexto, São Paulo, 1991.</p> <p>OLIVEIRA, C. de. Curso de Cartografia Moder-</p>

<p>informação.</p>	<p>na. IBGE, RJ, 1988.</p> <p>RAISZ, Erwin. Cartografia geral. Rio de Janeiro: Científica, 1969.</p> <p>SANTOS, Márcia M. Duarte. A representação gráfica da informação geográfica. Revista Geográfica e Ensino. Belo Horizonte 12(23): 1-14, 1987.</p>
<p>CLIMATOLOGIA: 51 H</p> <p>Conceito, definições e princípios básicos da Climatologia. Relações com a Meteorologia. A importância da Climatologia para a Geografia. Radiação solar na atmosfera terrestre. Distribuição e variação global. Insolação e cobertura do céu. Balanço de energia. Temperatura do ar e do solo. Umidade e precipitação. Balanço hídrico. Sistemas de circulação atmosférica. Circulação tropical e subtropical. Classificação dos climas e regimes climáticos: Köppen, Thorntwaite e Strahler. Processos de desertificação, arenização e savanização. Clima urbano e ilha de calor. Mudanças climáticas globais. Paleoclimas do Quaternário e suas implicações geográficas na Amazônia. Mudanças atuais.</p>	<p>Básica:</p> <p>AYODE, J. O. Introdução à Climatologia para os trópicos. São Paulo: Difel, 1996.</p> <p>CONTI, José Bueno. Clima e meio ambiente. 4ª ed. São Paulo: Atual, 1998. (Série Meio Ambiente)</p> <p>MENDONÇA, F. & OLIVEIRA, I. M. Climatologia: noções básicas e climas do Brasil. São Paulo: Oficina de texto, 2007.</p> <p>Complementar:</p> <p>CHRISTOPHERSON, W. Geossistemas: uma introdução à Geografia Física. 7ª Ed. Porto Alegre: Bookman, 2012. 728 p.</p> <p>CUADRAT, J. M. e PITA, M. F. Climatología. Lisboa: Cátreda, 2004.</p> <p>HARTMANN, D.L. Global Physical Climatology. Academic Press, 1994.</p> <p>MIRANDA, P. M. Meteorologia e Ambiente. Universidade Aberta, 2001.</p> <p>MONTEIRO, C. A. F. & MENDONÇA, F. Clima Urbano. São Paulo: Contexto, 2003</p> <p>PEIXOTO, J. P. O Homem, o Clima e o Ambiente. 3Vols. Coleção O Ambiente e o Homem, Secretaria de Estado do Ambiente, Lisboa, 1987.</p>
<p>ESPAÇO E TERRITÓRIO NO MUNDO GLOBALIZADO: 60 H</p> <p>1. A organização do espaço mundial em espaços regionais: constituição histórico-espacial; 2. A regionalização do espaço mundial e a divisão internacional do trabalho; 3. A reconfiguração do espaço mundial: dinâmicas contemporâneas; 4. Definições atuais para região e o espaço mundial: meio técnico-científico-informacional e a organização da sociedade em redes.</p>	<p>Básica:</p> <p>CHESNAIS, François, A mundialização do capital. São Paulo: Xamã, 1996.</p> <p>HAESBAERT, Rogério (org.). Globalização e fragmentação no mundo contemporâneo. Rio de Janeiro: EDUFF, 1998.</p> <p>HARVEY, D. Condição pós-moderna. São Paulo: Loyola, 1992.</p> <p>_____. A Produção Capitalista do Espaço – São Paulo: Annablume, 2005.</p> <p>SANTOS, Milton: Por uma outra Globalização: do pensamento único à consciência universal. 16.</p>

	<p>Ed. Rio de Janeiro: Record, 2008.</p> <p>Complementar:</p> <p>HAERSBERT, Rogério. Blocos Internacionais de Poder. São Paulo: Contexto, 1991.</p> <p>HOBBSAWM, E. J. ERA dos Extremos: o breve século XX 1914-1991 – São Paulo: Companhia das letras, 1995.</p> <p>LANDER, Edgardo (Org.). A colonialidade do Saber Eurocentrismo e Ciências Sociais: Perspectivas Latino-Americanas. Buenos Aires: CLACSO, 2005.</p> <p>MASSEY, Doreen. Pelo Espaço uma Nova Política da Espacialidade: Tradução de Hilda Pareto Maciel, Rogério Haesbaert. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008.</p> <p>SANTOS, Milton. Técnica, Espaço e Tempo (Globalização e meio técnico-científico-informacional). São Paulo: HUCITEC, 1994.</p> <p>SANTIAGO, Theo (org.). Do Feudalismo ao Capitalismo (uma discussão histórica). 3 ed. São Paulo: Contexto, 2002.</p>
<p>FUNDAMENTOS DE GEOCIÊNCIAS: 41 H</p> <p>1. As Eras Geológicas e seus principais eventos geológicos e geomorfológicos. 2. Constituição do Globo Terrestre. Dinâmica crustal (isostasia e tectonismo). Rochas (formação, classificação e identificação). Intemperismo e diagênese. Propriedades geomorfológicas das rochas. 3. Tectônica de Placas. Mecanismos das placas. Formação de litosfera e de zonas de subducção. Margens continentais ativas e passivas. Orogênese. 4. Geologia estrutural. Estratigrafia. Deformação das rochas. Dobramentos (elementos e classificação). Falhamentos (elementos e classificação). 5. Ambientes de sedimentação. Ambientes continentais, transicionais e marinhos. Registros estratigráficos e paleontológicos.</p>	<p>Básica:</p> <p>BIGARELLA, J. J.; BECKER, R. D.; SANTOS, G. F dos. 2009. Estrutura e origem das paisagens tropicais. 2ª ed. Florianópolis: Ed. da UFSC, 425p.</p> <p>FLEURY, J. M. 2004. Curso de Geologia básica. Goiânia: Editora da UFG. 261 p.</p> <p>LEINZ, V. & AMARAL, S. E. 1989. Geologia geral. 11ª ed. São Paulo: Editora Nacional, 399p.</p> <p>PRESS, F.; GROTZINGER, J.; SIEVER, R.; JORDAN, T. H. 2006. Para entender a Terra. Tradução: MENEGAT, R. (coord.). 4ª ed. Porto Alegre: Bookman.</p> <p>TEIXEIRA, W.; TOLEDO, M. C. M de.; FAIRCHILD, T. R. & TAIOLI, F. 2000. (Org.). Decifrando a Terra. São Paulo: Oficina de Textos.</p> <p>Complementar:</p> <p>BLOOM, A. L. 2002. Superfície da Terra. São Paulo: Edgard Blücher Ltda., 184p.</p> <p>EICHER, D. L. 2002. Tempo geológico. São Paulo: Edgard Blücher, Ltda. 172 p.</p> <p>GUERRA, A. T. & GUERRA, A. J. T. 2011. Novo Dicionário Geológico-Geomorfológico. 9ª ed. Rio</p>

	<p>de Janeiro: Bertrand Brasil, 648p.</p> <p>POPP, J. H. 2010. Geologia geral. 6ª ed. Rio de Janeiro: LTC, 309p.</p> <p>SALGADO-LABORIAU, M.L. 1994. História ecológica da Terra. São Paulo: Edgard Blücher Ltda. 307p.</p> <p>SOUZA, C. R. G.; SUGUIO, K.; OLIVEIRA, A. M. S.; OLIVEIRA, P. E. (Eds.) 2005. Quaternário do Brasil. Ribeirão Preto: Holos.</p>
<p>FUNDAMENTOS DE GEOLOGIA E PEDOLOGIA: 68 H</p> <p>1. Conceitos e princípios básicos da Pedologia. Pedologia, Geografia e relações interdisciplinares. 2. Pedogênese e morfogênese. Origem, constituição e morfologia dos solos. 3. Classificação zonal e azonal dos solos. Solos e pedobiomas. Características físicas. 4. Solos do Brasil. 5. Tipos, fatores e mecanismos de erosão dos solos. Voçorocas. 6. Fertilidade e capacidades de uso do solo. Sistemas de manejo. Práticas de caráter vegetativo, edáfico e mecânico. Controle de voçorocas. 7. A Dinâmica da Terra. 8. O sistema Tectônico. 9. Rochas. 10. O Ciclo Geológico. 11. Intemperismo.</p>	<p>Básica</p> <p>BUCKMAN, H. O. & BRADY, N. C. 1997. Natureza e propriedade dos solos. Rio de Janeiro: USAID.</p> <p>LEINZ, V. & AMARAL, S. E. 1989. Geologia geral. 11ª ed. São Paulo: Editora Nacional, 399p.</p> <p>LEPSCH, I. F. 2002. Formação e conservação dos solos. São Paulo: Oficina de Textos.</p> <p>PRESS, F.; GROTZINGER, J.; SIEVER, R.; JORDAN, T. H. 2006. Para entender a Terra. Tradução: MENEGAT, R. (coord.). 4ª ed. Porto Alegre: Bookman.</p> <p>TEIXEIRA, W.; TOLEDO, M. C. M de.; FAIRCHILD, T. R. & TAIOLI, F. 2000. (Org.). Decifrando a Terra. São Paulo: Oficina de Textos.</p> <p>VIEIRA, L. S. 1975. Manual de ciência do Solo. São Paulo: Agronômica CERES LTDA.</p> <p>Complementar:</p> <p>DIRCE, S. 2004. Terra. Porto Alegre: Ed. UFRGS.</p> <p>GUERRA, A. J. T.; SILVA, A. S. & BOTELHO, R. G. M. (Org.) 2010. Erosão e conservação de solos. Conceitos, temas e aplicações. 5ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.</p> <p>POPP, J. H. 2010. Geologia geral. 6ª ed. Rio de Janeiro: LTC, 309p.</p> <p>SANTOS, H. G dos. et al. 2013. Sistema brasileiro de classificação de solos. 3ª ed. revista e ampliada. Brasília: EMBRAPA, 353p.</p> <p>VIEIRA, L. S. 1988. Manual de ciência do solo: com ênfase aos solos tropicais. 2ª Edição. São Paulo: Agronômica CERES LTDA. 464p.</p>
<p>GEOGRAFIA AGRÁRIA: 60 H</p> <p>1. Geografia e a questão agrária; 2. A</p>	<p>Básica:</p> <p>CHAYANOV, Alexander. Vasilevich. La</p>

questão agrária no capitalismo contemporâneo; 3. Camponeses e Campesinato: diferentes abordagens; 4. A produção camponesa familiar; 5. A formação do espaço Agrário Brasileiro; 6. Políticas agrícolas, agrárias e desenvolvimento rural. 6. Desenvolvimento territorial rural no Brasil e a “contra” reforma agrária; 7. Apropriação capitalista da terra e a territorialidade camponesa; 8. O espaço agrário na Amazônia e a geografia da luta por terra e território das populações camponesas; 9. O mapa agrário do território paraense: contradições e conflitos.

organización de la unidad económica campesina. Buenos Aires: Nueva Visión, (1925) 1974.

FERNANDES, Bernardo Mançano. **MST: formação e territorialização.** São Paulo: **Hucitec**, 1999.

_____. **Agronegócio nas Américas: o mito do desenvolvimento e a resistência do campesinato.** São Paulo: XEGAL, 2004.

LOUREIRO, Violeta R. **Amazônia, Estado, homem, natureza.** Ed. CEJUP, Belém, 1992.

MARTINS, José de Souza. **Os camponeses e a política no Brasil.** Petrópolis: Vozes, 1981.

OLIVEIRA, Ariovaldo Umbelino. **A agricultura Camponesa no Brasil.** São Paulo: Contexto, 1991.

_____. **Amazônia, Monopólio, Expropriação e Conflitos.** Ed. Papyrus Campinas, 2003.

Complementar:

ABRAMOVAY, Ricardo. **Paradigmas do capitalismo agrário em questão.** Campinas: Hucitec/Anpocs/Editora da Unicamp, 1992.

AMIN, Samuel. **A questão agrária e o capitalismo.** Ed. Paz e Terra, Rio de Janeiro, 1977.

BOVÉ, José. DUFOUR. François. **O Mundo não é uma mercadoria: camponeses contra a comida ruim.** São Paulo: Editora da Unesp, 2002.

ENGELS, Friederich. “Barbárie e Civilização”. In: **Origem da Família, da Propriedade Privada e do Estado**, cap. IX, pp. 213-237.

FERNANDES, Bernardo Mançano. **Questão agrária, pesquisa e MST.** São Paulo: Cortez Editora, 2001.

KAUTSKY, Karl. **A questão agrária.** São Paulo: Nova Cultural, (1899) 1986.

LEITE, Sérgio et al. **Assentamentos Rurais: mudança social e dinâmica regional.** Rio de Janeiro: Mauad, 2004.

LÊNIN, Vladimir. Ilitch. **O desenvolvimento do capitalismo na Rússia.** São Paulo: Nova Cultural, (1899) 1985.

MEREIROS, Leonilde Sérvalo. **Impactos dos Assentamentos: um estudo sobre o meio rural brasileiro.** São Paulo: Editora da Unesp, 2004.

OLIVEIRA, A.E. e LENAP. **“Amazônia: A**

	<p>Fronteira Agrícola 20 anos depois". Museu Paraense Emílio Goeldi, 2ª Edição, 1992.</p> <p>OLIVEIRA, Ariovaldo Umbelino de. "A Geografia das Lutas no Campo". Ed. Contexto, Col. Repensando a Geografia, 2ª Edição, São Paulo, 2002.</p> <p>STEDILE, João Pedro e FERNANDES Bernardo Mançano. Brava Gente: a trajetória do MST e a luta pela terra no Brasil. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 1999.</p>
<p>GEOGRAFIA DA AMAZÔNIA: 60 H</p> <p>1. A formação política, social, territorial e econômica da região e a Amazônia como fronteira. A organização do território dos séculos XVII a XX. 2. O Domínio Amazônico. Os recursos naturais. Potencialidades; 3. As diferentes formas de regionalização da Amazônia. 4. O espaço da circulação: do meio natural ao meio técnico científico-informacional; 5. (Re) organização e Modernização produtiva do espaço amazônico; 6. As Políticas Territoriais e os grandes projetos; 7. Os vetores do Desenvolvimento Regional; 8. A apropriação e uso pelos diversos grupos sociais dos Recursos Naturais e suas implicações ambientais.</p>	<p>Básica:</p> <p>BECKER, Berta K; MIRANDA, Mariana & MACHADO, Lia Osório. Fronteira Amazônica. Questões sobre a Gestão do Território. Brasília/Rio de Janeiro: UnB/UFRJ, 1990.</p> <p>_____. Amazônia. São Paulo: Ática, 2002. (Série Princípios).</p> <p>CASTRO, Edna Maria R. & MARIN, Rosa E. Acevedo. Estado e Poder Local: dinâmica das transformações na Amazônia brasileira. In: Pará Desenvolvimento. Belém: IDESP, n.º 16; 20/21, 1986-87. p: 09-14.</p> <p>CORRÊA, Roberto Lobato. A periodização da rede urbana da Amazônia. Revista Brasileira de Geografia, Rio de Janeiro, RJ, v.49, n.3, p.39-68, jul. 1987.</p> <p>Complementar:</p> <p>BECKER, B. O Estado da Nação. In: D'INÇÃO, M. A.; SILVEIRA, I. M. (Org.). A Amazônia e a Crise da Modernização. (Belém-Pará): Museu Paraense Emilio Goeldi, 1994, pp. 101-107.</p> <p>BECKER, B. K. Modelos e Cenários para a Amazônia: o Papel da Ciência. Revisão das Políticas de Ocupação da Amazônia: é possível identificar modelos para projetar cenários? In: Parcerias Estratégicas, nº 12, Setembro, p.135-159, 2001. Disponível em: <www.ufpa.br/epdir/images/docs/paper28.pdf>.</p> <p>CARDOSO, Fernando H. & MULLER, Geraldo. Amazônia: expansão do capitalismo. S.P. Brasiliense, 1977.</p> <p>COSTA, E. J. M. Problemática da superação do subdesenvolvimento e a questão da integração regional. In: COSTA, José Marcelino M. (coord.). Amazônia: Desenvolvimento ou Retrocesso.</p>

	<p>Belém: CEJUP, 1992.</p> <p>CASTRO, Iná Elias de et al. BRASIL: Questões atuais da reorganização do território. R.J.: Bertrand Brasil, 1996.</p> <p>CORRÊA, Roberto Lobato. Algumas considerações sobre análise regional. In: RGB. R.J. IBGE, v. 49, out/dez, 2002. p. 47-52.</p> <p>EMMI, Marília. A oligarquia do Tocantins e o domínio dos castanhais. Belém: CFCH/NAEA/UFPA</p> <p>TAVARES, Maria Goretti da Costa. A Amazônia brasileira: formação histórico-territorial e perspectivas para o século XXI. In: GEOUSP - Espaço e Tempo, São Paulo, N° 29 - Especial, pp. 107 - 121, 2011.</p> <p>TRINDADE JR. Saint. Clair. Cordeiro da. Cidades na floresta: os “grandes objetos” como expressões do meio técnico-científico informacional no espaço amazônico. Revista ieb n50 2010. set./mar. p. 13-13</p>
<p>GEOGRAFIA DA INDÚSTRIA: 60 H</p> <p>1. Definição do campo de estudo da geografia da indústria. 2. Relação entre a organização espacial e a indústria. 3. Fatores de localização das atividades industriais: Teoria de localização e orçamentos comparados. 4. Análise do sistema industrial. 5. A indústria e o planejamento urbano. 6. O comércio e as atividades complementares da produção industrial. 7. Os fixos e os fluxos e sua relação com a indústria. 8. Análise da nova geografia da indústria e as mudanças nas relações de trabalho a partir dos paradigmas produtivos em vigor. 9. Desconcentração industrial e suas implicações na organização espacial. 10. As novas tecnologias de produção e a sua relação com as atividades industriais.</p>	<p>Básica:</p> <p>ANDRADE, Manuel Correia de. Geografia Econômica. São Paulo: Atlas, 1998.</p> <p>BECKOUSECHE, Pierre. Indústria em só mundo. São Paulo: Ática, 1998 (Geografia Hoje)</p> <p>CARLOS, Ana Fani Alessandri. Espaço e indústria. São Paulo: Contexto, 1997 (Repensando a Geografia).</p> <p>Complementar:</p> <p>AZZONI, Carlos Roberto. Onde Produzir? Aplicação da Teoria da localização no Brasil. São Paulo: IPE-USP, 1985.</p> <p>BENKO, Georges. Economia, espaço e globalização na aurora do século XXI. São Paulo: Hucitec, 1996.</p> <p>CLEMENT, Ademir. Economia regional e urbana. São Paulo: Atlas, 1994.</p> <p>DEAN, Warren. A industrialização de São Paulo. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1991.</p> <p>GEORGE, Pierre, et al (orgs.). Geografia Ativa. São Paulo: Difel, 1980.</p> <p>HUNT, E. K, SHERMAN, H. J. História do pensamento econômico. Petrópolis: Vozes, 1998.</p>

	<p>MANZAGOL, Claude. Lógica do espaço industrial. São Paulo, 1985.</p> <p>OLIVEIRA, Ariovaldo Umbelino de. Amazônia: monopólio, expropriação e conflitos. Campinas (SP): Papirus, 1990. (Série Educando)</p> <p>ROSS, Jurandir Sanches (org.). Geografia do Brasil. São Paulo: EDUSP, 1995.</p>
<p>GEOGRAFIA DA POPULAÇÃO: 68 H</p> <p>1.As teorias demográficas e as concepções clássicas de estudos populacionais: Thomas R. Malthus e as leis do crescimento populacional, David Ricardo e os rendimentos decrescentes, Karl Marx, a força de trabalho, o excedente e as contradições do MPC- Modo de Produção Capitalista e John Stuart Mill e o estado estacionário. 2. Evolução, crescimento e distribuição da população. 3. Migrações e mobilidade do trabalho: movimentos internacionais, nacionais e regionais. 4. Crise do trabalho e as novas formas de mobilidade territorial. 5. Transição demográfica. 6. População, meio ambiente e desenvolvimento. 7. Modo de vida e populações tradicionais. 8. Fontes de dados demográficos e populacionais: censos, Pnads, cartórios. 9. Técnicas demográficas. 10. As conferências mundiais sobre população. 11. Transição demográfica e envelhecimento da população brasileira: repercussões sobre o trabalho e a previdência. 12. Planejamento familiar no Brasil.</p>	<p>Básica:</p> <p>Becker, O. M. S. Mobilidade espacial da sociedade: conceitos tipologia, contextos. In: Explorações geográficas: percursos no fim do século / Iná Elias de Castro, Paulo César da Costa Gomes, Roberto Lobato Corrêa (organizadores). 2º ed. – Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006.</p> <p>DAMIANI, A. L. População e Geografia. São Paulo: Contexto, 1991. (Col. Caminhos da Geografia).</p> <p>GEORGE, P. Geografia da População. Tradução de Miguel Urbano Rodrigues. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1969.</p> <p>MALTHUS, Thomas Robert, 1766-1834. Princípios de economia política: e considerações sobre sua aplicação prática; ensaios sobre a população / Thomas Robert Malthus. Notas aos princípios de economia política de Malthus / David Ricardo; apresentação de Ernane Galvêa; traduções de Regis de Castro Andrade; Dinah de Abreu Azevedo e Antônio Alves Cury. – São Paulo: Abril Cultural, 1973.</p> <p>MALTHUS, Thomas. Economia / organizador (da coletânea) Tamas Szmrecsányi. São Paulo: Ática, 1983.</p> <p>ROCHA, Maria Isabel Baltarda. Política Demográfica e parlamento. Debates e decisões sobre o controle da natalidade. Textos NEPO 25 (Núcleo de Estudos de População), UNICAMP, Campinas, Fevereiro 1993;</p> <p>TORRES, H. População e Meio Ambiente: Debates e Desafios. São Paulo: SENAC, 2000.</p> <p>Complementar:</p> <p>ARAGÓN, L. E. & MOUGEOT, L. Migrações internas na Amazônia: contribuições teóricas e metodológicas. Belém: UFPA/NAEA/CNPq, 1986. (Cadernos NAEA, nº 8).</p>

	<p>BRITO, Fausto; CARVALHO, José Alberto M. de. Somos um país jovem? In: Que país é esse? Pensando o Brasil contemporâneo / (org.) Edu Silvestre de Albuquerque. – São Paulo: Globo, 2005.</p> <p>FONSECA SOBRINHO, D da. Estado e População: Uma história do planejamento familiar no Brasil. São Paulo: Rosa dos tempos, s.d. (Saraiva)</p> <p>MARTINS, D.& VANALLI, S. Migrantes. São Paulo: Contexto, 1996.</p> <p>SERRA, Márcia Milena Pivatto. Aspectos Demográficos da Circulação de Crianças no Brasil. Textos NEPO (Núcleo de Estudos de População), UNICAMP, Campinas;</p> <p>SINGER, P. Migrações internas: considerações teóricas sobre o seu estudo. In: Economia política da urbanização. 11. ed., São Paulo: Brasiliense, 2003.</p>
<p>GEOGRAFIA DO PARÁ: 60 H</p> <p>1. A produção do espaço paraense: formação e fragmentação do território; a economia da borracha e as frentes pioneiras do território paraense; reorganização e modernização do espaço paraense: estratégias de ocupação e integração; a problemática ambiental no espaço paraense: o papel do Estado e da sociedade local; diferenças espaciais, identidades territoriais e emancipação; os recortes territoriais no espaço paraense; as populações tradicionais no espaço paraense: formas de organização sócio-espacial e novas territorialidades.</p>	<p>Básica:</p> <p>BECKER, Bertha K; MIRANDA, Mariana; MACHADO, Lia Osório. Fronteira Amazônica. Questões sobre a gestão do território. Brasília: UNB; Rio de Janeiro; UFRJ, 2002. 219p.il.</p> <p>ROCHA, Gilberto de Miranda. Reflexões sobre a região e a redivisão Territorial da Amazônia: o caso do Sudeste Paraense. Belém: FIPAM VII, 2002 (impresso).</p> <p>MACHADO, Lia Osório. Mitos e realidades da Amazônia brasileira no contexto geopolítico internacional (1540-1912). Barcelona, Depto. de geografia Humana, 2002. 512p. (Tese de Doutorado)</p> <p>Complementar:</p> <p>CRUZ, Ernesto. A estrada de ferro de Bragança: visão social, econômica e política. Belém: SPEVEA, 1955.</p> <p>DIAS, Sérgio da Fonseca (Coord.) Zoneamento ecológico-econômico do estado do Pará. Belém: IDESP, 1991 (Estudos Paraenses).</p> <p>MIRANDA NETO, Manoel José de. O Dilema da Amazônia. 2ed. Belém: Cejup, 2001. 154p.</p> <p>_____. Marajó: desafio da Amazônia. 2ed. Belém: Cejup, 2000. 190p.</p> <p>PINTO, Lúcio Flávio. Jari. Toda a verdade sobre o</p>

projeto de Ludwig. As relações entre estado e multinacional na Amazônia. Belém, ed. Marco Zero, 1986. 219p.

ROCHA, Gilberto de Miranda (Org.). **Município e Território.** 1. ed. Belém do Pará: Núcleo de Meio Ambiente NUMA-UFPA, 2011. v. 1. 310p.

_____. **A construção da usina hidrelétrica e a redivisão político-territorial na área de Tucuruí - PA.** São Paulo: USP, 1999. (Tese de Doutorado)

SILVA, João Márcio Palheta da. **Exercícios do Poder:** as experiências de gestão e autonomia financeira de Parauapebas e Curionópolis no Sudeste do Pará. Belém: NAEA, 1999. (Dissertação de Mestrado)

SOUZA, Carlos Henrique Lopes de. **Elementos para compreensão da territorialidade Camponesa da Amazônia:** a experiência dos trabalhadores rurais em Araras e Ubá (PA). Recife: UFPE, 1994. (Dissertação de Mestrado).

TAVARES, Maria Goretti da Costa Tavares. **O Município no Pará:** A Dinâmica territorial Municipal de São João do Araguaia – PA. Rio de Janeiro: Programa de Pós-Graduação em Geografia, 1992 (Dissertação de Mestrado).

_____. **A Dinâmica espacial da rede de distribuição de energia elétrica no estado do Pará** (1968-1996). Rio de Janeiro: Programa de Pós-Graduação em Geografia, 1999. 321p. (Tese de Doutorado).

_____. **A Amazônia brasileira: formação histórico-territorial e perspectivas para o século XXI.** In: GEOUSP - Espaço e Tempo, São Paulo, Nº 29 - Especial, pp. 107 - 121, 2011.

_____. **A formação territorial do espaço paraense: dos fortes à criação de municípios.** In: Revista ACTA Geográfica, ANO II, nº3, jan./jun. de 2008. p.59-83. Em: revista.ufr.br/index.php/actageo/article/download/204/364. Acesso: Fevereiro de 2012.

TRINDADE, José Raimundo Barreto Trindade. **A Metamorfose do Trabalho na Amazônia:** Para além da Mineração Rio do Norte. Belém: UFPA/NAEA/PDTU, 2001.

TRINDADE Jr, Saint-Clair Cordeiro da & ROCHA, Gilberto de Miranda (Org.). **Cidade e empresa na Amazônia:** gestão do território e

	desenvolvimento local. Belém: Paka-Tatu, 2002. 312p.
<p>GEOGRAFIA ECONÔMICA: 60 H</p> <p>1. A geografia econômica: conceito e perspectivas. 2. A gênese das relações econômicas e sua dimensão espacial: a divisão técnica e social do trabalho e do espaço. 3. A economia política do espaço: a teoria do valor e a valorização capitalista do espaço. 4. Regimes de acumulação e estratégias de reestruturação econômica no mundo contemporâneo. 5. A economia-mundo: espaço, economia e globalização. 6. Teorias e Modelos de Desenvolvimento.</p>	<p>Básica:</p> <p>ANDRADE, M. C. de. Geografia econômica. São Paulo: Atlas, 2003.</p> <p>BENKO, Georges. Parte 1: economias e territórios em mutação. In: _____ Economia, espaço e globalização: na aurora do século XXI. 2ª edição. São Paulo: HUCITEC, 1999 (p. 19-101)</p> <p>CLAVAL, Paul. Geografia Econômica e Economia. GeoTextos. vol. 1, n. 1, p. 11-27, 2005.</p> <p>CORRÊA, Roberto Lobato. Repensando a teoria dos lugares centrais. In: _____ Trajatórias geográficas. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005 (p.15-40)</p> <p>EGLER, C. A. G. Que fazer com a geografia econômica neste final de século? Mimeo (8 p.).</p> <p>HARVEY, D. A geografia da acumulação capitalista: uma reconstrução da teoria marxista. In: _____ A produção capitalista do espaço. 2ª edição. São Paulo: Annablume, 2006. (p. 41-73).</p> <p>HARVEY, D. Condição pós-moderna. São Paulo: Loyola, 1992.</p> <p>KING, Leslie J. Alternativas para uma Geografia positiva. IN: CHRISTOFOLETTI, Antônio (org.) Perspectivas da Geografia. São Paulo: Difel, 1982. (p.269-298).</p> <p>LIPIETZ, Alan. O compromisso fordista. In: _____ Audácia: uma alternativa para o século XXI. São Paulo: Nobel, 1991. (p. 27-39)</p> <p>_____ O fim da idade de ouro. In: _____ Audácia: uma alternativa para o século XXI. São Paulo: Nobel, 1991. (p. 41-49)</p> <p>MORAES, A. C. R.; COSTA, W. M. Geografia crítica: a valorização do espaço. São Paulo: Hucitec, 1984.</p> <p>QUAINI, Massimo. Das “sociedades naturais à “sociedade histórica”. In: _____ Marxismo e Geografia. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979 (p. 65-124) (Coleção Geografia e Sociedade; v. 1).</p> <p>SANTOS, Milton. Economia Espacial. Críticas e Alternativas/ tradução Maria Irene de Q. F. Szmrecsányi. – 2ª. Ed. – SP: Editora da Universidade de SP, 2003.</p>

SANTOS, Milton. **O Espaço Dividido: Os dois Circuitos da Economia Urbana dos Países Subdesenvolvidos**; tradução Myrna T. Rego Viana. – 2ª. Ed. – SP: Editora da Universidade de SP, 2004.

SINGER, P. **Curso de introdução à economia política**. Rio de Janeiro: Forense, 2003.

Complementar:

BOURDIN, Alain. **A questão local**; tradução de Orlando dos Santos Reis. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

CARLOS, A. F. A. **Espaço e indústria**. São Paulo: Contexto/Edusp, 2002.

CATANI, A. M. **O que é capitalismo**. São Paulo: Brasiliense, 1984.

CASTELLS, Manuel. **A Sociedade em Rede**; tradução: Roneide Venâncio Majer. – (A Era da Informação: economia, sociedade e cultura; v. 1) – São Paulo: Paz e Terra, 1999.

DOBB, M. **A evolução do capitalismo**. Rio de Janeiro: LTC, 2003.

GALEANO, E. **As veias abertas da América Latina**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2000.

GAMA, A. Uma ruptura epistemológica na geografia: a teoria dos lugares centrais. **Revista Crítica de ciências sociais**. Nº 12, p. 41-59, 1983

_____. **A produção capitalista do espaço**. 2ª edição. São Paulo: Annablume, 2006.

GREGORY, D.; MARTIN, R.; SMITH, G. **Geografia humana: sociedade, espaço e ciência social**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar editor, 1996.

HOBBSBAWM, E. J. **A era das revoluções-1789-1848**. 12. ed., Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2000.

LEFF, Enrique. **Ecologia, Capital e CULTURA: A Territorialização da Racionalidade Ambiental**; tradução do texto da primeira edição de Jorge E. Silva; revisão técnica desta edição de Carlos Walter Porto Gonçalves. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2009. – (Coleção Educação Ambiental).

PIQUET, Rosélia. **Indústria e Território no Brasil Contemporâneo**. – Rio de Janeiro: Garamond, 2007.

SANTOS, M. et al. **Globalização e espaço latino-americano**. S. 1. Anablume, 2002.

	<p>SEM, Amartya Kumar. O Desenvolvimento Como Liberdade; tradução Laura Teixeira Motta; revisão técnica Ricardo Doniselli Mendes. – SP: Companhias das Letras, 2000.</p> <p>WOLKMER, A. C. O terceiro mundo e a nova ordem internacional. São Paulo: Ática, 2002.</p>
<p>GEOGRAFIA FÍSICA: 68 H</p> <p>1.O conceito e a gênese de paisagem. Modelos anglo-americano e germânico. 2.A teoria de Sistemas e a Geografia Física. Geossistema. Ecodinâmica. Ecogeografia. 3.Os processos atuais e sub-atuais e a Geografia do Quaternário. 4.O Materialismo Histórico e Dialético na Geografia Física. 5.Aplicações da Geografia Física. O estudo dos processos espaciais e temporais naturais nos diferentes ramos da Geografia Física. O estudo da ação do homem e a Geografia Física Ambiental. 6. Estudo da paisagem.</p>	<p>Básica:</p> <p>CHRISTOFOLETTI, Antonio. Modelagem de sistemas ambientais. São Paulo: Edgard Blücher, 1999.</p> <p>MENDONÇA, F. Geografia Física: Ciência humana? São Paulo: Contexto, 1989.</p> <p>MONTEIRO, C. A de F. Geossistemas: a história de uma procura. São Paulo: Contexto, 1995.</p> <p>Complementar:</p> <p>BERTRAND, Georges. Paisagem e Geografia Física Global. Esboço metodológico. In: Caderno de Ciências da Terra n.º 13. São Paulo, 1971, USP/IG.</p> <p>GUERRA, Antônio Teixeira. Novo dicionário geológico-geomorfológico.3.ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.</p> <p>MENDONÇA, F.; KOZEL, S.(orgs.) Epistemologia da Geografia Contemporânea. Curitiba, Editora da UFPR, 2002.</p> <p>ROSS, Jurandyr Luciano Sanches. Geomorfologia: ambiente e planejamento. 7.ed. São Paulo: Contexto, 2003</p> <p>VITTE, A.C. & GUERRA, A.J.T. (orgs.). Reflexões sobre a Geografia Física no Brasil. Rio de Janeiro, 2004, Editora Bertrand Brasil. 280 p.</p>
<p>GEOGRAFIA GERAL DO BRASIL: 68 H</p> <p>1. A produção do espaço Territorial Brasileiro no período colonial; 2. As estratégias da Coroa Portuguesa no processo de interiorização da ocupação do território; 3. Do meio natural ao meio técnico-científico-informacional no Brasil: Os meios naturais, o Brasil arquipélago – a mecanização incompleta, o meio técnico da circulação mecanizada; 4. A reorganização produtiva do</p>	<p>Básica:</p> <p>ANDRADE, Manuel C. A questão do território no Brasil. São Paulo/Recife, Hucitec/IPESPE, 2004</p> <p>BECKER, Bertha K. & EGLER, Cláudio E. G. Brasil. Uma potência regional na Economia-mundo. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 2000.</p> <p>MORAES, Antônio Carlos Robert. Geografia Histórica do Brasil: Cinco Ensaio, Uma Proposta e uma Crítica. SP: Annablume, 2009.</p> <p>_____. Território e Historia do Brasil: São Paulo. Annablume, 2005.</p> <p>SANTOS, Milton & SILVEIRA, Maria Laura. O</p>

território com o processo de industrialização; 5. A divisão territorial do trabalho, os circuitos espaciais da produção e círculos de cooperação no Brasil; 6. As diferentes evoluções técnicas do território brasileiro; 7. As políticas públicas para modernização do território nacional brasileiro - o nacional desenvolvimentismo; 8. A crise do Estado e as tentativas de inserção da economia nacional na economia que se globaliza cada vez mais intensamente; 9. Os grandes “gargalos” existente no território nacional; 10 As múltiplas escalas de desenvolvimento territorial no Brasil desafios e perspectivas para o território nacional.

Brasil. Território e sociedade no início do século XXI. Rio de Janeiro, Record, 2001.

Complementar:

ABREU, Maurício de Almeida. A Apropriação do Território no Brasil Colonial. In; **Explorações Geográficas:** percursos no fim do século/Iná Elias de Castro, Paulo Cesar Costa Gomes, Roberto Lobato Corrêa (organizadores). – 2º ed. – Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006.

BENJAMIM, César et. al. **A Opção brasileira.** São Paulo. Contraponto, 1998.

BRANDÃO, Carlos Antônio. **Território e Desenvolvimento:** as múltiplas escalas entre o local e o global. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2007.

COSTA, Wanderley M. **O Estado e as políticas territoriais no Brasil.** São Paulo, Contexto, 2002. (Coleção repensando a Geografia).

EGLER, Claudio A. G. Crise e Dinâmica das Estruturas Produtivas Regionais no Brasil. In; **Brasil.** Questões atuais da reorganização do território. / CASTRO, Iná, GOMES, Paulo C. & CORRÊA, Roberto L. (Org.). Rio de Janeiro. Bertrand Brasil, 1996.

FERNANDES, Florestan. **A revolução burguesa no Brasil.** Ensaio de interpretação sociológica. Rio de Janeiro, Zahar, 1976.

FURTADO, Celso. **Formação Econômica do Brasil.** 21.ª Ed. São Paulo, Nacional, 2001.

JUNIOR, Gilberto Oliveira da Silva. BNDS: 50 anos de ordenamento do Território Brasileiro. In; **Questões Nacionais e Regionais do Território Brasileiro/** Márcio Rogério Silveira, Lisandra Pereira Lamoso, Paulo Fernando Cirino Mourão (organizadores)- 1ª ed. São Paulo: Expressão Popular: UNESP. Programa de Pós-Graduação em Geografia, 2009.

MAGNOLI, Demétrio. **O Corpo da Pátria.** Imaginação geográfica e política externa no Brasil. São Paulo, UNESP/Moderna, 1997.

MORAES, Antônio Carlos Robert. Ocidentalismo e História da Geografia no Brasil. In; **Geografia, Tradições e Perspectivas:** A Presença de Pierre Monbeig/ Amalia Inés Geraiges de Lemos, Emerson Galvani (organizadores). 1ª ed. CLACSO/

	<p>Expressão Popular. São Paulo, 2009.</p> <p>PRADO JR., Caio. História Econômica do Brasil. 43.^a Ed. São Paulo, Brasiliense, 1998.</p> <p>REVISTA TERRA BRAZILIS. N.º 2. Ano I. Jul/Dez 2000. Rio de Janeiro, R J. Wiley & Sons, Inc. 594 p.</p> <p>REVISTA TERRITÓRIO. N.º 2. Vol. 1Jan/Jun. 1997. Relume/Dumará. LAGET/UFRJ.</p> <p>SILVEIRA, Márcio Rogério. As Cincos Revoluções e Evoluções Logísticas e Seus Impactos Sobre o Território Brasileiro. In; Questões Nacionais e Regionais do Território Brasileiro/ Márcio Rogério Silveira, Lisandra Pereira Lamoso, Paulo Fernando Cirino Mourão (organizadores)- 1^a ed. São Paulo: Expressão Popular: UNESP. Programa de Pós-Graduação em Geografia, 2009.</p> <p>SILVEIRA, Maria Laura. Por Que há Tantas Desigualdades Sociais no Brasil: um panorama da riqueza e da pobreza brasileira. In; Que País é Esse? Pensando o Brasil contemporâneo/ (org.) Edu Silveira de Albuquerque. – São Paulo: Globo, 2005.</p>
<p>GEOGRAFIA HUMANA: 68 H</p> <p>1. Definição da Geografia Humana. Relação Homem/Natureza na Produção Social do espaço. Significado e objeto geografia humana. 2 Os fundamentos filosóficos positivistas e construção da geografia humana. A crítica marxista e teoria social do espaço. 3. Espaço, Modernidade, Técnica e Meio Técnico-científico-Informacional. 4. Conceitos e Categorias: Paisagem, Espaço, Território, Região e lugar.</p>	<p>Básica</p> <p>BARRIOS, Sônia. A produção do espaço. IN: SOUZA, M. A. de. SANTOS. Milton. (Orgs). A construção do espaço. São Paulo: Nobel, 1986.</p> <p>DEMANGEON, Albert. Uma definição da geografia humana. IN: CHRISTOFOLETTI, Antônio (org.) Perspectivas da Geografia. São Paulo: Difel, 1982.</p> <p>LA BLACHE, P. Vidal de. Significado e objeto da geografia humana. IN: _____ Princípios de geografia humana. Coleção marcha da humanidade, edições cosmos. Lisboa, Portugal, 2^a edição (edição francesa, 1921).</p> <p>QUAINI, M. A construção da geografia humana. Rio de Janeiro: Paz e Terra,</p> <p>SANTOS, M. A Natureza do Espaço: técnica e tempo, razão e emoção. SP: HUCITEC, 1996. (Capítulos: 2 e 10).</p> <p>SORRE, Max. Geografia. (Tradução Januário F. Megale, Maria Cecília França e Moacyr Marques). São Paulo: Ática, 1984.</p> <p>Complementar</p> <p>BARROS, N. C. de. Geografia humana: uma in-</p>

	<p>trodução a sua história. Recife: Edufpe, 1996.</p> <p>CARLOS, A. F. A. O lugar no/do mundo. São Paulo: Hucitec, 1996.</p> <p>CASTRO, I. E. de.; GOMES, P. C. da C.; CORRÊA, R. L. (Orgs.). Geografia: conceitos e temas. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004. (capítulos: 1 e 2)</p> <p>CLAVAL, Paul. Geografia Econômica e Economia. GeoTextos, vol. 1, n. 1, p. 11-27, 2005.</p> <p>_____. Terra dos Homens: a geografia; Tradução Domitila Madureira. – São Paulo: Contexto, 2010.</p> <p>CORRÊA, R. L. Região e organização espacial. 2. ed., São Paulo: Ática, 2003. (Série Princípios).</p> <p>_____. Trajetórias geográficas. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997.</p> <p>MESQUITA, Z. & BRANDÃO, C. (Orgs.). Territórios do cotidiano: uma introdução a novos olhares e experiências. Porto Alegre: Edufrs, 2004.</p> <p>MORAES, A. C. R. de. Geografia: pequena história crítica. 2. ed., São Paulo: Hucitec, 2001.</p> <p>_____. A gênese da geografia moderna. São Paulo: Hucitec, 2002.</p> <p>MOREIRA, R. O que é geografia. São Paulo: Brasiliense, 1991. (Col. Primeiros Passos).</p> <p>_____. O círculo e a espiral: a crise paradigmática do mundo moderno. Rio de Janeiro: Obra Aberta, 2000.</p> <p>_____. Pensar e Ser em Geografia: ensaios de história, epistemologia e ontologia do espaço geográfico. – São Paulo: Contexto, 2007.</p> <p>SANTOS, M. Por uma geografia nova. 3. ed., São Paulo: Hucitec, 2000.</p> <p>_____. Metamorfose do espaço habitado. 4 ed. São Paulo: Hucitec, 1996.. ed. São Paulo: Hucitec, 1998.</p> <p>SMITH, Susan J. Geografia Urbana num Mundo em Mutação. IN: DEREK, Gregory, RON, Martin, GRAHAM, Smith. Geografia Humana: sociedade, espaço e ciência social. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996.</p> <p>SOJA, Edward W. Geografias Pós-modernas: a reafirmação do espaço na teoria social; tradução</p>
--	---

	(da 2ª ed. Inglesa), Vera Ribeiro; revisão técnica, Bertha Becker, Lia Machado. – Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1993.
<p>GEOGRAFIA POLÍTICA: 68 H</p> <p>1.A geografia política clássica e a geopolítica. 2. Evolução e renovação da geografia política; 3. As categorias fundamentais da geografia política: espaço, território, territorialidade e poder; 4. As relações entre Estado e território. Estado, nações, nacionalismos, regionalismo e localismos; 5. Crise e reestruturação das instituições políticas; 6. O revigoramento do poder do Estado, novas tecnologias e o Estado em rede. 7. As organizações supra-estatais e o governo mundial; 8. Blocos internacionais de poder; 9. Conflitos geopolíticos, excedente e guerra. 10.Etnias, religiões e o conflito civilizatório; 11. Centralização e descentralização da esfera pública; 12. A (re) divisão e o ordenamento territorial: a perspectiva do Estado e dos diversos atores sociais; 13. Atores, estratégias, os recursos e o poder: a dimensão geopolítica da apropriação dos recursos naturais; 14. Democracia e cidadania, política e território no Brasil e na Amazônia.</p>	<p>Básica:</p> <p>CASTRO, Iná Elias de. Geografia e Política: território, escalas de ação e instituições. Bertrand Brasil, Rio de Janeiro, 2009.</p> <p>CLAVAL, Paul. Espaço e poder. Rio de Janeiro, Zahar, 1979.</p> <p>COSTA, Wanderley Messias da. Geografia e Geopolítica: discurso sobre o território e o poder. Hucitec, São Paulo, 1992.</p> <p>_____. O Estado e as políticas territoriais no Brasil. São Paulo, Contexto/EDUSP Sica:, 2002.</p> <p>RAFFESTIN, Claude. Por Uma Geografia do Poder. São Paulo: Ática, 2000.</p> <p>RATZEL, F. O solo, a sociedade e o Estado, cap. de Politsch Géographie (1897), in Revista do Departamento de Geografia, (2), São Paulo, FFLCH/USP, 1983.</p> <p>Complementar:</p> <p>DIX, A. Geografia Política. Barcelona, Labor, 1929.</p> <p>GOTTMANN, Jean. La politique des Etats et leur Géographie. Paris, Armand Colin, 1952.</p> <p>GRAMSCI, A. Maquiavel, a política e o Estado moderno. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1976.</p> <p>GUICHONET, P; RAFFESTIN, Cloude. Géographie des frontières. Paris, PUF, 1974.</p> <p>HELLER, Herman. Teoria do Estado. São Paulo, MestreJou, 1968.</p> <p>MAGNOLI, Demétrio. O que é Geopolítica. São Paulo, Brasiliense, 1986.</p> <p>WEIGERT, H. W. Geopolítica, gerais e geógrafos. México, Fondo de Cultura Econômica, 1943.</p>
<p>GEOGRAFIA REGIONAL DO BRASIL: 68 H</p> <p>1. As desigualdades territoriais e as primeiras divisões regionais propostas para o espaço territorial brasileiro; 2. A divisão regional do</p>	<p>Básica:</p> <p>BECKER, Bertha; K.& EGLER, Cláudio E. G.A Economia-Mundo e as Regiões Brasileiras. In: Brasil. Uma nova potência Regional na economia-mundo. Rio de Janeiro, Bertrand</p>

<p>IBGE: Origem, caracterização críticas e atualização; 3. A divisão do Brasil em Domínios morfoclimáticos de Aziz Ab'Saber: Amazônico, Cerrado, Caatinga, Mares de morros, Pradarias e Zonas de transição; 4. A regionalização do espaço territorial brasileiro proposta por Pedro Geiger: as macro-regiões geoeconômicas (Centro-Sul, Nordeste e Amazônia); 5. A divisão territorial do trabalho e a regionalização do espaço brasileiro de Roberto Lobato Corrêa; 6. A divisão regional do Brasil de Bertha Becker e Cláudio Egler: A core-área e sua periferia integrada, os domínios tradicionais e a grande fronteira; 6. A difusão do meio técnico científico informacional e as diferenciações do território brasileiro - Os quatro Brasis: A região concentrada (Sudeste e Sul) do Brasil sua estruturação e dinâmica; o Centro-Oeste suas particularidades; o Nordeste e suas peculiaridades regionais; a Amazônia: uma introdução.</p>	<p>Brasil,2000.</p> <p>_____. O legado da Modernização Conservadora e a Reestruturação do Território. In: Brasil. Uma nova potência Regional na economia-mundo. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 2000.</p> <p>SANTOS, Milton & SILVEIRA, Maria Laura. O Brasil: Território e sociedade no início do século XXI. Rio de Janeiro/São Paulo, Record, 2001.</p> <p>Complementar:</p> <p>BEÇAK, Peggy. Mercosul: uma experiência de integração regional. São Paulo: Contexto, 2000.</p> <p>CANO, W. Desequilíbrios regionais e concentração industrial. São Paulo: UNESP, 2007</p> <p>CASTRO, Iná E, GOMES, Paulo César da Costa & LOBATO CORRÊA, Roberto (org.). Brasil: Questões atuais da reorganização do território. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 1996.</p> <p>CORRÊA, Roberto Lobato. A organização Regional do Espaço Brasileiro. In: Trajatórias Geográficas. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997, p. 197-210.</p> <p>OLIVEIRA, Francisco de. Elegia para uma re(li)gião. 3ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.</p>
<p>GEOGRAFIA RURAL: 51 H</p> <p>1. A Geografia e a questão agrária: os clássicos no mundo e no Brasil. 2. A geografia agrária: abordagens teórico-metodológicas; 3. O Espaço agrário: a relação homem e natureza e modos de produção; 4. A questão agrária: revoluções e contra-revoluções. 5. A formação do espaço Agrário Brasileiro; 6. Apropriação capitalista da terra e a territorialidade camponesa. 6. O espaço agrário na Amazônia e no Pará.</p>	<p>Básica:</p> <p>ABRAMOVAY, R. Paradigmas do capitalismo agrário em questão. Campinas: Hucitec / Anpocs / Editora da Unicamp, 1992.</p> <p>ANDRADE, Manuel Correia de. Geografia rural: questões teórico-metodológicas e técnicas. Boletim de Geografia Teórica. V. 25, Nos 49-50, 1995.</p> <p>CHAYANOV, Alexander V. Sobre a teoria dos sistemas econômicos não capitalistas. In: GRAZIANO DA SILVA, José; STOLCKE, Verena. A questão agrária. SP: Brasiliense, p. 133-164, 1981.</p> <p>HESPANHOL, Antonio Nivaldo. Desafios da geração de renda em pequenas propriedades e a questão do desenvolvimento rural sustentável no Brasil. In: ALVES, A.; CARRIJO, B.; CANDIOTTO, L. (Org.). Desenvolvimento territorial e agroecologia. 1 ed. São Paulo: Expressão Popular, 2008, v. 1, p. 81-94.</p> <p>NAVARRO, Zander. Mobilização sem emancipação: as lutas sociais dos sem-terra no</p>

Brasil. In Santos, Boaventura de Sousa (org.) 2002 **Produzir para viver: os caminhos da produção não capitalista**. Coleção Reinventar a Emancipação Social: para novos manifestos, Ed. Civilização Brasileira, Rio de Janeiro. 2002.

OLIVEIRA, Ariovaldo Umbelino. Os agrocombustíveis e a produção de alimentos. In: 12º **Encuentro de Geógrafos de América Latina**, 2009, Montevideo/Uruguay. Universidad de la República, 2009.

SCHNEIDER, João Elmo. O cooperativismo agrícola na dinâmica social do desenvolvimento periférico dependente: o caso brasileiro. In: LOUREIRO, Maria Rita (Org.) **Cooperativas agrícolas e capitalismo no Brasil**. São Paulo: Cortez, 1981.

SILVA, José Graziano. Do Complexo Rural aos Complexos Agroindustriais. In: SILVA, José Graziano. **A nova dinâmica da agricultura brasileira**. Campinas: Unicamp, 1996.

Complementar:

FERNANDES, Bernardo Mançano. **O MST e as Reformas Agrárias do Brasil**. Osal, v. 9, n. 24, p. 73-86, oct. 2008.

FERREIRA, Darlene Aparecida de Oliveira Ferreira. Geografia Agrária no Brasil: conceituação e periodização. **Terra Livre**, São Paulo: AGB, no 16 p. 39 – 70, 2001.

GUIMARÃES, A. P. Da Revolução Agrícola à Revolução Industrial. In: GUIMARÃES, A. P. **A crise agrária**. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1979.

GUSMÃO, Rinaldo Pinto de. Os estudos de Geografia rural no Brasil: revisão e tendências. In: Campo-Território: **Revista de Geografia Agrária**, V. 1, n. 2, p. 3-11, Ago. 2006.

LEITE, Sérgio. Seis comentários sobre seis equívocos a respeito da reforma agrária no Brasil. In: **Revista Nera** – Ano 8, N. 9 – Julho/Dezembro de 2006.

MARTINS, José de Souza. **Reforma Agrária: o impossível diálogo sobre a História possível**. In Tempo Social. Revista de Sociologia da USP, 1999 nº 11.

TERRA, Ademir. O Conceito de Território e sua Utilização no Estudo dos Assentamentos Rurais. In:

	<p>Anais do XX Encontro Nacional de Geografia Agrária (ENGA) 2011.</p> <p>VALVERDE Orlando. Metodologia da Geografia Agrária. In: DRESCH, Jean et al. Reflexões sobre a geografia. São Paulo: AGB, 1980.</p> <p>AGB (ORG.) Geografia e lutas sociais. Ed. terra Livre, S. Paulo, 2002.</p>
<p>GEOGRAFIA URBANA: 51 H</p> <p>1. A noção de cidade e de urbano na geografia. 2. A formação das cidades na perspectiva histórico-geográfica. 3. Vertentes teórico-metodológicas da análise urbana. 4. Rede urbana e organização do espaço. 5. A cidade capitalista e sua organização interna: agentes, processos, valorização e conflitos urbanos. 6. A especificidade da urbanização no Brasil: (re)estruturação da rede urbana e dinâmicas intra-urbanas. 7. O processo de urbanização na Amazônia: (re)definição da rede urbana e significado do urbano na fronteira econômica e tecnológica.</p>	<p>Básica:</p> <p>CORRÊA, Roberto Lobato. A periodização da rede urbana da Amazônia. Revista Brasileira de Geografia. Rio de Janeiro, v. 4, n.3, p. 39-68, jul./set. 1987.</p> <p>_____. A organização urbana. IN: IBGE. Geografia do Brasil: região Norte. Rio de Janeiro, IBGE, 2002, p.255-71, v. 3.</p> <p>OLIVEIRA, José Aldemir. Cidades na selva: urbanização das Amazonas. São Paulo, 1994. Tese (Doutorado) - FFLCH, USP.</p> <p>Complementar:</p> <p>CASTELLS, M. A questão urbana. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1972. CORRÊA, R.L. O espaço urbano. São Paulo: Ática, 1993.</p> <p>CORRÊA, R. L. Trajetórias geográficas. São Paulo: Ática, 1993. LEFEBVRE, H. A revolução urbana. Trad. Sergio Martins. Belo Horizonte: EUFMG, 2004.</p> <p>LEFEBVRE, H. A revolução urbana. Trad. Sergio Martins. Belo Horizonte: EUFMG, 2004</p> <p>VASCONCELLOS, E. A. Transporte urbano, espaço e equidade. Análise das políticas públicas. 3. ed. São Paulo: Annablume, 2001.</p> <p>TOURINHO, Helena. Planejamento urbano em área de fronteira econômica: o caso de Marabá. Belém, 1991. Dissertação (Mestrado em Planejamento do Desenvolvimento) - NAEA, UFPA.</p>
<p>GEOMORFOLOGIA APLICADA AO PLANEJAMENTO: 60H</p> <p>1- Generalidades; processos gerais de formação do relevo: forças tecnogenéticas, agentes morfodinâmicos; 2- O relevo no quadro ambiental; 3- Levantamento do meio físico; 4- Susceptibilidade do relevo; grau de fragilidade; 4- O</p>	<p>Básica:</p> <p>CASSETI, V. Ambiente e apropriação do relevo. São Paulo: Contexto, 1993 (Coleção Ensaios), 147p.</p> <p>FERNANDES, N. F. & AMARAL, C. P. Movimentos de massa: uma abordagem geológico-geomorfológica. In: GUERRA, A. J. T. & CUNHA, S. B.. (Org.) Geomorfologia e meio ambiente. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1996. cap. 3, pp. 123-</p>

<p>comportamento da paisagem ante as modalidades de ocupação do modelado; 5- A aplicação dos estudos geomorfológicos na organização espacial das áreas rurais e urbanas.</p>	<p>194.</p> <p>GUERRA, A. T. & MARÇAL, M dos S.. Geomorfologia ambiental. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2009. 190p.</p> <p>NUNES, J. O. R. & ROCHA, P. C. (Org.). 2008. Geomorfologia aplicação e metodologias. São Paulo: Expressão Popular – UNESP, 192p.</p> <p>ROSS, J. L. S.. Geomorfologia: ambiente e planejamento. 8ª ed. - 1ª reimpressão -. São Paulo: Contexto, 2007 (Repensando a Geografia), 85p.</p> <p>_____. Ecogeografia do Brasil: subsídios para planejamento ambiental: São Paulo: Oficina de Textos, 2009.</p> <p>Complementar:</p> <p>AB´SABER, A. N. Domínios morfoclimáticos e solos do Brasil. In: os Solos dos grandes domínios morfoclimáticos do Brasil e o desenvolvimento sustentável. Viçosa, 1996</p> <p>BIGARELLA, J. J.; BECKER, R. D.; SANTOS, G. F dos.. Estrutura e origem das paisagens tropicais. 2ª ed. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2009. 425p.</p> <p>CHRISTOFOLETTI, A. Geomorfologia. São Paulo: Edgard Blücher Ltda., 1980, 188p.</p> <p>_____. As teorias Geomorfológicas. Campinas: Notícias Geomorfológicas, 1973nº 25, junho.</p> <p>GUERRA, A. T. & CUNHA, S. B.. Geomorfologia e meio ambiente. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1996. 394p.</p> <p>NUNES, B.A. et al. Manual técnico de geomorfologia. Rio de Janeiro: IBGE, Série Manuais Técnicos em Geociências, 1995. vol. 5.</p> <p>TRICART, J. Paisagem e ecologia. Inter-Facies nº 76. São José do Rio Preto: IBILCE UNESP, 1982.</p> <p>VITTE, A. C. & GUERRA, A. J. T. (Org.). Reflexões sobre a Geografia Física no Brasil. 3ª edição. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.</p>
<p>GEOMORFOLOGIA: 60 H</p> <p>1. Natureza e objeto da Geomorfologia. 2.A importância da Geomorfologia para os estudos da Geografia. 3. Escalas taxonômicas em Geomorfologia. 4. Grandes</p>	<p>Básica:</p> <p>AB´SÁBER, A. N. Brasil: paisagens de exceção. O Litoral e o Pantanal Mato-grossense: patrimônios básicos. São Paulo: Ateliê Editorial, 2006. 183p.</p> <p>CASSETI, V. Ambiente e apropriação do relevo.</p>

<p>unidades morfoestruturais do Globo. 5. Classificação do relevo brasileiro. 6. Tipos de relevo em bacias sedimentares. 7. Relevos associados a estruturas falhadas. Organização da drenagem. 8. Relevos associados a dobramentos. Relevo apalacheano e jurássico. Relevo em estrutura dômica. Organização da drenagem. 9. Estrutura e relevo dos maciços antigos. 10. Processos morfoclimáticos. Conjuntos morfoclimáticos do Globo e do Brasil. Modelado das regiões intertropicais. 11. Processos de esculturação, formas e evolução das vertentes. 12. Processos costeiros e formas de relevo.</p>	<p>São Paulo: Contexto. 1993.</p> <p>GUERRA, A. T. & CUNHA, S. B. Geomorfologia: uma atualização de bases e conceitos. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1994. 458p.</p> <p>CUNHA, S. B. & GUERRA, A. J. T. Geomorfologia do Brasil. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998. 392p.</p> <p>CHRISTOFOLETTI, A. Geomorfologia. São Paulo: Edgard Blücher Ltda., 1980. 188p.</p> <p>PENTEADO, M. M. Fundamentos de Geomorfologia - Rio de Janeiro: IBGE. 2001. 185p.</p> <p>Complementar:</p> <p>AB'SABER, A. N. Fundamentos da Geomorfologia Costeira do Brasil Atlântico Inter e Subtropical. Revista Brasileira de Geomorfologia, 2000.1 (1): 27-43.</p> <p>_____. Os domínios de natureza no Brasil: potencialidades paisagísticas. 6ª ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003. 160p.</p> <p>BIGARELLA, J. J. Ambientes fluviais. Florianópolis: Editora da UFSC, 2ª ed., 183p.</p> <p>BLOOM, A. L. Superfície da Terra. São Paulo: Edgard Blücher Ltda., 2002. 184p.</p> <p>CHRISTOFOLETTI, A. Geomorfologia fluvial. O canal fluvial. São Paulo: Edgard Blücher, 1981. 313p.</p> <p>DERRUAU, M. Geomorfologia. Barcelona: Ediciones Ariel, 1966. 44p.</p> <p>GUERRA, A. T. & CUNHA, S. B. Geomorfologia e meio ambiente. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1996. 394 p.</p>
<p>GEOPROCESSAMENTO APLICADO À ANÁLISE AMBIENTAL: 60H</p> <p>Processar dados orbitais, cadastrais e temáticos em um ambiente de sistemas destinados à aquisição, armazenamento, manipulação, análise e apresentação de dados georreferenciados, ou seja, SIG (Sistema de Informação Geográfica), no qual serão executadas as seguintes etapas: elaboração da melhor composição colorida e realce;</p>	<p>Bibliografia Básica:</p> <p>FITZ, Paulo Roberto. Geoprocessamento sem complicação. São Paulo: Oficina de Textos, 2008. 160 p.</p> <p>FLORENZANO, T. G. Imagens de satélite para estudos ambientais. São Paulo: Oficina de Textos, 2002. 97p.</p> <p>MOREIRA, M. A. Fundamento do Sensoriamento Remoto e Metodologias de aplicação. São José dos Campos SP: INPE, 2001.</p> <p>ROSA, Roberto. Introdução ao sensoriamento</p>

<p>registro (georreferenciamento); segmentação; classificação supervisionada; elaboração dos mapas temáticos e quantificação das classes de uso e ocupação da terra.</p>	<p>remoto. 5. ed. Uberlândia: EdUFU, 2003. 238 p</p> <p>Bibliografia Complementar:</p> <p>ASSAD, E. D.& SANO E. E. Sistema de Informações Geográficas – Aplicações na Agricultura. Planaltina DF: EMPRAPA – PAC, 1993.</p> <p>CARVALHO, M. S., PINA, M. de F. de, SANTOS, S. M. Conceitos Básicos de Sistema de Informação Geográfica e Cartografia Aplicados à Saúde. Brasília/DF: Organização Panamericana de Saúde e Ministério da Saúde, 2000.</p> <p>CROSTA, A. P. Processamento digital de imagens de sensoriamento remoto. Campinas: UNICAMP, 1993.</p> <p>DUARTE, Paulo Araújo. Cartografia básica. 2. ed. Florianópolis: Ed. da UFSC, 1988.</p> <p>GARCIA, G.J. Sensoriamento remoto: princípios e interpretação de imagens. Editora Nobel: São Paulo, 1982.</p> <p>LOCH, C. A interpretação de imagens aéreas: noções básicas e algumas aplicações nos campos profissionais. 2.ed. Florianópolis: Editora da UFSC, 1993.</p> <p>NOVO, E.M.L.M. Sensoriamento remoto: princípios e aplicações. São Paulo: Edgard Blücher, 1989. 308p.</p> <p>RAISZ, Erwin. Cartografia geral. Tradução Neide M. Schneider e Péricles Augusto Machado Neves. Rio de Janeiro: Científica, 1969.</p>
<p>GESTÃO DE BACIAS HIDROGRÁFICAS: 60H</p> <p>1- Generalidades, circulação geral da água; o ciclo hidrológico; tipos e quantidades de água; 2- A distribuição do uso econômico e social dos recursos das bacias hidrográficas; 2- Manejo de bacias. 3- Base legal para a gestão dos recursos hídricos; o modelo brasileiro de gerenciamento de recursos hídricos;4- Uso global e local da água; 5- A Geopolítica da água no planeta e seus reflexos na Amazônia</p>	<p>Básica:</p> <p>ANDREOLI, C. V. &SOUZA, M. Gestão ambiental por bacias hidrográficas. In: Ecologia e desenvolvimento. Rio de Janeiro: APED, 1992. pp. 99 -118.</p> <p>BECKER, B. K. Amazônia: geopolítica na virada do III milênio. Rio de Janeiro: Garamond. 2004.</p> <p>LANNA, A. E. L. Gerenciamento de bacia hidrográfica: aspectos conceituais e metodológicos. Brasília: IBAMA/MMA. 1995.</p> <p>MAGALHÃES, M. Base legal e aspectos institucionais dos instrumentos de planejamento e gestão ambiental – avaliação de impacto ambiental, gerenciamento de bacia hidrográfica e zoneamento ambiental. In: IBAMA. Conhecimento científico para gestão ambiental (Amazônia, Cerrado e</p>

	<p>Pantanal). Brasília: IBAMA. 1995.</p> <p>REBOUCAS, A. da C.; BRAGA, B.; TUNDISI, J. G. (Org.). Águas doces no Brasil: capital ecológico uso e conservação. 3ª ed. São Paulo: Escrituras Editora, 2006. 748p.</p> <p>Complementar:</p> <p>BORDALO, C. A. L. Gestão de bacia hidrográfica na Amazônia: uma reflexão das experiências de gestão dos mananciais da região metropolitana de Belém – Pará. In: MOTA, G. et al. (Org.). Caminhos e Lugares da Amazônia – ciência natureza e território. Belém: GAPTA/UFGPA, 2009. 240p.</p> <p>CHRISTOFOLETTI, A. Geomorfologia fluvial. São Paulo: Edgard Blücher, 1981. 313p.</p> <p>LACORT, A. C. Gestão dos recursos hídricos planejamento territorial: as experiências brasileiras no gerenciamento de bacias hidrográficas. Rio de Janeiro: IPPUR/UFRJ. 1994. (Dissertação de Mestrado).</p> <p>PARÁ, G. E. do. Política Estadual de Recursos Hídricos (Lei Nº 6381). Belém. 2001.</p> <p>RODRIGUES, C. & ADAMI, S. 2005. Técnicas fundamentais para o estudo de bacias hidrográficas. In: VENTURI, L. A. B. (Org.). Praticando Geografia: técnicas de campo e laboratório em Geografia e análise ambiental. São Paulo: Oficina de Textos, pp. 147-166.</p> <p>TUNDISI, J. G. 2003. Água no século XXI - enfrentando a escassez. São Carlos: Rima.</p> <p>VILLIERS, M de. 2002. Água: como o uso deste precioso recurso natural poderá acarretar a mais séria crise do século XXI: Rio de Janeiro: Ediouro.</p>
<p>HIDROGRAFIA: 51 H</p> <p>1. Conceito, interdisciplinaridade e aplicabilidade da Hidrografia. 2. O ciclo hidrológico e as influências geológico-topográficas e climatobotânicas. O domínio do homem sobre as águas: a nova dinâmica do ciclo hidrológico. 3. A água e sua importância ecológico-geográfica. 4. Conceito de rio e de bacia hidrográfica. Formação das redes de drenagem fluviais. O trabalho dos</p>	<p>Básica:</p> <p>ESTEVES, Francisco de Assis. Fundamentos de limnologia. Rio de Janeiro, 2002, Interciência/Finep, 574 p.</p> <p>SOUZA PINTO, N. L. et al. Hidrologia Básica. São Paulo: Editora Blücher. Rio de Janeiro: FENAME, 1976.</p> <p>SUGUIO, Kinitiro & BIGARELLA, João J. Ambientes fluviais. Florianópolis, 1990, Editora da UFSC, 183 p.</p> <p>Complementar:</p>

<p>rios. Perfil longitudinal e nível de base. Sistema de drenagem da Amazônia. 5. Gênese e classificação das bacias lacustres. 6. Interação oceano-atmosfera-litosfera. Características e movimentação das águas oceânicas e estuarinas. Processos oceanográficos e estuarinos. Marés fluviais. A importância geoestratégica dos oceanos. 7. A água como fonte de energia. As águas como geradoras de alimentos. O uso das águas na Amazônia.</p>	<p>ARAGÃO, L. E . CLUSENER-GODTA, M. (Os.) Problemática do Uso local e global da água da Amazônia. Belém: NAEA, 2003.</p> <p>CHRISTOFOLETTI, A. Geomorfologia fluvial. São Paulo: Edgard Blücher, 1981.</p> <p>ESTEVES, Francisco de Assis. Fundamentos de Limnologia. Rio de Janeiro, 1988, Interciência/Finep, 575 p.</p> <p>TUCCI, Carlos E. M. et al. Avaliação e Controle da Drenagem Urbana. Porto Alegre: Ed. Universidade/ UFRGS, 2000.</p> <p>VILLELA, S. M. e MATTOS. A. Hidrologia Aplicada. São Paulo: Editora McGraw Hill do Brasil, 1975.</p>
<p>HISTÓRIA DO PENSAMENTO GEOGRÁFICO: 68 H</p> <p>A formação histórica do pensamento geográfico; A importância do conhecimento espacial dos viajantes até o século XVIII; Os naturalistas e a contribuição com a institucionalização da geografia acadêmica; Gênese e sistematização da geografia moderna. A constituição dos paradigmas em Geografia Clássica: determinismo, possibilíssimo, método regional; A renovação da Geografia; O pensamento complexo no discurso geográfico. A institucionalização da Geografia Brasileira; A geografia como instrumento do planejamento; Geografia humanista e a fenomenologia; O hibridismo da Geografia cultural; Geografia marxista e as agendas sociais; Existe uma geografia pós-moderna? As novas agendas da Geografia.</p>	<p>Básica:</p> <p>BARROS, Nilson CrocialbnKaldun, A dinâmica dos Assentamentos Humanos e as Funções Urbanas no Islã Histórico. Mercator (UFC), v. 4, N 8, p. 7-14, 2005.</p> <p>BRITO, Franklyn Barbosa de; PESSOA, Rodrigo Bezerra. Da origem da Geografia Crítica a Geografia Crítica Escolar. In ANAIS do 10º Encontro Nacional de Prática de Ensino em Geografia. Porto Alegre, 2009.</p> <p>CLAVAL, Paul. Epistemologia da Geografia. Florianópolis: Ed UFSC, 2011.</p> <p>FERREIRA, Conceição; SIMÕES, Natércia. A evolução do pensamento geográfico. 9. ed. Lisboa: Gradiva, 1994.</p> <p>FREITAS, João Carlos de Mattos. Território e territorialidade no Império Romano: a utilização do padrão urbanístico das cidades construídas enquanto tática de romanização. In Revista Tamoios, Rio de Janeiro, julho/dezembro - Ano V, nº 2, 2009.</p> <p>GODOY, Paulo R. Teixeira de. História do pensamento geográfico e epistemologia em Geografia. São Paulo : Cultura Acadêmica, 2010.</p> <p>GOMES, Paulo Cesar da Costa. Geografia e Modernidade. 2. Ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.</p> <p>GOODEY, Brian; GOLD John. Geografia do Comportamento e da Percepção. Trad. Oswaldo Bueno Amorím Filho e Stael de Alvarenga Costa.</p>

Publicação Especial nº 3 Departamento de Geografia da UFMG, 1986.

KIMBLE, George H. T. **A Geografia na Idade Média**. Tradução Márcia Siqueira de Carvalho. Londrina: Ed. UEL, 2000.

MORAES, Antônio Carlos Roberto de. **Geografia Pequena História Crítica**. 17ª ed. São Paulo: Hucitec. 1999.

MORAES, Antônio Carlos R. **A gênese da Geografia Moderna**. São Paulo: HUCITEC/EDUSP, 2002.

MOREIRA, Ruy. **Para onde vai o pensamento geográfico? Por uma epistemologia crítica**. São Paulo: Contexto. 2006.

RODRIGUES, Auro de Jesus. **Geografia: introdução à ciência geográfica**. São Paulo: Editora Avercamp, 2008.

Complementar:

ANDRADE, Manuel Corrêa de. **Geografia: ciência da sociedade**. São Paulo, 2003.

CORREA, Roberto Lobato. Espaço um conceito Fundamental na Geografia. In: CASTRO, Iná Elias de (org.). **Geografia Conceitos e Temas**. Rio de Janeiro: Bertand Brasil. 2008.

CHRISTOFOLETTI, Antônio. **Perspectivas da Geografia**. São Paulo: Difel, 1982.

HARTSHORNE, Richard. **Propósitos e natureza da geografia**. São Paulo HUCITEC: 1978.

HARVEY, David. **Condição Pós-Moderna**. São Paulo: Loyola, 15 ed. 2006.

LACOSTE, Yves. **A geografia - isso serve, em primeiro lugar, para fazer a guerra**. 2ed. Campinas (SP): Papyrus, 2002.

MOREIRA, Ruy. **O que é Geografia**. São Paulo: Brasiliense, 2000.

_____, Assim se passaram dez anos: a renovação da Geografia no Brasil (1978-1988). **Geographia**, Revista do programa de Pós-Graduação em Geografia da UFF, Niterói, ano II, n. 3, pg. 25-49, semestral, 2000.

QUAINI, Massimo. **Marxismo e Geografia**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2003.

_____. **A construção da Geografia**

	<p>Humana. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2001.</p> <p>SANTOS, Milton. Por uma Geografia Nova. São Paulo: HUCITEC, 2001.</p> <p>SILVA, Aldo Aloísio Dantas & GALENO Alex (Orgs). Geografia: ciência do complexus: ensaios transdisciplinares. Porto Alegre: Sulina, 2004.</p> <p>SILVA, Lenyra R. da. A natureza contraditória do espaço geográfico. São Paulo: Contexto, 1991.</p> <p>SODRÉ, Nelson Werneck. Introdução à Geografia. 2 ed. Petrópolis: Vozes, 1977.</p> <p>SOJA, Edward W. Geografias Pós-Modernas: a reafirmação do espaço na teoria social crítica. Rio de Janeiro: Zahar, 2000.</p> <p>SPOSITO, Eliseu Savério. Geografia e Filosofia: Contribuições para o ensino do pensamento geográfico. São Paulo: Editora Unesp, 2004.</p>
<p>INTRODUÇÃO À CARTOGRAFIA: 68 H</p> <p>1. Forma da Terra – geóide, elipsóides e superfícies planas; 2. Histórico e Definição da Cartografia –relação com a Geografia, importância, princípios e áreas afins; 3. Planificação do Elipsóide e Projeções Cartográficas – coordenadas geográficas e outros tipos de coordenadas; 4. Sistema de Projeção UTM e a Sistematização Cartográfica – o Brasil e a Carta Internacional ao Milionésimo (CIM); 5. Ângulos Azimutes e Rumos do traçado de poligonais –medidas angulares e lineares, a representação planimétrica em escala; 6. Altimetria e Planialtimetria –confeção de plantas topográficas, curvas de nível e perfil topográfico; 7. Utilização do instrumental cartográfico – planímetro, curvímetro, GPS e plotagem eletrônica.</p>	<p>Básica</p> <p>DUARTE, Paulo Araújo. Cartografia básica. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2002.</p> <p>JOLY, Fernand. A cartografia. Campinas: Papirus, 2002.</p> <p>SIMIELLI, M.E. Geoatlas. 16ª ed. São Paulo. Ática 2008.</p> <p>Complementar</p> <p>DUARTE, P.A. Fundamentos de Cartografia. Florianópolis, UFSC. 1994.</p> <p>LIBAULT, A. Geocartografia. São Paulo. Nacional/EDUSP.1975 SIMIELLI, M.E. - Geoatlas. 16ª ed. São Paulo. Ática 2008</p> <p>MARTINELLI, M. Curso de Cartografia Temática. São Paulo: Contexto, 1991</p> <p>OLIVEIRA, C. Curso de Cartografia Moderna. Rio de Janeiro. IBGE. 1988</p> <p>RAISZ, Erwin. Cartografia geral. Rio de Janeiro: Científica, 1969.</p>
<p>INTRODUÇÃO À GEOGRAFIA: 68 H</p> <p>História do pensamento geográfico. Geografia Cultural. Geografia Quantitativa. Geografia Crítica. As vertentes atuais do movimento de</p>	<p>Básica:</p> <p>ANDRADE, M. C. Uma Geografia para o século XXI. Campinas: Papirus, 1994.</p> <p>_____. Geografia Ciência da Sociedade – Uma Introdução à Análise do Pensamento</p>

<p>renovação da geografia</p>	<p>Geográfico. São Paulo: Atlas, 1987.</p> <p>MORAES, Antonio Carlos Robert. Geografia: Pequena História Crítica. 25ª ed. São Paulo: Anna Blume, 2005.</p> <p>Complementar:</p> <p>ALMEIDA, R. D. de P. & E. Y. O espaço geográfico ensino e representação. São Paulo: Contexto, 1989.</p> <p>_____. Caminhos e descaminhos da geografia. Campinas: Papirus, 1989. 85p.</p> <p>CALLAI, H. C. (Org.). O Ensino de Geografia. Ijuí: UNIJUÍ editora, 1986. 154p. (Coleção Ciências Sociais; 4)</p> <p>CHRISTOFOLETTI, Antônio. Perspectivas da Geografia. São Paulo Difel, 1982.</p> <p>MOREIRA, Ruy. O que é Geografia. São Paulo: Brasiliense, 2000.</p>
<p>PLANEJAMENTO E GESTÃO URBANA: 60H</p> <p>Definições de Planejamento urbano e gestão urbana; concepção de planejamento urbano crítico; A relação Local e global na prática do planejamento urbano; Instrumentos do Planejamento urbano; Territorialização, desterritorialização e reterritorialização; Plano diretor; Planejamento baseado em cenários: calamidades, guerras ou acidentes naturais; Demografia e habitabilidade urbana; planejamento urbano e Cidades na Amazônia: alguns exemplos paraenses, plano diretor de Santarém.</p>	<p>Básica:</p> <p>MORARES, Antonio Carlos Robert. Meio ambiente e ciências humanas. 4ª. Edição. São Paulo: Annablume, 2006.</p> <p>OLIVEIRA, Janete Marília Gentil Coimbra de & LEÃO, Renato Freitas de Castro. O plano diretor e a cidade de fato: o caso de Santarém-PA.</p> <p>SOUZA, Marcelo Lopes de. Mudar a cidade: uma introdução crítica ao planejamento e à gestão urbanos. 4ª ed. - Rio de Janeiro; Bertrand Brasil, 2006.</p> <p>Complementar:</p> <p>CASTELLS, M. A questão urbana. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1972.</p> <p>CORRÊA, R. L. Trajetórias geográficas. São Paulo: Ática, 1993</p> <p>VAINER, Carlos B. Pátria, Empresa e Mercadoria. Notas sobre a estratégia Discursiva do planejamento estratégico urbano. Anais VIII ANPUR, 2013.</p> <p>VASCONCELLOS, E. A. Transporte urbano, espaço e equidade. Análise das políticas públicas. 3. ed. São Paulo: Annablume, 2001</p> <p>VILLAÇA, Flavio. A crise do planejamento urbano. São Paulo em perspectiva, 9(2), 1995.</p>

POLÍTICA DE ORDENAMENTO TERRITORIAL: 60H

1. Ordem e Território. 2. Conceito e concepções de Ordenamento Territorial. 3. Os fins e os meios do Ordenamento Territorial: Coordenar e Ordenar fluxos, usos do Território e repartição do poder. 4. As escalas da ação Pública e o ordenamento Territorial. 5. Políticas Territoriais no Brasil: Planos Nacionais de Desenvolvimento e o Planejamento Regional. 6. As Políticas, o planejamento e a gestão dos entes federados: União, Estados e Municípios. 7. Federação e Federalismo. 8. Informação e gestão Territorial: bases de dados e programas de controle e coordenação do território.

Básica:

COSTA, W.M. **O Estado e as Políticas Territoriais no Brasil**. São Paulo: Contexto/Edusp, 2002.

BECKER, B. **Crise do Estado e a Região: A Estratégia de Descentralização em Questão**. Rio de Janeiro: Ver. Bras. de Geog. IBGE, 1984.

LIPIETZ, A. **O Capital e o seu Espaço**. São Paulo: Nobel, 2000.

Ordenamento territorial: coletânea de textos com diferentes abordagens no contexto brasileiro/Flávio Gomes de Almeida, Luiz Antônio Alves Soares (organizadores). – Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2009.

Para pensar uma política nacional de ordenamento territorial: anais da oficina sobre a Política Nacional de Ordenamento do Territorial, Brasília, 13-14 de novembro de 2003 / Ministério da Integração Nacional, Secretaria de Políticas de Desenvolvimento Regional (SDR). – Brasília: MI, 2005.

Unidades de conservação: abordagens e características geográficas/Antônio José Teixeira Guerra, Maria Célia Nunes Coelho (organizadores). – Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2009.

Complementar:

CASTELLS, M. **Hacia el Estado Red?**

Globalizacion y Instituciones políticas en la era de la información, Brasil: Mare, 1998.

SANTOS, M. tal. **Território:** Globalização e Fragmentação. São Paulo: Hucitec/Anpur, 1998.

CASTELLS, M. **O Poder da Identidade**. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CLAVAL, P. **Espaço e Poder**. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

COSTA, W. M. **Geografia Política e Geopolítica**. São Paulo: Edusp, 1992.

IANNI, O. **O Estado e o Planejamento Econômico no Brasil**, São Paulo: Vozes, 2000.

LECHNER, N. **Reforma do Estado e Condução Política**. In: Lua. Revista de Cultura e Política, n. 37. São Paulo: Cedec, 1996.

MARTIN, A R. **Fronteiras e Nações**. São Paulo: Ed. Contexto, 1992.

	<p>MORAES, A C. Contribuições para a gestão da Zona Costeira do Brasil. São Paulo: Edusp/Hucitec, 1999.</p> <p>MORAES, A.R.(Org) Ratzel. In: Fernandes, F. (Coord.) Coleção Grandes Cientistas Sociais. São Paulo: Ática, 2002.</p> <p>RAFFESTIN, C. Por Uma Geografia do Poder. São Paulo: Ática, 2000.</p> <p>VESENTINI, J. W. A Capital da Geopolítica. São Paulo: Ática, 2001.</p>
<p>PROJETO DE PESQUISA EM GEOGRAFIA: 60H</p> <p>Pesquisa como processo educativo. Pesquisa em Geografia. Tipos de pesquisa. Processo científico de investigação. Noções elementares de coleta de dados. Elaboração do projeto do Trabalho de Conclusão de Curso.</p>	<p>Básica:</p> <p>CHIZZOTTI, Antônio. Pesquisa em Ciências Humanas e Sociais. São Paulo: Cortez, 1991.</p> <p>GIL, Antônio Carlos. Como elaborar projetos de pesquisa. São Paulo: Atlas, 1988.</p> <p>_____. Métodos e técnicas de pesquisa social. 3ª edição. São Paulo: Atlas, 1991.</p> <p>Complementar:</p> <p>BARROS, A. J. P. de; LEHFELD, N. A. de. Projeto de pesquisa: propostas metodológicas. 4. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000a.</p> <p>_____. Fundamentos de metodologia científica: um guia para a iniciação científica. 2. Ed. ampl. São Paulo: Pearson Education do Brasil, 2000b.</p> <p>DEMO, P. Metodologia do conhecimento científico. São Paulo: Atlas, 2000.</p> <p>GIL, A. C. Métodos e técnicas de pesquisa social. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.</p> <p>MINAYO, Maria Cecília de S. (org.). Pesquisa social: teoria, método e criatividade. 5 ed. Petrópolis, Vozes, 1996.</p>
<p>RECURSOS NATURAIS E MEIO AMBIENTE: 60 H</p> <p>1. O conceito de natureza na modernidade. 2. A Geografia e a abordagem ambiental. 3. Natureza, matéria, Recursos naturais renováveis não renováveis: distribuição e apropriação. 4. Evolução e apropriação da natureza: primeira e segunda natureza; O meio natural; Os geossistemas e os ecossistemas. O equilíbrio ambiental. Os impactos ambientais produzidos</p>	<p>Básica</p> <p>BECKER, B. K. 2004. Amazônia: geopolítica na virada do III milênio. Rio de Janeiro: Garamond.</p> <p>CASSETI, V. 1993. Ambiente e apropriação do relevo. São Paulo: Contexto (Coleção Ensaios), 147p.</p> <p>REBOUCAS, A. da C.; BRAGA, B.; TUNDISI, J. G. (org.). 2006. Águas doces no Brasil: capital ecológico uso e conservação. 3ª edição. São Paulo: Escrituras Editora 748p.</p> <p>SANTOS, B. A dos. 2002. Recursos minerais da</p>

<p>pela apropriação e a construção do espaço geográfico. 5. Geopolítica e geoestratégia dos recursos naturais. 6. Conservacionismo, Ecologismo, Preservacionismo e o debate do desenvolvimento sustentável. 6. Noções de legislação e gestão e seus efeitos sobre a política ambiental brasileira: EIA's, RIMA's e laudos técnicos; áreas protegidas e unidades de conservação; áreas de preservação permanentes e reserva legal; terras indígenas e territórios quilombolas. 7. O contexto histórico nacional e internacional dos marcos legais brasileiros de proteção ambiental: Código das Águas, Código Florestal, Política Nacional do Meio Ambiente, Resoluções do Conselho Nacional de Meio Ambiente, Constituição Federal de 1988, Lei das Águas, Lei de Crimes Ambientais, Sistema Nacional de Unidades de Conservação, Plano Nacional de Áreas Protegidas e Política Nacional dos Povos e Comunidades Tradicionais. 8. Políticas públicas, instrumentos de gestão e de avaliação socioambientais das áreas protegidas.</p>	<p>Amazônia. São Paulo: Estudos Avançados 16 (45).</p> <p>VIEIRA, P. F., WEBER, J. 1997. Gestão de recursos naturais renováveis e desenvolvimento. São Paulo: Cortez.</p> <p>Complementar</p> <p>AB´SABER, A. N. 1996. Domínios Morfoclimáticos e Solos do Brasil. In: os Solos dos grandes Domínios Morfoclimáticos do Brasil e o Desenvolvimento Sustentável. Viçosa.</p> <p>BORDALO, C. A. L. 2009. Gestão de bacia hidrográfica na Amazônia: uma reflexão das experiências de gestão dos mananciais da região metropolitana de Belém – Pará. In: MOTA, G. et al. (org.). Caminhos e Lugares da Amazônia – ciência natureza e território. Belém: GAPTA/UFPA, 240p.</p> <p>DREW, D.1998. Processos interativos homem meio ambiente. Rio de Janeiro: Bertrand, 4ª edição.</p> <p>MÜLLER, A. C. 1995. Hidrelétricas, meio ambiente e desenvolvimento. São Paulo: Makron Books.</p> <p>SIOLI, H. Amazônia. 1983. Fundamentos de Ecologia da maior região de Florestas Tropicais. Vozes. Petrópolis.</p> <p>TEIXEIRA, W.; TOLEDO, M. C. M. D de.; FAIRCHILD, T. R. & TAIOLI, F. 2000 (organizadores). Decifrando a Terra. São Paulo: Oficina de Textos. 568p.</p> <p>WALISIEWICZ, M. Energia alternativa solar, eólica, hidrelétrica e de biocombustíveis. São Paulo: Publifolha.</p>
<p>SENSORIAMENTO REMOTO: 51 H</p> <p>1. REM (Radiação Eletromagnética), energia, estrutura da matéria, interação energia-matéria; 2. Espectro eletromagnético, bandas e regiões espectrais, 3. Divisão do sistema sensor e seu funcionamento em diferentes tipos de plataforma. Olho humano como sensor remoto, seu funcionamento e semelhanças com alguns tipos de sensores. Classificação dos sensores quanto à fonte de energia e ao tipo de produto;</p>	<p>Básica:</p> <p>CENTENO, Jorge Antonio Silva. Sensoriamento Remoto e Processamento de Imagens Digitais. Curitiba: Ed. Curso de Pós-Graduação em Ciências Geodésicas - UFPR, 2004.</p> <p>GARCIA, G.J. Sensoriamento remoto: princípios e interpretação de imagens. Editora Nobel: São Paulo, 1982.</p> <p>NOVO, E.M.L.M. Sensoriamento remoto: princípios e aplicações. São Paulo: Edgard Blücher, 1989. 308p.</p> <p>ROSA, Roberto. Introdução ao sensoriamento remoto. 5. ed. Uberlândia: EdUFU, 2003. 238 p.</p>

<p>4. Sensores fotográficos. Plataformas embarcadas ou aerotransportadas. Fotogrametria, histórico, ferramentas e técnicas; 5.Fotointerpretação, procedimentos de análise, estereoscopia, aplicações na geografia e em outras áreas. Ortofotos e análise digital; 6.Plataformas orbitais tipos de sensores, características principais. Principais sensores em atividade (Landsat, Spot, Envisat, Ikonos, Cbers e outros);7.Comportamento espectral de alvos; água, solo, vegetação, minerais, outras estruturas;8.RADAR. Conceitos, características, imageadores e não imageadores, tipos de RADAR, aplicações e tendências; 9.Fundamentos da Análise Digital de Imagens.</p>	<p>Complementar:</p> <p>BAKKER, M. P. R. Cartografia: noções básicas. Rio de Janeiro: D H N/ Ministério da Marinha, 1965.</p> <p>BLASCHKE, Thomaz; KUX, Hermann. Sensoriamento remoto e SIG avançados: novos sistemas sensores: métodos inovadores. 2.ed. São Paulo: Oficina de Textos, 2007.</p> <p>DIAS, N.W.; Batista, G.; NOVO, E.M.M.; MAUSEL, P.W.; KRUG, T. Sensoriamento remoto: Aplicações para a Preservação, Conservação e Desenvolvimento Sustentável da Amazônia. CD-ROM educacional. São José dos Campos: Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais, 2003.</p> <p>LIBAULT, A. Geocartografia. São Paulo: Edusp, 1975.</p> <p>MOREIRA, M. A. Fundamento do Sensoriamento Remoto e Metodologias de aplicação. São José dos Campos SP: INPE, 2001.</p> <p>TEIXEIRA, A. L. A; CHRISTOFOLETTI, A. Sistemas de Informação Geográfica. Dicionário Ilustrado. São Paulo: HUCITEC, 1997.</p> <p>TEIXEIRA, A. L. A.; CHRISTOFOLETTI, A.; MORETI, E. Introdução aos Sistemas de Informação Geográfica. Rio Claro: Ed. Dos Autores, 1992.</p> <p>VITTE, Antonio Carlos; GUERRA, Antonio José Teixeira. (Orgs). Reflexões sobre a geografia física no Brasil. 2. Ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.</p>
<p>TEORIA REGIONAL E REGIONALIZAÇÃO: 41H</p> <p>A região como categoria de análise na Geografia: as principais teorias sobre região e regionalização. Técnicas de regionalização: critérios e modelos de identificação regional. O estudo das principais propostas de análise regional em Geografia. O atual debate metodológico sobre análise regional: região, regionalismo e a questão regional.</p>	<p>Básica:</p> <p>CORREA, Lobato. Região e Organização Espacial. São Paulo, Ática. Série Princípios (capítulos 2 e 3).</p> <p>LENCIONI, Sandra. Região E Geografia. São Paulo: Edusp, 1999.</p> <p>HAESBAERT, Rogério. Região, Diversidade Territorial e Globalização. IN:GEOGRAPHYA, Revista de Pós Graduação em Geografia da UFF. Niterói/RJ,UFF/EGG, 1999. Ano I – No.1</p> <p>Complementar:</p> <p>AB’SABER, Aziz Nacib. Litoral do Brasil. São Paulo: Editora Metalivros, 2001.</p>

	<p>_____. Os domínios de natureza no Brasil: Potencialidades paisagísticas. São Paulo, Ateliê Editorial, 2003</p> <p>CASTRO, Edna Maria R. & MARIN, Rosa E. Acevedo. Estado e Poder Local: dinâmica das transformações na Amazônia brasileira. In: Pará Desenvolvimento. Belém: IDESP, n° 20/21, 1986-87. p: 09-14.</p> <p>MEINING, Donald W. O Olho que Observa: Dez Versões da mesma Cena. In: ESPAÇO ECULTURA. N.3 (DEZ 1996) Rio de Janeiro: UERJ, Nepec.</p> <p>ROCHA, Gilberto de Miranda. Reflexões sobre a região e a redivisão Territorial da Amazônia: o caso do Sudeste Paraense. Belém: FIPAM VII, 2002.</p>
<p>TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO I: 40H</p> <p>Elaboração de um pré-projeto sobre a orientação de um professor do programa. O pré-projeto deve atender as orientações para construção de artigo científico, como também, abordar temáticas relativas ao contexto profissional do Bacharel em Geografia.</p>	<p>Básica:</p> <p>ANDERY, M. A. et al. Para compreender a ciência, uma perspectiva histórica. 3. ed. Rio de Janeiro: Espaço e Tempo, 1988.</p> <p>CASTRO, I. E. de et al. (org.) Geografia: conceitos e temas. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995.</p> <p>GEWANDSZNAJDER, F. O que é método científico. Manuais de Estudos. São Paulo: Pioneira, 1989.</p> <p>ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS E TÉCNICAS ABNT. Normatização NBR-6023; Ago/2000. Informação e documentação; referências; elaboração. Fórum Nacional de Normatização. Rio de Janeiro: 2000.</p> <p>OLIVEIRA, Paulo de S. (Org.). Metodologia das ciências humanas. São Paulo: UNESP, 1998.</p> <p>Complementar:</p> <p>CLAVAL, Paul. Evolución de la geografía humana. Barcelona: Oikos-Tau, 1974.</p> <p>CRHISTOFOLETTI, Antônio. (Org.). Perspectivas da geografia. 2. ed. São Paulo: Difel, 1985.</p> <p>LOBATO, Análise crítica de textos geográficos: breves notas. In: GeoUERJ, n.4, p. 7-18, 2003.</p> <p>MORAES, Antonio C. R. Território e história no Brasil. São Paulo: Hucitec, 2002.</p> <p>QUAINI, M. – La costruzione della geografia umana. Itália: La Nuova Editrice, 1975.</p>

<p>TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO II: 90H</p> <p>O TCC terá orientação docente, deverá ter a sua temática relacionada ao exercício profissional do Bacharel em Geografia. A disciplina destina-se à inserção do educando no processo de produção científica. Nela deve ser realizada a elaboração de um artigo de pesquisa orientado, apresentado pelo aluno e efetivadas as etapas de aprofundamento do referencial teórico, de pesquisa de campo (coleta de dados), desenvolvimento e considerações finais, com apresentação pública e publicação em veículos de publicação de trabalhos acadêmicos. O artigo deve seguir uma formatação de acordo com as normas da ABNT e possuir um limite mínimo de 20 laudas.</p>	<p>Básica:</p> <p>ANDRADE, M. M. de. Como preparar trabalhos científicos. 3ª Ed. São Paulo: Atlas, 1999.</p> <p>ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS E TÉCNICAS ABNT. Normatização NBR-6023; Ago/2000. Informação e documentação; referências; elaboração. Fórum Nacional de Normatização. Rio de Janeiro: 2000.</p> <p>MARTINS, G. de A. & LINTZ A. Guia para elaboração de monografias e trabalhos de conclusão de curso. São Paulo: Atlas, 2000.</p> <p>Complementar:</p> <p>BECKER, Fernando ET AL. Manual de lógica e metodologia. Centro de Educação e humanismo. UNISINOS. São Leopoldo. RS: EDIPUC, 1980.</p> <p>CERVO, Amado Luiz. Metodologia científica: para uso dos estudantes universitários. São Paulo: McGraw-Hill do Brasil, 1983.</p> <p>ECO, U. Como se faz uma Tese. São Paulo, Perspectiva. 1986.</p> <p>GEWANDSZNAJDER, F. O que é método científico. São Paulo. Pioneira. 1989.</p> <p>SANTOS, Milton (Org.). Novos rumos da geografia brasileira. São Paulo: Hucitec, 1981.</p>
<p>TRABALHO DE CAMPO INTEGRADO I: 20H</p> <p>Exemplos de pesquisas em Geografia: apresentação e discussão. Trabalho de campo integrado.</p>	<p>Básica:</p> <p>CORRÊA, R. L. Trajetórias geográficas. São Paulo: Ática, 1993.</p> <p>GETIS, A. e GETIS, J. A teoria dos lugares centrais de Christaller. In: Orientação 5. São Paulo: IG/USP, 1984.</p> <p>QUAINI, M. La costruzione del la geografia umana. Itália: La Nuova Editrice, 1975.</p> <p>Complementar:</p> <p>ROUGERIE, G. & BEROUTCHACHVILI, N. Géosystèmes et Paysages (Bilan et Méthodes). Paris: Armand Colin, 1991.</p> <p>SOCTCHAVA, V.B. Por uma Teoria de Classificação de Geossistemas de Vida Terrestre. Caderno de Biogeo-grafia14 .São Paulo: IGEO/USP, 1978.</p> <p>TRICART, J. Ecodinâmica. IBGE. 1977.</p>
<p>TRABALHO DE CAMPO</p>	<p>Básica:</p>

<p>INTEGRADO II: 20H</p> <p>Paisagem e abordagem sistêmica na Geografia. Modelos Agrícolas: Agricultura familiar e Agricultura empresarial. Estudo das paisagens. Organização e funcionamento das paisagens. Paisagens na Amazônia.</p>	<p>AB´SABER, A. N. Um conceito de geomorfologia a serviço das pesquisas sobre o quaternário. São Paulo: USP, IG. Geomorfologia 18, 1969.</p> <p>BARROS, F. P. de, et al. Aspectos Legais. In: Geologia de Engenharia. São Paulo: ABGE. 1998.</p> <p>BERTRNAD, G. Paisagem e Geografia Global– esboço metodológico. Trad. Olga Cruz. São Paulo: IG/USP – série Caderno de Ciência da Terra, 1972.</p> <p>OLIVEIRA, Ariovaldo U., MARQUES, Marta I. (Orgs.). O campo no século XXI. São Paulo: Editora Casa Amarela e Editora Paz e Terra, 2004.</p> <p>Complementar:</p> <p>BITAR, O. Y. et al. Gestão Ambiental. In: Geologia de Engenharia. São Paulo: ABGE, 1998.</p> <p>BLASCHKE, T. e KUX, H. Sensoriamento Remoto e SIG Avançados: novos sistemas sensores, métodos inovadores. São Paulo: oficina de Textos, 2005.</p> <p>LOUREIRO, Violeta R. Amazônia, Estado, homem, natureza. Ed. CEJUP, Belém, 1992.</p> <p>OLIVEIRA, Ariovaldo Umbelino. Amazônia, Monopólio, Expropriação e Conflitos. Ed. Papyrus Campinas, 2003.</p>
--	---

NÚCLEO DE FORMAÇÃO COMPLEMENTAR – OPTATIVAS

EMENTA	BILIOGRAFIA
<p>ANTROPOLOGIA CULTURAL: 68 H</p> <p>1. Discussão sobre o que é antropologia. 2. A abordagem antropológica. 3. Homem, Cultura e sociedade. 4. Raça, história e etnocentrismo. 5. Temas em Antropologia: Organização social e econômica, Gênero, Identidade, Estigma, Minorias Sociais, Etnia.</p>	<p>Básica</p> <p>AZEVEDO, Eliane. Raça, conceito e preconceito. São Paulo: Ática, 2002, 62p.</p> <p>BRANDÃO, Carlos. Identidade e Etnia. Construção da Pessoa e Resistência Cultural. São Paulo: Brasiliense, 2001, 170p.</p> <p>LAPLANTINE, François. Aprender Antropologia. São Paulo: Brasiliense, 2002, p. 95-188.</p> <p>Complementar</p> <p>ARANTES, Antonio Augusto. O que é cultura popular. São Paulo: Brasiliense, 2000, 83p.</p> <p>LARAIA, Roque. Cultura: um conceito antropológico. Rio de Janeiro: Zahar, 2001, 116p.</p> <p>BATALHA, C; SILVA, F; FORTES, A. (org.). Culturas de Classe. Campinas: editora da UNICAMP, 2005</p>

	<p>ARBEX JUNIOR, J. <i>Showrnalismo: a notícia como espetáculo</i>. São Paulo: Casa Amarela, 2003.</p> <p>CUNHA, Manuela C. <i>Antropologia do Brasil</i>. São Paulo: Brasiliense/Edusp, 1986.</p>
<p>DIREITO AMBIENTAL: 51 H</p> <p>1. Princípios de direito ambiental. 2. Sistema Nacional do Meio Ambiente. 2. Regime Jurídico do Tombamento. 3. Aspectos Éticos e Jurídicos. 4. A política internacional de tutela ambiental. 5. Cidadania e meio ambiente. 6. Características de aspectos jurídicos da poluição. 7. O estado e a proteção ambiental. 8. Administração pública e meio ambiente. 9. A questão da biodiversidade e sua relevância sócia-econômica e cultural. 10. Proteção do patrimônio cultural.</p>	<p>Básica:</p> <p>ACETI JR. LC. Direito Ambiental e direito empresarial. SP: América jurídica 2002.</p> <p>ANTUNES, P.B Curso de direito Ambiental. R.J: renovar, 990.</p> <p>ANTILLI, Juliana. Socioambientalismo e novos direitos: proteção jurídica à diversidade biológica e cultura. São Paulo: Petrópolis, 2005.</p> <p>Complementar</p> <p>CAMARGO, Luís. A ruptura do meio ambiente. Conhecendo as novas mudanças ambientais do planeta através de uma nova percepção da ciência: A geografia da complexidade. Bertrand Brasil. Rio de Janeiro, 2008.</p> <p>CUNHA, Luiz & COELHO, Maria. C. Política e Gestão Ambiental. IN: CUNHA, S & GUERRA, A. A questão ambiental. Diferentes abordagens. Editora Bertrand Brasil. Rio de Janeiro, 2003</p> <p>DIEGUES, Antonio Carlos. O Mito Moderno da Natureza Intocada. Editora Hucitec. São Paulo, 2004.</p> <p>GONÇALVES, Carlos. O desafio ambiental. Ed Record. Rio de Janeiro, 2004.</p> <p>SILVIA, Márcia. Ciência, natureza e sociedade. Diálogos entre saberes. Editora Livraria da Física. São Paulo, 2010.</p>
<p>GEOGRAFIA CULTURAL: 60 H</p> <p>Geografia e cultura; Abordagens da geografia cultural; Paisagem e simbolismo; Espaço vivido e cotidiano cultural; Imaginário e representação sócio-espacial; Experiência, vivência e o lugar das tradições; Práticas discursivas e identidade territorial; Território, poder simbólico e patrimônio cultural; O Sagrado e o Profano e suas representações no espaço.</p>	<p>Básica:</p> <p>CLAVAL, Paul. A Geografia Cultural. Florianópolis: EdUFSC, 1999.</p> <p>_____. As abordagens da geografia cultural. In: CASTRO, Iná E. de; GOMES, Paulo C. da C.; CORRÊA, Roberto L. (Orgs.). Explorações geográficas. Rio de Janeiro: Bertrand, 1997.</p> <p>CORRÊA, Roberto Lobato. Espaço e cultura: pluralidade temática. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2008.</p> <p>Complementar:</p> <p>CORRÊA, Roberto Lobato. Geografia cultural:</p>

	<p>um século. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2002.</p> <p>_____. Paisagem, imaginário e espaço. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001.</p> <p>_____. Paisagem, tempo e cultura. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2004.</p> <p>_____; ROSENDAHL, Zeny (Orgs.). Manifestações da cultura no espaço. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1999.</p> <p>TUAN, Yi-fu. Espaço e lugar. São Paulo: DIFEL, 1983.</p> <p>_____. Paisagens do Medo. São Paulo: Ed. da EDUSP, 2005.</p> <p>_____. Topofilia. São Paulo: DIFEL, 1980.</p>
<p>LEGISLAÇÃO, ELABORAÇÃO DE LAUDO E PERÍCIA AMBIENTAL: 60H</p> <p>Legislação Profissional do Geógrafo. Legislação Ambiental Brasileira. Determinação da capacidade de uso das terras. Geocologia Urbana. Carta da Terra. Unidades de Conservação Ambiental. Corredores de Conservação. Estudos de Impacto Ambiental (EIA) – Relatório de Impacto Ambiental (RIMA). Subsídios para elaboração de Laudo Técnico e Perícia Ambiental.</p>	<p>Bibliografia Básica</p> <p>BRITO Francisco. Corredores ecológicos: uma estratégia integradora na gestão de ecossistemas Florianópolis: Ed UFSC 2006.</p> <p>HEIMSTRA, N. W., MCFARLING, L. H. 1978 Psicologia ambiental.São Paulo: EDUSP, 1978.</p> <p>LAYARARGUES. P. P. O cinismo da reciclagem. São Paulo, Annablume, 1997.</p> <p>Bibliografia Complementar</p> <p>GUERRA .Antonio José Teixeira; ALMEIDA Josimar Ribeiro de, ARAUJO Gustavo H.S. Gestão ambiental de áreas degradadas. Rio de janeiro: Bertrand, 2005.</p> <p>GUERRA, Antonio José Teixeira; MARÇAL Mônica dos Santos. Geomorfologia Ambiental. Rio de janeiro: Bertrand, 2006.</p> <p>LAYRARGUES, P. P. O discurso empresarial verde e a ideologia da racionalidade econômica. São Paulo, Annablume, 1998.</p> <p>VERDUM, R. & MEDEIROS, R. M. V. (Orgs) – RIMA, Relatório de Impacto Ambiental: Legislação, elaboração e resultados. 2ª ed. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 1992.</p>
<p>PALEOGEOGRAFIA DA AMAZÔNIA: 60 H</p> <p>1.Conceitos de Paleogeografia. Ciências relacionadas. Técnicas e métodos de estudos. 2. Os diferentes cômputos de tempo na história da Terra: o tempo na escala geológica e</p>	<p>Básica</p> <p>AB’SÁBER. A. N. 1992. A teoria dos refúgios: Origem e significado. São Paulo: Revista do Instituto Florestal, Edição especial.</p> <p>BORGES, M da S.; COSTA, J. B. S.; BEMERGUY, R. L.; FERNANDES, J. M. G.; HASUY, Y.</p>

<p>o tempo na escala de vida humana. 3. Teorias paleogeográficas. 4. A vida nas eras Mesozóica e Cenozóica. 5. O Mesozóico da Amazônia. 6. Cenozóico da Amazônia. O Quaternário: as clássicas glaciações pleistocênicas e as flutuações do nível marinho. O Holoceno. O Quaternário da Amazônia. 7. Teoria dos refúgios.</p>	<p>1995a. Registros do evento de fragmentação do Gondwana na região norte do Brasil: implicações paleogeográficas durante o Cretáceo. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE ESTUDOS TECTÔNICOS, 5. Gramado. Anais... SBG. p. 270-271.</p> <p>RANZI, A. 2000. Paleoecologia da Amazônia: megafauna do Pleistoceno. Florianópolis: Ed. da UFSC. 101p.</p> <p>SALGADO-LABOURIAU, M. L. 1994. História Ecológica da Terra. São Paulo, Ed. Edgard Blücher Ltda. 303p.</p> <p>SIOLI, H. 1985. Amazônia. Fundamentos da ecologia da maior região de florestas tropicais. Petrópolis: Vozes, 72p.</p> <p>Complementar</p> <p>AB'SÁBER, A. N. & ABSY, M. L. 1993. Paleoclimas da Amazônia. São Paulo: Ciência Hoje.</p> <p>AB'SÁBER, A. N. 1997. Espaços ocupados pela expansão dos climas secos na América do Sul, por ocasião dos períodos glaciais quaternários. Paleoclimas (3). São Paulo.</p> <p>ALMEIDA, J. R. C de. 2002. Evolução paleogeográfica, durante o Cenozóico, da região de Bragança, NE do Estado do Pará. Universidade Federal do Pará, Centro de Geociências, Curso de Pós-Graduação em Geologia e Geoquímica, 92p.</p> <p>BEMERGUY, R. L. 1997. Morfotectônica e evolução paleogeográfica da região da calha do rio Amazonas. Belém, Universidade Federal do Pará, Centro de Geociências. 200p. (Tese de Doutorado).</p> <p>COSTA, M. L. da & ANGÉLICA, R. S. 1996. (coordenadores). Contribuições à Geologia da Amazônia. Belém. FINEP/SBG.</p> <p>HAUCK, P. 2008. A Teoria dos refúgios florestais e sua relação com a extinção da megafauna pleistocênica: um estudo de caso. Unesp: Estudos Geográficos UNESP, v. 5, pp. 121-134.</p>
<p>SANEAMENTO AMBIENTAL: 51 H</p> <p>1. Levantamento das interferências antrópicas no meio ambiente. 2.</p>	<p>Básica</p> <p>BRAGA, Benedito et. Introdução à Engenharia Ambiental, 2. Ed. São Paulo: Pearson Prentice</p>

<p>Análise das possibilidades para minimização das degradações ambientais. 3. Poluição ambiental (das águas, do solo e do ar). 4. Características e parâmetros indicadores de poluição ambiental. 5. Saneamento ambiental: solo, água e ar. 6. Controle qualidade dos ambientes: solo, água e ar. 7. Interrelação ambiental. 8. Saúde pública e saneamento ambiental.</p>	<p>Hall, 2005.</p> <p>DERÍSIO, José Carlos. Introdução ao Controle da Poluição Ambiental, 3. ed., São Paulo: Signus Editora, 2007.</p> <p>HELLER, L. Saneamento e Saúde. Brasília, DF. Brasil, OPAS/MS, 2000.</p> <p>Complementar</p> <p>AZEVEDO NETTO, J. Martiniano et al. Técnicas de Abastecimento e Tratamento de Água. CETESB, São Paulo, 1976.</p> <p>CARVALHO, Anésio Rodrigues. Princípios Básicos do saneamento e do meio. SENAC, 1998.</p> <p>DERISIO, José Carlos. Introdução ao Controle de Poluição Ambiental. Signus, 2000</p> <p>JORDÃO, E. P. Tratamento de esgotos domésticos. Rio de Janeiro: ABES, 1995.</p> <p>MINAYO, Maria Cecília de Souza. Saúde e Ambiente Sustentável. Fiocruz, 2002.</p>
<p>SOCIOLOGIA GERAL: 51 H</p> <p>1. As condições histórico-sociais da Sociologia como ciência e no marco das Ciências Sociais. 2. O pensamento sociológico clássico: Comte, Weber, Marx, Dürkheim. 3. Conceitos sociológicos básicos: cultura e sociedade, controle, processos e mudança social. 4. O fenômeno da globalização no processo de organização da sociedade. 5. Noções de Sociologia do direito.</p>	<p>Básica:</p> <p>ARON, Raymond. As Etapas do pensamento sociológico. 6 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003. (Coleção Tópicos).</p> <p>CASTRO, Ana Maria de; DIAS, Edmundo Fernandes (orgs.). Introdução Ao Pensamento Sociológico: Émile Durkheim, Weber, Marx e Parsons. São Paulo: Centauro, 2001.</p> <p>GIDDENS, Anthony. Sociologia. 4 ed. Porto Alegre: Artmed, 2005.</p> <p>Complementar:</p> <p>CASTRO, Celso Antônio Pinheiro de. Sociologia aplicada ao direito. São Paulo: Atlas, 2003.</p> <p>ENGELS, F. Do socialismo utópico ao socialismo científico. Lisboa: Editorial Estampa, 1971 (Coleção Teoria).</p> <p>LÖWY, M. As aventuras de Karl Marx contra o Barão de Münchhausen: marxismo e positivismo na sociologia do conhecimento. 5 ed. São Paulo: Cortez, 1994</p> <p>MARX, C.; ENGELS, F. El origen de la familia, la propiedad privada y el Estado. IN: Obras escogidas em dos tomos. Tomo II. Moscou: Editorial Progreso, 1966.</p>

	WEBER, M. - Ensaio de sociologia . Rio de Janeiro: Zahar, s/d.
NÚCLEO DE ESTÁGIO PROFISSIONAL	
EMENTA	BIBLIOGRAFIA
<p>ESTÁGIO PROFISSIONAL I: 100 H</p> <p>Atividade integrante para a formação do aluno e deve ser desenvolvido a partir da articulação teórica com a prática entremeando a pesquisa básica e aplicada. Deve ser desenvolvido por meio de projetos de pesquisa voltada à temáticas sócio-ambientais nas áreas de atuação do geógrafo, com atividades programadas em uma ou mais áreas da Geografia.</p>	<p>Básica</p> <p>ANDRADE, Manuel C. de. Geografia: ciência da sociedade. São Paulo, 2003</p> <p>DIRCE, S. Terra. Porto Alegre: Ed. URGs. 2004.</p> <p>GREGORY, K. J. A natureza da Geografia Física. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1992.</p> <p>Complementar</p> <p>ANDRADE, M. C. Uma Geografia para o século XXI. Campinas: Papyrus, 1994.</p> <p>AYODE, J. O. Introdução à Climatologia para os trópicos. São Paulo: Difel, 1996.</p> <p>CARLOS, A. F. A. O lugar no/do mundo. São Paulo: Hucitec, 1996.</p> <p>CASTRO, I. E. de.; GOMES, P. C. da C.; CORRÊA, R. L. (Orgs.). Geografia: conceitos e temas. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.</p> <p>DEMO, Pedro. Metodologia científica em ciências sociais. São Paulo: Atlas, 2009.</p> <p>LAKATOS, Eva Maria. Fundamentos da metodologia científica. São Paulo: Atlas, 2010.</p> <p>LEINZ, V. Geologia Geral. 2.ed. São Paulo: Nacional, 1963.</p> <p>MORAES, Antônio Carlos R. A gênese da Geografia Moderna. São Paulo: HUCITEC/EDUSP, 2002.</p> <p>RODRIGUES, Auro de Jesus. Metodologia científica: complemento e essencial para a vida universitária. São Paulo: Avercamp, 2006.</p> <p>SEVERINO, A. J. Metodologia do trabalho científico. São Paulo: Cortez, 2002</p>
<p>ESTÁGIO PROFISSIONAL II: 100 H</p> <p>Elaboração de um plano de estágio, elaborado pelo aluno sob a orientação de um orientador. O qual deve propiciar ao discente a observação, desenvolvimento e</p>	<p>Básica</p> <p>AB'SABER, Aziz. O que é ser geógrafo. Rio de Janeiro: Record, 2007.</p> <p>SANTOS, Milton. O papel ativo da geografia: um manifesto. In: Revista Território, Rio de Janeiro, ano V, n. 9, pp. 103-109, jul./dez., 2000.</p>

<p>execução de atividades relativas ao contexto profissional do Bacharel em Geografia.</p>	<p>SUERTEGARAY, Dirce. Análise Ambiental: A Atuação do Geógrafo para e na Sociedade. In: Revista Terra Livre. Ed. Marco zero/AGB, São Paulo, n. 3, p. 89-103. 1988.</p> <p>Complementar</p> <p>ANDRADE, Manoel Correia de. Caminho e descaminhos da Geografia. São Paulo: Papirus, 1989.</p> <p>BRASIL. PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA. Lei nº 6.664, de 26 de junho de 1979.</p> <p>_____: Lei nº 7.399, de 04 de novembro de 1985.</p> <p>CALLAI, H. C. A formação do profissional de Geografia. Rio Grande do Sul: Unijuí, 1999.</p> <p>SUERTEGARAY, Dirce Maria Antunes. A universidade e a formação profissional em geografia. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE GEÓGRAFOS, 5º, 16 a 22 de julho de 1994. Anais Curitiba: AGB, 1994. P.140-157.</p> <p>VELHO, Sérgio da Costa. Geógrafos brasileiros: Sinopse histórica. Geógrafos legislação, formação e mercado de trabalho, São Paulo: AGB e CONFEA, 1996, p. 67-73.</p>
<p>ESTÁGIO PROFISSIONAL III: 100 H</p> <p>Vivência da prática profissional de Geografia. Elaboração de relatório com a apresentação das atividades desenvolvidas durante o estágio.</p>	<p>Básica</p> <p>AB’SABER, Aziz. O que é ser geógrafo. Rio de Janeiro: Record, 2007.</p> <p>SANTOS, Milton. O papel ativo da geografia: um manifesto. In: Revista Território, Rio de Janeiro, ano V, n. 9, pp. 103-109, jul./dez., 2000.</p> <p>SUERTEGARAY, Dirce. Análise Ambiental: A Atuação do Geógrafo para e na Sociedade. In: Revista Terra Livre. Ed. Marco zero/AGB, São Paulo, n. 3, p. 89-103. 1988.</p> <p>Complementar</p> <p>ANDRADE, Manoel Correia de. Caminho e descaminhos da Geografia. São Paulo: Papirus, 1989.</p> <p>BRASIL. PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA. Lei nº 6.664, de 26 de junho de 1979.</p> <p>_____: Lei nº 7.399, de 04 de novembro de 1985.</p> <p>CALLAI, H. C. A formação do profissional de Geografia. Rio Grande do Sul: Unijuí, 1999.</p>

	<p>SUERTEGARAY, Dirce Maria Antunes. A universidade e a formação profissional em geografia. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE GEÓGRAFOS, 5º, 16 a 22 de julho de 1994. Anais Curitiba: AGB, 1994. P.140-157.</p> <p>VELHO, Sérgio da Costa. Geógrafos brasileiros: Sinopse histórica. Geógrafos legislação, formação e mercado de trabalho, São Paulo: AGB e CONFEA, 1996, p. 67-73.</p>
--	--

2.11 ATIVIDADES COMPLEMENTARES

As atividades complementares são integrantes da formação do discente de Geografia, fazendo parte do processo de articulação entre teoria e prática vivenciadas pelo aluno ao longo do percurso de sua formação. Esta articulação deve se processar no âmbito do currículo como integrantes das atividades acadêmicas previstas nesta instituição de ensino superior para que o discente possa integralizar o curso reunindo as competências e habilidades necessárias para atuar enquanto geógrafo na prática da pesquisa científica.

Ressalta-se que, a Universidade, a partir do curso, unidade acadêmica e áreas afins, promovem colóquios, seminários, jornadas acadêmicas, entre outros eventos. Uma agenda de eventos acadêmicos e culturais no decorrer do semestre letivo, que possibilita a participação e a complementação da carga horária exigida.

Neste processo de formação de bacharéis em Geografia serão consideradas Atividades de Formação Complementar àquelas acadêmico-científicas que objetivam oferecer ao discente a oportunidade de vivenciar academicamente diversas atividades que venham contribuir para o seu aprimoramento profissional, compostas por atividades de caráter científico, cultural e acadêmico, de várias modalidades, sendo reconhecidas, supervisionadas e homologadas pelo Colegiado do Curso de Geografia.

Essas atividades poderão se efetivar pela participação do discente em Seminários, Congressos, Exposições, Estudos de Caso, Ações de Caráter Científico, Técnico, Cultural e Comunitário, Produções Coletivas, Monitorias, Ensino Dirigido, Aprendizado de Novas Tecnologias de Ensino, Projetos de Iniciação Científica, Programas Tutoriais, Projetos de Pesquisas, disciplinas optativas ofertadas ao longo do processo de formação dos discentes, Cursos e Minicursos, Semanas Acadêmicas, Produções Científicas, e outras ações correlatas à sua área de estudo, desde que seja comprovada uma carga horária mínima de 4 (quatro) horas, para cada uma delas, as quais deverão integralizar o mínimo de 200 (duzentas) horas.

No caso de disciplinas optativas, será aceita no máximo 01 (uma), contabilizando sua

carga horária integral que podem ser cursadas a partir das optativas ofertadas pelo curso de Geografia ou por outro curso da instituição, desde que haja interesse do discente com a optativa ofertada. Ainda, trabalhos científicos na forma de artigo, *paper*, resenha ou resumos expandidos, devidamente publicados em livros, anais de encontros e/ou revistas científicas indexadas. Cada trabalho dessa natureza corresponderá a 10 (dez) horas de atividade complementar. Entende-se por projeto de pesquisa atividades que possibilite o desenvolvimento dos aspectos básicos inerentes à investigação científica, projetos como PIBIC e outros, desenvolvidos pelo corpo docente do curso de Geografia, que se configure como atividade de Pesquisa. Aceita-se um mínimo de 6 (seis) meses e máximo de 2 (dois) anos. Para cada 6 (seis) meses de comprovação de projeto de ensino, soma-se 15 (quinze) horas de atividade complementar.

Embora as possíveis escolhas sejam variadas, não será permitido que o estudante cumpra as 200 horas obrigatórias de Atividades Complementares com o desenvolvimento de uma única atividade. Esse dispositivo é garantido com o estabelecimento de carga horária limite para algumas atividades a serem aproveitadas na integralização deste Núcleo de Formação. A limitação, contudo, é suficientemente flexível para possibilitar ao aluno o direcionamento das atividades complementares para o caminho que lhe parecer mais promissor.

Dentro dessa carga horária, portanto, o aluno deverá realizar, obrigatoriamente, diferentes atividades com carga horária mínima de 4 horas-aula, nas seguintes modalidades:

ATIVIDADES COMPLEMENTARES	Carga Horária Máxima
Atividades de ensino, pesquisa, extensão e Representação estudantil	
Representação estudantil.	60 (30 horas/ano)
Atividades de pesquisa com e/ou sem bolsa.	60 (15 horas/semestre)
Atividades de extensão com e/ou sem bolsa.	60 (15 horas/semestre)
Monitoria em disciplinas de graduação.	60 (30 horas/semestre)
Monitorias ou estágio em ambientes acadêmicos do Programa de Ciências Humanas e em outras unidades da Ufopa.	60 (30 horas/semestre)
Realização de trabalhos voltados à promoção do exercício da cidadania (sujeitos à aprovação do Colegiado).	60
Atividades de caráter científico e de divulgação científica	
Participação, como ouvinte, em minicursos, cursos de extensão, oficinas, colóquios, simpósios, seminários, palestras e outros similares.	100
Apresentação de comunicações ou pôsteres em eventos científicos.	100 (10 horas/comunicação ou

	pôster)
Publicação de resumos e trabalhos completos em anais de eventos científicos.	80 (10 horas/publicação)
Publicação de artigos em periódicos científicos com ISSN e conselho editorial e/ou periódicos de caráter não acadêmico (jornais, revistas, etc.).	90 (30horas/publicação)
Desenvolvimento ou participação no desenvolvimento de material informacional (divulgação científica) ou didático (livros, CD-ROM's, vídeos, exposições e outros).	80 (20 horas/material)
Desenvolvimento ou participação no desenvolvimento de instrumentos de pesquisa, guias ou catálogos de acervos de memória e/ou exposições.	80 (20 horas/material)
Organização ou participação na organização de eventos científicos.	60
Atividades de caráter artístico e cultural	
Produção ou participação na produção de objetos artísticos, como vídeos, artes plásticas, literaturas, músicas e outros (sujeitos à aprovação do Colegiado)	80 (20 horas/produção)
Participação em oficinas, cursos ou minicursos relacionados a manifestações artísticas e culturais.	60
Atividades de caráter técnico	
Visitas técnicas a museus, arquivos, centros de documentação e outras instituições voltadas à memória histórica, cultural ou artística.	60
Traduções de artigos, produção de resenhas, editoração, diagramação e revisão técnica de material publicado em periódicos acadêmicos com ISSN e política seletiva.	60 (20 horas/material)
Participação em oficinas, cursos ou minicursos relacionados ao aprendizado de técnicas úteis à profissão do Geógrafo.	80
Pesquisas de campo, relacionadas a projetos de pesquisa, extensão ou complementares às atividades de ensino que não sejam obrigatórias (sujeito à aprovação do Colegiado).	60

O documento que normatiza as Atividades Complementares encontra-se nos anexos deste Projeto Político de Curso.

2.12 ESTÁGIO CURRICULAR

No curso de Bacharelado em Geografia, ofertado por esta Instituição de Ensino Superior, o Estágio Profissional é um componente curricular obrigatório e faz parte da articulação entre a teoria e a prática, bem como, a pesquisa básica e aplicada. O estágio profissional neste curso ofertado obedece ao disposto nas Diretrizes Curriculares Nacionais para o Curso de Geografia, Resolução CNE/CES 14 (BRASIL, 2002), constando dos Anexos deste PPC.

O estágio obedece ainda as Diretrizes Curriculares da Instituição, o Plano de Desenvolvimento Institucional e o Regulamento do Ensino de Graduação, bem como a

Instrução Normativa da Reitoria da Universidade Federal do Oeste do Pará.

O Estágio no curso de Bacharelado em Geografia iniciará sua oferta a partir do sexto semestre com carga horária de 300 horas distribuídas em três disciplinas denominadas: Estágio Profissional I, Estágio Profissional II e Estágio Profissional III.

O Estágio Profissional I consiste em uma atividade integrante para a formação do aluno e deve ser desenvolvido a partir da articulação teórica com a prática intercalando a pesquisa básica e aplicada. Deve ser desenvolvido por meio de projetos voltados às temáticas sócio-ambientais nas áreas de atuação do Geógrafo.

No Estágio Profissional II busca-se o desenvolvimento de um plano de estágio, elaborado pelo aluno sob a orientação de um orientador, o qual deve propiciar ao discente a observação, desenvolvimento e execução de atividades relativas ao contexto profissional do Bacharel em Geografia.

No Estágio Profissional III, o discente deve vivenciar a prática profissional do Geógrafo, culminando com a elaboração de um relatório, apresentando as atividades desenvolvidas durante o estágio.

As disciplinas de estágios do curso serão planejadas, coordenadas, orientadas, supervisionadas, acompanhadas e avaliadas pelos professores de estágio. Objetiva-se com isso inserir o discente no contato direto com o cotidiano de trabalho de instituições de pesquisa, facilitando o processo de ensino-aprendizagem dos mesmos que ao final do(s) estágio(s), deverão apresentar relatórios consubstanciados na sua experiência prática, de observação e participação, com prazos e padrões estabelecidos pelo docente designado a ministrar os presentes componentes.

A realização do Estágio Profissional do curso de Bacharelado em Geografia ocorrerá preferencialmente em instituições públicas da esfera federal, estadual ou municipal. Além disso, este será parcialmente realizado no espaço da unidade acadêmica, com objetivo de elaborar propostas de pesquisa e promover atividades de pesquisa. Os docentes do curso em questão que ministram as disciplinas de estágio são, portanto, os coordenadores do estágio, sendo assim, os responsáveis em fazer contato com as instituições de pesquisa, quando estas já apresentarem convênios com esta IES. Quando não existir o convênio, os docentes devem articular o mesmo, bem como aplicar formas de desenvolvimento do estágio, estando todas as atividades a serem cumpridas pelos discentes durante o estágio, previstas no plano de ensino do docente, obedecendo às condições de sua realização, ouvidas as Subunidades e Unidades interessadas e a Pró-Reitoria de Ensino de Graduação (PROEN) desta instituição.

2.13 TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

A produção pelo discente de Bacharelado em Geografia do seu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) obedecerá à normatização vigente da Instituição. O Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) corresponde a dois componentes curriculares ofertados no 7º semestre (TCC I/40 horas) e 8º semestre (TCC II/90 horas) do curso.

O primeiro componente destina-se à inserção do educando no processo de produção científica. Nesse sentido, um docente do curso por turma, deve orientar a construção de um trabalho de pesquisa que deve ser analisado e revisado, culminando em um pré-projeto de pesquisa.

Em TCC II, estando o aluno já vinculado ao orientador e tomando como base o pré-projeto, busca-se o aprofundamento do referencial teórico e da pesquisa de campo (coleta de dados) para a finalização da monografia e sua apresentação. O TCC é uma atividade curricular obrigatória, componente do Projeto Pedagógico do Curso, com o fim de sistematizar o conhecimento de natureza científica, artística ou tecnológica, por meio de estudo de um determinado tema.

O requisito básico para a conclusão e aprovação do discente no TCC, consiste na construção de um trabalho científico. Este trabalho obrigatoriamente deve ser submetido e aceito em um evento acadêmico (Congressos, Simpósios, Encontros, Colóquios, etc.) ou revista científica, em todos os casos constando o nome do discente e seu respectivo orientador.

A comprovação do aceite do referido trabalho é indispensável para a aprovação do discente no componente curricular em questão.

O TCC será realizado em um dos campos do conhecimento do curso, a partir de proposta do discente, com a concordância do seu orientador. Deve ser elaborado individualmente, salvo casos devidamente justificados e aceitos pelo Colegiado do Curso.

O TCC será orientado preferencialmente por docentes do curso, ou docentes de outras Unidades Acadêmicas da UFOPA, devidamente credenciados pelo Colegiado do Curso e vinculados à área temática do trabalho, indicado, sempre que possível, pelo próprio discente.

A critério do Colegiado do Curso poderá ser aceita orientação do TCC por profissional externo à instituição, desde que seja como co-orientador, juntamente com docente vinculado ao curso.

A versão final do trabalho (TCC) deverá ser entregue à coordenação do curso em meio eletrônico e um exemplar impresso para fins de arquivo, juntamente com o aceite da revista ou evento acadêmico.

2.14 PRÁTICAS DE AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM NO CURSO DE BACHARELADO EM GEOGRAFIA

2.14.1 Avaliação do Curso

Como meio de realizar avaliações periódicas no curso de Bacharelado em Geografia, em decorrência de demandas internas, ocorrem reuniões periódicas do Núcleo Docente Estruturante – NDE, coordenação de curso, docentes e discentes. Essas avaliações permitem realizar a reestruturações no desenho curricular do curso quando necessárias. De acordo com as diretrizes do Ministério da Educação (MEC) a avaliação deve ser compreendida como um processo dinâmico, que exige mediação pedagógica permanente. Neste sentido é necessário criar mecanismos para rever periodicamente os instrumentos e procedimentos de avaliação, de modo a ajustá-los aos diferentes contextos e situação que se apresentam no cenário da educação superior e torná-los elementos balizadores da qualidade que se deseja para a graduação.

As metodologias e os critérios de avaliação institucional permitirão diagnosticar se as metas e os objetivos do Curso estão sendo alcançados, servindo de elemento para formular e planejar possíveis mudanças que se mostrarem necessárias.

2.14.2 Avaliação Docente

A avaliação docente obedecerá aos critérios estabelecidos pela Comissão Própria de Avaliação (CPA) da Universidade Federal do Oeste do Pará. Com base nos resultados apontados pela CPA, o Colegiado do Curso de Geografia promoverá reuniões a cada final de semestre, com o intuito de discutir possíveis fragilidades no processo de ensino-aprendizagem do curso, objetivando suprir as deficiências detectadas no processo avaliativo.

2.14.3 Avaliação do ensino-aprendizagem

A avaliação do processo de ensino-aprendizagem é construído de acordo com os regulamentos internos da UFOPA (Resoluções n. 09 de 16/03/2012 e n. 27 de 08/10/2013). Entende-se por avaliação de aprendizagem o processo de apreciação e julgamento do rendimento acadêmico dos discentes, com o objetivo de acompanhar, diagnosticar e melhorar o processo de ensino e aprendizagem, bem como a habilitação do discente em cada componente curricular.

A avaliação da aprendizagem na UFOPA tem como objetivos: I) verificar o nível de aprendizagem dos discentes; II) averiguar a aquisição conceitual, teórica e prática dos conteúdos programáticos ministrados durante os períodos letivos; III) incentivar o hábito e a

prática diuturna de trabalho no processo ensino-aprendizagem; IV) mensurar quantitativamente, através do Índice de Desempenho Acadêmico (IDA), o desempenho de cada discente; V) conferir o domínio das habilidades e competências previstas nos projetos pedagógicos de cada unidade e subunidade.

Para fins de avaliação da aprendizagem cabe ao docente: I) apresentar à sua turma, no início do período letivo, os critérios de avaliação da aprendizagem conforme o plano de ensino referendado em reunião semestral de planejamento da unidade, ou subunidade, responsável pelo componente curricular no semestre em curso; II) discutir os resultados de cada avaliação parcial com a turma, garantindo que esse procedimento ocorra antes da próxima verificação da aprendizagem; III) fazer o registro eletrônico da nota final, de acordo com as orientações da Diretoria de Registro Acadêmico, da Pró-Reitoria de Ensino (DRA/PROEN), no Sistema Integrado de Gestão de Atividades Acadêmicas (SIGAA) da UFOPA, em prazo estabelecido no Calendário Acadêmico.

Os componentes curriculares, em cada período curricular, serão apreciados através de pelo menos três avaliações e uma avaliação substitutiva, esta última de caráter optativa para o discente e envolvendo todo o programa do componente. Pelo menos uma das três avaliações supracitadas deverá ser individual.

Considerar-se-á aprovado no componente curricular, o discente que obtiver nota final igual ou superior a 6,0 (seis vírgula zero) e frequência mínima de 75% (setenta e cinco por cento). O discente com nota final inferior a 6,0 ao final do processo de avaliação entrará em regime de dependência em relação ao componente curricular, para fins de integralização curricular.

Em caso de falta à avaliação em componente curricular, por impedimento legal, doença grave atestada por serviço médico de saúde e caso fortuito, devidamente comprovado nos termos da lei, o discente deve protocolar na secretaria responsável pelo componente curricular o requerimento para avaliação de segunda chamada ao docente, no período de 48 (quarenta e oito) horas.

A avaliação substitutiva constitui oportunidade opcional, igualmente oferecida a todos os discentes, no sentido de substituir uma das notas das três avaliações do componente curricular à qual ela se referir.

O discente reprovado em qualquer componente curricular entrará automaticamente em regime de dependência e deverá regularizar seus estudos para efeito de integralização de seu percurso acadêmico.

O Índice de Desempenho Acadêmico (IDA) é o instrumento dinâmico que expressa

numericamente o desempenho do discente em cada período curricular e será computado até a quarta casa decimal.

As avaliações, em cada componente curricular, deverão, necessariamente, ser representadas através de valor numérico, entre 0 e 10, de modo a poderem ser computadas no IDA, inclusive aquelas de cunho qualitativo.

2.14.4 Coerência do Sistema de Avaliação do Processo Ensino-Aprendizagem

O desempenho dos discentes do Curso de Bacharelado em Geografia da Universidade Federal do Oeste do Pará, nas diversas disciplinas que compõem seu currículo, é apreciado através do sistema de avaliação. Através desse sistema é possível fazer uma efetiva mensuração da capacidade do corpo discente de integrar conhecimentos e de mobilizá-los para a tomada de decisões e para a solução de problemas inerentes à sua ciência.

Tal sistema permite acompanhar a evolução conceitual, o enriquecimento e a melhoria discente ao longo do processo de ensino, além de proporcionar ao docente adotar medidas corretivas que permitam somar à eficácia do aprendizado.

As avaliações elaboradas e aplicadas são de estrita responsabilidade do docente encarregado por cada disciplina, visto que o professor possui autonomia. Todavia, é plausível que sejam feitas algumas observações relativas aos princípios didáticos, principalmente no que se referem à/ao:

- a) Coerência do conteúdo cobrado nas avaliações, em consonância com o conteúdo trabalhado;
- b) Coerência em relação ao número de questões *versus* tempo, de modo a manter equidade, para que a elaboração das respostas pelos discentes se dê a contento;
- c) Elaboração de questão clara, objetiva e adequada, com vistas a proporcionar de imediato a compreensão do que está sendo requerido;
- d) Critérios de avaliação e divulgação de notas e conceitos previamente definidos e claros;
- e) Horário das avaliações, que deverão ser aplicadas no mesmo de desenvolvimento de cada disciplina.

Finalizando, após as correções, comentários e possíveis alterações de notas que se fizerem necessárias, as avaliações parciais deverão ser devolvidas aos discentes. É franquiado ao docente o arquivamento da prova final, após ser corrigida e apresentada ao discente.

2.15 SISTEMA DE AVALIAÇÃO DO PROJETO PEDAGÓGICO DO CURSO

O acompanhamento e a avaliação do Projeto Pedagógico do Curso de Bacharelado em Geografia da Universidade Federal do Oeste do Pará estarão sujeitos a avaliações

permanentes e a adequações de forma, conteúdo e estratégias de aplicação, por entendermos que esses recursos constituem um elemento representativo no processo de atualização do curso de graduação.

A avaliação do PPC inclui diagnóstico interno e diagnóstico externo *in loco*, pautados em indicadores, dados e documentos que possam nortear a avaliação do projeto do curso. O diagnóstico interno centra-se na auto-avaliação, nos relatórios de avaliação institucional da UFOPA, no Projeto Pedagógico Institucional (PPI) e no Plano de Desenvolvimento Institucional (PDI). O diagnóstico externo *in loco*, por sua vez, será realizado por uma comissão de especialistas designada pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP), segundo diretrizes da Comissão Nacional da Educação Superior (CONAES), para avaliar as condições de ensino do Curso.

O diagnóstico da auto-avaliação será elaborado por docentes do Núcleo Docente Estruturante (NDE), uma vez que, de acordo com o Parecer N° 4 do CONAES, de 17 de junho de 2010, o NDE é responsável pela formulação do Projeto Pedagógico do Curso - PPC, sua implementação e desenvolvimento e, no que concerne à avaliação, contribuirá para o desenvolvimento do PPC com vistas à sua consolidação. No entanto, é importante destacar que todos os procedimentos e instrumentos de auto-avaliação, incluindo a definição de ações futuras provenientes da reflexão dos resultados alcançados nas avaliações, deverão ser previamente discutidos e estabelecidos com a comunidade acadêmica, em *workshop*.

A auto-avaliação deverá contemplar os seguintes tópicos: o contexto do curso, discussão e avaliação do campo de trabalho, do perfil dos ingressantes, dos diferentes aspectos da qualificação profissional do egresso; os objetivos do curso, discussão e avaliação dos objetivos, da evolução das áreas do conhecimento pertinentes ao curso; o resultado do projeto do curso, discussão e avaliação dos dados quantitativos relativos ao índice de evasão e reprovação, à participação dos egressos na instituição, à aceitação dos formandos em Programas de Pós-Graduação *Stricto Sensu*; e a discussão e avaliação da adequação das instalações em função das atividades curriculares e extracurriculares do curso, e em função do desenvolvimento das práticas pedagógicas.

O NDE, juntamente com representante discente e técnico-administrativo, também irá analisar os relatórios de avaliação institucional elaborados pela Comissão Própria de Avaliação da UFOPA, instituída pela Portaria 783, de 24 de julho de 2012, bem como irá observar o PPI e PDI da UFOPA com a finalidade de averiguar interesses, necessidades, demandas, objetivos, diretrizes pedagógicas, ações, atividades acadêmicas da instituição, para contribuir com a discussão, planejamento, organização e avaliação do Projeto Pedagógico do

Curso de Bacharelado em Geografia.

A avaliação permanente e sistemática do Projeto Pedagógico do Curso implementada com esta proposta deverá servir como ferramenta para a validação da pertinência do curso no contexto regional e a redefinição de objetivos, da estrutura curricular, das competências e habilidades, bem como deverá promover a busca de soluções e o planejamento de estratégias para a reformulação/reorganização do PPC após quatro anos de vigência do antigo projeto.

Os mecanismos de acompanhamento acadêmico utilizados no curso de Bacharelado em Geografia são: a avaliação da disciplina/professor pelos alunos e as reuniões periódicas entre professores e a coordenação do curso. A avaliação de disciplina, promovida pela Comissão Própria de Avaliação, é virtual via SIGAA (Sistema Integrado de Gestão de Atividades Acadêmicas). A avaliação é realizada pelos docentes e discentes. O instrumento de avaliação de disciplina aplicado aos discentes contempla as áreas: Planejamento e Cumprimento do Programa Curricular; Comunicação e Uso de Técnicas e Recursos Didáticos; Avaliação e Resultados e a Auto-avaliação do aluno, totalizando 29 (vinte e nove) questões, além de oportunizar um espaço para observações, sugestões e críticas. O instrumento de avaliação de disciplina aplicado aos docentes contempla as áreas: Projeto Pedagógico do Curso; Apoio Institucional; Planejamento e Cumprimento do Programa da Disciplina; Comunicação e uso de Técnicas e Recursos Didáticos; Caracterização das Condições dos Discentes; Avaliação e Resultados; Iniciativa do Docente, somando 34 questões, e também oportuniza um espaço para observações e sugestões. Após a coleta dos dados, a Comissão Própria de Avaliação – CPA, envia os resultados para a coordenação do curso elaborar um plano de providências para as fragilidades identificadas no processo de auto-avaliação.

2.16 PESQUISA, EXTENSÃO E INOVAÇÃO TECNOLÓGICA

2.16.1 Apoio à Participação em Atividades de Iniciação Científica

É possibilitado aos discentes da Universidade Federal do Oeste de Pará a contemplação com bolsas de monitoria e de iniciação científica, como do Projeto Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC), cuja seleção de bolsistas ocorre por meio de edital específico, que leva em consideração principalmente o desempenho acadêmico.

Ainda por meio de convênios com agências de fomento, como o firmado com a Fundação de Amparo à Pesquisa no Estado do Pará (FAPESPA), a universidade disponibiliza bolsas para projetos de pesquisa cadastrados na instituição.

2.16.2 Programas de Iniciação Científica

As políticas de pesquisa, associadas ao ensino e à extensão, objetivam a produção e a difusão de conhecimentos científicos, tecnológicos, artísticos e culturais, contribuindo para a melhoria das condições de vida da sociedade.

As políticas de pesquisa preveem ações dirigidas ao fortalecimento dos grupos de pesquisa já existentes na instituição e à criação de novos grupos, apoio aos projetos (infraestrutura e captação de recursos) e incentivo à qualificação de seus professores.

O discente do Curso de Bacharelado em Geografia tem a oportunidade de participar dos projetos de pesquisas desenvolvidos no âmbito do curso, desde que cumpra os requisitos pré-estabelecidos pelos docentes responsáveis pelos mesmos, para a sua efetivação como bolsista (se houver cota de bolsas) ou colaborador. Abaixo listamos os projetos desenvolvidos no Curso de Geografia.

- 1) *Caracterização e compartimentação geomorfológica da porção sul do megaleque fluvial do Taquari, Pantanal sul-mato-grossense.* Responsável: Prof. Dr. Frederico dos Santos Gradella.
- 2) *Educação ambiental e a percepção interdisciplinar nas escolas de ensino fundamental e médio no município de Santarém – PA.* Responsável: Profa. Me. Maria Mirtes Cortinhas Santos.
- 3) *Estado e políticas públicas na Amazônia: um estudo dos conflitos socioambientais no território reserva "Verde para Sempre" no município de Porto de Moz, Pará.* Responsável: Prof. Me. Mário Júnior de Carvalho Arnaud.
- 4) *Turismo, patrimônio cultural e desenvolvimento territorial na Amazônia: uma análise da festa do Sairé no polo turístico do Tapajós.* Responsável: Profa. Me. Maria Augusta Freitas Costa.
- 5) *Estudo e aplicação de instrumentos de reforma urbana no município de Santarém – PA.* Responsável: Profa. Me. Maria Júlia Veiga da Silva.
- 6) *Santarém – PA: um olhar geográfico sobre o território.* Responsáveis: Profa. Me. Mizant Couto de Andrade Santana e Profa. Dra. Ednéa do Nascimento Carvalho.
- 7) *Educação ambiental nas escolas municipais de Santarém (PA): as políticas educacionais e suas vivências, o percurso das instruções.* Responsável: Profa. Me. Maria Mirtes Cortinhas dos Santos.

Alguns dos professores acima citados como responsáveis pelos projetos nominados não mais fazem parte do quadro da UFOPA. Outros se encontram liberados para cursarem programas de doutorado.

3 RECURSOS HUMANOS

3.1 APOIO TÉCNICO PEDAGÓGICO

A Universidade Federal do Oeste do Pará conta com um amplo quadro técnico de profissionais que são responsáveis por apoiar, acompanhar e assessorar o desenvolvimento das atividades docentes, colaborar na elaboração e reestruturação dos Projetos Políticos de Cursos, organização das atividades anuais de planejamento dos institutos, orientação e supervisão de projetos acadêmicos entre outras demandas de cunho pedagógico. A seguir são descritos como está disposta organizacionalmente essa estrutura.

3.1.1 Direção de Instituto

O curso de Bacharelado em Geografia está vinculado ao Instituto de Ciências da Educação – ICED. O diretor atual, eleito para o quadriênio 2015-2019, é o Prof. Dr. Edilan de Sant’ana Quaresma.

3.1.2 Coordenação de Curso

O curso de Bacharelado em Geografia da UFOPA/ICED neste momento é coordenado pelo Professor Ivan Gomes da Silva Viana, Bacharel, Licenciado e Mestre em Geografia pela Universidade Federal do Pará (UFPA), designado por meio da Portaria nº 2.933, de 25 de novembro de 2014.

O Coordenador tem atuado de forma vigilante no cumprimento de prazos e metas, para assegurar a formação dos discentes em consonância com o estabelecido no PPC do curso. O professor Ivan Viana acompanha o lançamento de notas, o processo de matrícula, certificações, distribuição de salas, funcionamento dos laboratórios, entre outras atividades, via sistema de registro acadêmico. O coordenador participa sempre que convocado, de reuniões do conselho do instituto (ICED), onde é membro titular, colocando em pauta, sempre que há necessidade, as demandas do curso. Também vem atuando administrativamente na facilitação e ampla divulgação de assuntos de interesse dos docentes e discentes, além de auxiliar em trâmites burocráticos relacionados à aquisição de bens e serviços para atender às demandas dos docentes e discentes, beneficiando o curso como um todo, uma vez que tais ações viabilizam condições de laboratório e ambientes correlatos para as atividades de ensino, pesquisa e extensão.

Em geral, são atribuições do Coordenador do Curso:

- a) Coordenar, acompanhar e avaliar as atividades acadêmicas e pedagógicas das turmas;

- b) Organizar a oferta de disciplinas por semestre, de acordo com a estrutura curricular do curso e as áreas de atuação dos docentes;
- c) Participar, quando convocado, de reuniões, seminários ou quaisquer outros tipos de eventos organizados pela universidade;
- d) Convocar reuniões periódicas de Colegiado de Curso para o diálogo constante sobre o andamento do curso e o conhecimento de demandas docentes e discentes;
- e) Acompanhar o funcionamento do NDE do curso e seus encaminhamentos;
- f) Elaborar e acompanhar, em conjunto com o corpo docente do curso, o sistema de avaliação dos alunos;
- g) Acompanhar o registro acadêmico dos alunos matriculados no curso por meio do sistema SIGAA;
- h) Manter a direção do instituto informada sobre o andamento e desenvolvimento do curso sob sua coordenação.

A Coordenação do curso costuma se reunir com todas as turmas a cada período letivo do curso, desenvolvendo uma boa relação com os discentes, servidores e com a direção do instituto.

O coordenador do referido curso possui experiência como professor na Educação Básica (Ensino Fundamental II), onde exerceu atividades, durante o período de um ano, como servidor na Prefeitura Municipal de Belém-PA. No magistério superior, este atuou dois anos e seis meses no âmbito da graduação e pós-graduação em uma instituição de ensino privada. Exclusivamente na UFOPA, começou a exercer atividades a partir de julho de 2014. Totaliza-se assim, uma experiência como docente no ensino superior de aproximadamente quatro anos.

3.1.3 Técnicos em Assuntos Educacionais

Os cursos de graduação que se encontram vinculados ao Instituto de Ciências da Educação – ICED, dispõem do apoio de 3 (três) Técnicos em Assuntos Educacionais. A atuação desses profissionais é de fundamental importância, tanto para as formações de cunho pedagógico, no caso das licenciaturas, quanto para as formações em nível de Bacharelado, já que os mesmos são responsáveis, entre outras atribuições, por subsidiar os trabalhos desenvolvidos pelos Núcleos Docentes Estruturantes – NDE's.

Atualmente no Instituto de Ciências da Educação 3 (três) servidores desempenham essa função: Leilane de Aguiar Silva, Kátia Cristina Lira Sato e Walter Lopes de Sousa.

3.1.4 Secretaria Executiva

A Secretaria Executiva do Instituto de Ciências da Educação é o órgão de apoio à Direção do Instituto. Os servidores Danielle Caroline Batista da Costa e Sérgio Augusto Santos de Palma, atualmente são os profissionais responsáveis pelo desenvolvimento das atividades dessa secretaria.

3.2 ORGANIZAÇÃO ACADÊMICO-ADMINISTRATIVA

3.2.1 Secretaria Acadêmica

A Secretaria Acadêmica do Instituto de Ciências da Educação é subdividida em dois setores, a saber: Gestão Acadêmica e Gestão Administrativa. No presente momento ambas são coordenadas pelos seguintes servidores: Roberto Elison Souza Maia – Administrador, (Coordenador da Gestão Administrativa) e Raimundo Pio Furtado Neto (Coordenador da Gestão Acadêmica).

3.2.2 Núcleo de Estágios

O Instituto de Ciências da Educação possui um Núcleo de Estágio que é responsável por fazer a articulação entre a os cursos sob sua tutela e os órgãos públicos nas esferas federais, estaduais e municipais, assim como com as empresas do setor privado, para o encaminhamento dos discentes que se encontram aptos a desenvolver essa etapa de sua formação, exigível por lei.

A portaria n° 18, de 05 de dezembro de 2014, que instituiu o Núcleo de Estágio do Instituto de Ciências da Educação, contemplou um membro de cada Colegiado de Curso, ou Programa, vinculado ao ICED, para fazer parte do referido Núcleo. A composição do Núcleo de Estágio está constituída de acordo com a tabela abaixo.

Quadro: Membros do Núcleo de Estágio do Instituto de Ciências da Educação

MEMBRO	CURSO QUE REPRESENTA
Cleise Fonseca de Abreu	Curso de Pedagogia
Mizant Couto de Andrade	Curso de Geografia
Lademe Correa de Sousa	Curso de História
Maria de Fátima Matos de Souza	Curso de Matemática
Adelaine Michela e Silva de Souza	Curso de Biologia e Química
Marcos Gervânio de Azevedo Melo	Curso Física
Heliud Luís Maia Moura	Curso de Letras

3.2.3 Órgãos Colegiados

As discussões referentes à estruturação e ao desenvolvimento do curso de Licenciatura e Bacharelado em Geografia até novembro de 2014 eram realizadas no âmbito do Colegiado do Programa de Ciências Humanas, haja vista que existia apenas a coordenação do Programa de Ciências Humanas. Com a emissão da portaria Nº 2.933, de novembro de 2014, que designou o professor Ivan Gomes da Silva Viana para exercer a função de Coordenador do Curso de Geografia, as reuniões para tratar de questões ligadas ao curso em questão passaram para o então criado Colegiado do Curso de Geografia.

O Plano de Desenvolvimento Institucional (PDI) da UFOPA concede às unidades e subunidades acadêmicas total autonomia para construir e colocar em funcionamento o Colegiado.

O Colegiado do Curso de Bacharelado em Geografia da Universidade Federal do Oeste do Pará é constituído por docentes, discentes e técnicos dessa Instituição. A composição do Colegiado está assim distribuída: todos os docentes são membros efetivos do Colegiado; cada classe/turma é representada no Colegiado de Geografia por um discente escolhido pelos alunos em assembleias; são membros do Colegiado os técnicos da gestão administrativa e acadêmica ligados ao Curso de Geografia. Assim, o Colegiado é constituído por membros das três categorias que formam a universidade, todos com direitos a voz e votos.

Esse colegiado reúne-se ordinariamente uma vez a cada mês e extraordinariamente quando há necessidades de tomadas de decisões coletivas urgentes, referentes aos interesses do curso. As reuniões colegiadas são convocadas sempre com 48 horas de antecedências e presididas pelo coordenador do curso. Salvo exceções, as reuniões podem ser convocadas e presididas por um professor designado pelo coordenador do curso.

Nas reuniões realizam-se discussões e debates das pautas apresentadas referentes à oferta e funcionamento do curso de Geografia. Encaminham-se os pontos, sugerem-se questões e votam-se propostas, que em seguida são conduzidas pelo coordenador do curso ao Conselho do Instituto para serem apreciadas e votadas nesse outro fórum de decisões. Portanto, é o Colegiado do Curso de Geografia instância de decisões referentes às questões da oferta e funcionamento do Curso de Bacharelado em Geografia na Universidade Federal do Oeste do Pará.

3.3 DOCENTES

Compõem o quadro docente do curso de Bacharelado em Geografia da Universidade Federal do Oeste do Pará os docentes abaixo indicados, conforme titulação e regime de

trabalho.

3.3.1 Quadro de Titulação e Regime de Trabalho

Nº	DOCENTE	TITULAÇÃO	REGIME DE TRABALHO
1	Alice Ferreira Rodrigues Dias	Mestre	Dedicação Exclusiva
2	Edilan de Sant'ana Quaresma	Doutor	Dedicação Exclusiva
3	Ednéa do Nascimento Carvalho	Doutora	Dedicação Exclusiva
4	Eneias Barbosa Guedes	Mestre	Dedicação Exclusiva
5	Enilson da Silva Sousa	Mestre	Dedicação Exclusiva
6	Gilber Valério Cordovil	Mestre	Dedicação Exclusiva
7	Ivan Gomes da Silva Viana	Mestre	Dedicação Exclusiva
8	João Revelino Caldas de Almeida	Mestre	Dedicação Exclusiva
9	Leandro Pansonato Cazula	Mestre	Dedicação Exclusiva
10	Maria Betanha Cardoso Barbosa	Mestre/Doutoranda	Dedicação Exclusiva
11	Maria Júlia Veiga da Silva	Mestre/Doutoranda	Dedicação Exclusiva
12	Maria Mirtes Cortinhas dos Santos	Mestre/Doutoranda	Dedicação Exclusiva
13	Maria Salomé Lopes Fredrich	Mestre/Doutoranda	Dedicação Exclusiva
14	Mizant Couto de Andrade Santana	Mestre	Dedicação Exclusiva

3.3.2 Quadro de Professor por Disciplina

Nº	DOCENTE	TITULAÇÃO	DISCIPLINAS
1	Alice Ferreira Rodrigues Dias	Mestre	<ul style="list-style-type: none"> - História do Pensamento Geográfico - Fundamentos Filosóficos - Educação Ambiental - Estágio Profissional II - Estágio Profissional III - Geografia Geral do Brasil - Geografia Humana - Geografia Regional do Brasil - Metodologia Científica - Projeto de Pesquisa em Geografia - Trabalho de Conclusão de Curso I - Trabalho de Conclusão de Curso II
2	Edilan de Sant'ana Quaresma	Doutor	<ul style="list-style-type: none"> - Estatística Aplicada à Geografia
3	Ednéa do Nascimento Carvalho	Doutora	<ul style="list-style-type: none"> - Introdução à Geografia - Metodologia Científica - Estágio I - Estágio II - Estágio III - Trabalho de Campo Integrado I - Trabalho de Campo Integrado II - Projeto de Pesquisa em Geografia - Trabalho de Conclusão de Curso I - Trabalho de Conclusão de Curso II
4	Eneias Barbosa	Mestre	<ul style="list-style-type: none"> - Geografia Geral Brasil

	Guedes		<ul style="list-style-type: none"> - Geografia Regional do Brasil - Geografia Política - Geografia do Brasil - Políticas de Ordenamento Territorial - Geografia da População - Geografia Agrária - Geografia Rural - História do Pensamento Geográfico - Geografia Humana - Trabalho de Conclusão de Curso I - Trabalho de Conclusão de Curso II
5	Enilson da Silva Sousa	Mestre	<ul style="list-style-type: none"> - Cartografia - Recursos Naturais e Meio Ambiente - Geoprocessamento - Fundamentos de Geociências - Geografia Física - Climatologia - Fundamentos de Geologia e Pedologia - Introdução à Cartografia - Cartografia Temática - Sensoriamento Remoto - Trabalho de Conclusão de Curso I - Trabalho de Conclusão de Curso II
6	Gilber Valério Cordovil	Mestre	<ul style="list-style-type: none"> - Geografia da Indústria - História do Pensamento Geográfico - Geografia Urbana - Geografia da Amazônia - Geografia Regional - Geografia do Brasil - Gestão Urbana e Regional - Geografia do Pará - Estágio I - Estágio II - Estágio III - Trabalho de Conclusão de Curso I - Trabalho de Conclusão de Curso II
7	Ivan Gomes da Silva Viana	Mestre	<ul style="list-style-type: none"> - Climatologia - Geografia Física - Fundamentos de Geologia e Pedologia - Hidrografia - Biogeografia - Geomorfologia Geral - Recursos Naturais e Meio Ambiente - Estrutura e Gestão de Bacias Hidrográficas - Análise, Planejamento e Manejo Ambiental - Trabalho de Conclusão de Curso I - Trabalho de Conclusão de Curso II
8	João Revelino	Mestre	<ul style="list-style-type: none"> - Geomorfologia

	Caldas de Almeida		<ul style="list-style-type: none"> - Hidrografia - Introdução à Ecologia - Geografia Física - Climatologia - Fundamentos de Geociências - Geomorfologia e Planejamento Ambiental - Estrutura e Gestão de Bacias Hidrográficas - Biogeografia - Fundamentos de Geologia e Pedologia
9	Leandro Pansonato Cazula	Mestre	<ul style="list-style-type: none"> - Introdução à Ecologia - Sensoriamento Remoto - Geoprocessamento - Análise, Planejamento e Manejo Ambiental - Cartografia - Hidrografia - Biogeografia - Trabalho de Conclusão de Curso I - Trabalho de Conclusão de Curso II
10	Maria Betanha Cardoso Barbosa	Mestre/Doutoranda	<ul style="list-style-type: none"> - Estágio I - Estágio II - Estágio III - Geografia do Brasil - Educação Ambiental - Trabalho de Conclusão de Curso I - Trabalho de Conclusão de Curso II
11	Maria Júlia Veiga da Silva	Mestre/Doutoranda	<ul style="list-style-type: none"> - Geografia Urbana - Geografia da Indústria - Geografia Humana - Geografia da População - Geografia do Pará - Gestão Urbana e Regional - Geografia da Amazônia - História do Pensamento Geográfico - Trabalho de Conclusão de Curso I - Trabalho de Conclusão de Curso II
12	Maria Mirtes Cortinhas dos Santos	Mestre/Doutoranda	<ul style="list-style-type: none"> - Introdução à Ecologia - Geografia Geral do Brasil - Recursos Naturais e Meio Ambiente - Saneamento Ambiental - Geografia da População - História do Pensamento Geográfico - Geografia Humana - Trabalho de Conclusão de Curso I - Trabalho de Conclusão de Curso II
13	Maria Salomé Lopes Fredrich	Mestre/Doutoranda	<ul style="list-style-type: none"> - Estágio I - Estágio II - Estágio III - Geografia da População

			<ul style="list-style-type: none"> - Geografia Geral do Brasil - Geografia Política - Geografia Humana - História do Pensamento Geográfico - Trabalho de Conclusão de Curso I - Trabalho de Conclusão de Curso II
14	Mizant Couto de Andrade Santana	Mestre	<ul style="list-style-type: none"> - Política de Ordenamento Territorial - Educação Ambiental - Metodologia Científica - Geografia da População - Projeto de Pesquisa - Estágio I - Estágio II - Estágio III - Trabalho de Conclusão de Curso I - Trabalho de Conclusão de Curso II

3.3.3 Núcleo Docente Estruturante – Composição do NDE

O Núcleo Docente Estruturante – NDE, do Curso de Bacharelado em Geografia da Universidade Federal do Oeste do Pará foi criado com o objetivo de construir e dá encaminhamento à elaboração do Projeto Político do Curso – PPC. A portaria de criação do NDE (em anexo) é a de nº 2.252, de 19 de setembro de 2014. Este núcleo atuou, e tem atuado, exaustivamente, com intuito de implementar o PPC de acordo com as atribuições que lhe são delegadas e requeridas pela Resolução nº 01/2010 – CONAES, que diz em seu artigo 1º: *O Núcleo Docente Estruturante (NDE) de um curso de graduação constitui-se de um grupo de docentes, com atribuições acadêmicas de acompanhamento, atuante no processo de concepção, consolidação e contínua atualização do projeto pedagógico do curso.* Assim, o Núcleo Docente Estruturante do Curso de Bacharelado em Geografia tem atuado sempre se norteando por essa linha de raciocínio. O mesmo possui autonomia para propor mudanças e adequações no Projeto Político do Curso.

Com o projeto de expansão da Universidade Federal do Oeste do Pará novos servidores têm sido efetivados nessa IFES. Dessa forma o corpo docente institucional tem aumentado substancialmente, e o Curso de Bacharelado em Geografia tem se beneficiado dessa realidade, com uma considerável ampliação do seu quadro docente.

Dentre as atividades desenvolvidas por esse NDE constam principalmente reuniões de caráter ordinárias onde cada membro apresenta os avanços na produção do PPC, a partir da divisão social do trabalho, que é feita antecipadamente. Busca-se discutir coletivamente e integrar esses dados apresentados com objetivo maior de construir o citado documento. Após a elaboração e seguidas discussões junto ao corpo docente do curso e aprovação do

documento, o NDE faz o acompanhamento da implementação do projeto, atentando sempre para a mudança de temáticas consideradas frágeis, buscando adicionar temáticas relevantes nas dimensões técnica, política, científica e culturalmente no âmbito da ciência geográfica.

Ademais, o NDE do Curso de Bacharelado Geografia tem procurado manter seu Projeto Político de Curso atualizado, estando sempre alerta com as novas metodologias e inovações que têm surgido na grande área da Geografia. A atuação do NDE e a renovação de seus membros têm sido constantes, visto que este documento não esgota em si, precisando continuamente de reelaboração, sugestões com desígnio de superar os possíveis constrangimentos que o mesmo vir apresentar. Portanto, as alterações cabíveis e necessárias para o funcionamento regular e consolidação do Curso de Bacharelado em Geografia da Universidade Federal do Oeste do Pará, têm sido a busca constante do NDE do curso. O quadro abaixo identifica os membros do Núcleo Docente Estruturante.

Quadro: Núcleo Docente Estruturante do Curso de Bacharelado em Geografia

João Revelino Caldas de Almeida	Presidente
Eneias Barbosa Guedes	Membro
Leandro Pansonato Cazula	Membro
Gilber Valério Cordovil	Membro
Ivan Gomes da Silva Viana	Membro

3.3.4 Política e Plano de Carreira

O Plano de Carreiras e Cargos do Magistério Superior Federal é estruturado conforme o disposto na Lei nº 12.772/2012. De acordo o art. 1º, §§ 1º e 2º desta Lei, a Carreira de Magistério Superior, destinada a profissionais habilitados em atividades acadêmicas próprias do pessoal docente no âmbito da educação superior, é estruturada nas seguintes classes:

- i) Classe A, com as denominações de: a) Professor Adjunto A, se portador do título de doutor; b) Professor Assistente A, se portador do título de mestre; ou c) Professor Auxiliar, se graduado ou portador de título de especialista;
- ii) Classe B, com a denominação de Professor Assistente;
- iii) Classe C, com a denominação de Professor Adjunto;
- iv) Classe D, com a denominação de Professor Associado; e
- v) Classe E, com a denominação de Professor Titular.

Ainda de acordo com a Lei nº 12.772/2012, em seu artigo 12, o desenvolvimento na Carreira de Magistério Superior ocorrerá mediante progressão funcional e promoção. A progressão na carreira observará, cumulativamente, o cumprimento do interstício de 24 (vinte

e quatro) meses de efetivo exercício em cada nível e a aprovação em avaliação de desempenho. Já a promoção, ocorrerá após o interstício mínimo de 24 (vinte e quatro) meses no último nível de cada classe antecedente àquela para a qual se dará a promoção e, ainda, de acordo com algumas condições específicas para a passagem para cada classe.

3.3.5 Critérios de Admissão

A Resolução UFOPA/CONSUN n° 49, de 27 de março de 2014, disciplina a realização de concurso público para o ingresso na carreira de Magistério Superior nessa Instituição. A admissão em tal carreira se dá mediante a aprovação em concurso público de provas e títulos, sempre no primeiro nível de vencimento da Classe A, conforme o disposto na Lei n° 12.772/2012.

O concurso público para ingresso na carreira de Magistério Superior da UFOPA consta de 2 (duas) etapas:

- i) Primeira etapa: a) Prova escrita: de caráter eliminatório e classificatório, nesta fase os critérios avaliados serão a apresentação (introdução, desenvolvimento e conclusão), o conteúdo e o desenvolvimento do tema (organização, coerência, clareza de ideias, extensão, atualização e profundidade) e a linguagem (uso adequado da terminologia técnica, propriedade, clareza, precisão e correção gramatical). Esta prova, que versa sobre um tema sorteado dentre os conteúdos previstos no Plano de Concurso, tem peso 2 (dois) para o cálculo da média final e vale de 0 (zero) a 10 (dez) pontos, sendo necessária a obtenção de nota mínima 7,0 (sete) para a classificação do candidato para a fase seguinte. b) Prova didática: também de caráter eliminatório e classificatório, essa etapa consiste na apresentação oral, com duração de 50 (cinquenta) a 60 (sessenta) minutos, pelo candidato, de um tema sorteado dentre os conteúdos previstos no Plano de Concurso. Na prova didática, os critérios avaliados são a clareza de ideias, a atualização e a profundidade de conhecimentos do candidato na abordagem do tema, o planejamento e a organização da aula e os recursos didáticos utilizados. O peso para o cálculo da média final é 3 (três) e a pontuação mínima necessária para classificação para a fase seguinte é 7,0 (sete). c) Prova prática ou experimental: essa etapa, de caráter classificatório e eliminatório, caso seja necessária, constará da realização de experimento, demonstração ou execução de métodos e técnicas específicas ou apresentação de um projeto, no tempo máximo de 4 (quatro) horas.
- ii) Segunda etapa: a) Prova de memorial: nesta fase, de caráter classificatório, o candidato entrega à comissão de concurso um memorial contendo as atividades acadêmicas significativas realizadas e as que possam vir a ser desenvolvidas por ele na UFOPA. Esse

memorial deve evidenciar a capacidade do candidato de refletir sobre a própria formação escolar e acadêmica, além de suas experiências e expectativas profissionais. Ainda, deve manifestar uma proposta de trabalho na UFOPA para atividades de ensino, pesquisa e extensão, com objetivos e metodologia. Esse memorial é defendido em sessão pública, com duração de 30 (trinta) minutos, tem peso 2 (dois) para o cálculo da média final do concurso e vale de 0 (zero) a 10 (dez) pontos; b) Julgamento de títulos: de caráter apenas classificatório, o julgamento dos títulos é realizado por meio do exame do currículo Lattes, devidamente comprovado, sendo considerados e pontuados os seguintes grupos de atividades: Formação Acadêmica, Produção Científica, Artística, Técnica e Cultural, Atividades Didáticas e Atividades Técnico-Profissionais. Esta etapa tem peso 3 (três) para o cálculo da média final do concurso.

3.3.6 Apoio a Participação em Eventos

Os docentes dos cursos de graduação da UFOPA têm a oportunidade de requerer apoio financeiro para participar de eventos científicos nacionais e internacionais. Os recursos liberados têm a finalidade de custear passagens para o deslocamento do profissional, assim como o fornecimento de diárias, para suprir as despesas com hospedagem e alimentação. Cabe, principalmente, às seguintes pró-reitorias a disponibilização desses recursos: Pró-reitoria de Gestão de Pessoas (PROGEP), Pró-reitoria de Pesquisa e Inovação Tecnológica (PROPPIT) e Pró-reitoria de Ensino de Graduação (PROEN).

O apoio, organização e realização de eventos no âmbito desta IFES, previstos para cada exercício, podem ainda ser viabilizados a partir dos recursos do Plano de Gestão Orçamentário (PGO) de cada instituto, no caso específico do Curso de Bacharelado em Geografia, do Instituto de Ciências da Educação.

Ressalta-se que, no Curso de Geografia tem sido recorrente o apoio financeiro institucional ao corpo docente para a participação nos mais diversos eventos de cunho científico, na grande área da ciência geográfica, inclusive com deslocamentos internacionais.

3.3.7 Incentivo a Formação/Atualização Pedagógica dos Docentes

É oportunizado a todos os docentes do Curso de Geografia, cumprido o período legal do estágio probatório, a possibilidade de aprimoramento profissional. O regimento geral da UFOPA em seu art. 217 estabelece que: *fica garantido aos docentes o direito à liberação de carga horária para realização de cursos de Pós-Graduação stricto sensu na própria Instituição ou em outra instituição de ensino superior, conforme Resolução do CONSEPE.*

Sobre a possibilidade de o docente ser contemplado com bolsa, o art. 218 do mesmo regimento complementa: *a UFOPA poderá destinar bolsa de capacitação e/ou qualificação, conforme disponibilidade de dotação orçamentária, aos docentes que cursarem Pós-Graduação stricto sensu.*

4 INFRAESTRUTURA

4.1 INSTALAÇÕES GERAIS

O curso de Bacharelado em Geografia desenvolve suas atividades no campus Santarém, Unidade Rondon, da Universidade Federal do Oeste do Pará. A referida unidade está localizada na Avenida Marechal Rondon, s/n, bairro Caranazal, CEP 68.040-070, telefones (93) 2101-3644.

O curso utiliza-se da infraestrutura do ICED que dispõe de um prédio dividido em três pavimentos e mais blocos no térreo. No espaço do instituto estão dispostos laboratórios, salas de aula, salas de professores, área de convivência, lanchonete, banheiros, elevadores, auditório, salas para coordenação de programas, sala para a coordenação acadêmica, sala para a coordenação administrativa, sala para a diretoria do Instituto e copa. Além disso, nesta unidade também funcionam a Biblioteca Central da UFOPA e o Auditório “Wilson Fonseca”.

4.2 SALAS DE AULA

As aulas do Curso de Bacharelado em Geografia da UFOPA são comumente realizadas na Unidade Rondon, em salas que variam de 50 a 130 m², no Prédio H do Instituto de Ciências da Educação da UFOPA. Ao todo são 09 salas de aula teóricas, sendo 04,04 e 01 no 1º, 2º e 3º pavimento, respectivamente. Neste último, há mais 03 salas de informática que, atualmente, podem ser utilizadas em aulas que envolvam atividade computacional (uso de *softwares*, simuladores e pacotes de multimídia) ou de rede.

Todas as salas dispõem de mobiliário novo (carteiras para alunos, mesa e cadeira para professor), excelentes condições de acústica, ventilação e iluminação. O prédio encontra-se em boas condições estrutural e estética. Os espaços são amplos e a limpeza é feita diariamente por empresa terceirizada.

A acessibilidade às salas de aula da unidade Rondon é possível por meio de 02 (duas) escadas independentes, uma em cada lateral do Prédio H, e de 02 (dois) elevadores. Na Unidade Amazônia, também duas escadas independentes e dois elevadores dão acesso às salas de aula.

4.3 INSTALAÇÕES PARA DOCENTES DO CURSO

Os gabinetes de trabalho dos professores localizam-se no segundo pavimento do prédio H da Unidade Rondon da UFOPA. Tais gabinetes são divididos em três amplas salas climatizadas, com iluminação natural e artificial. A limpeza é feita diariamente pelo serviço de apoio. O acesso às salas se dá por meio de 2 escadas e 2 elevadores. A Sala 1 possui 115,55m², comportando 10 gabinetes com 22 estações de trabalho; a Sala 2 possui 175,92m², comportando 11 gabinetes com 32 estações de trabalho; a Sala 03, de 70,5m², possui 7 gabinetes e 19 estações de trabalho. As três salas possuem 3 gabinetes de orientação acadêmica, com 5,81m² cada.

Dentro de cada gabinete, as estações de trabalho são ligadas entre si, sendo que cada estação está equipada com uma bancada de 6 gavetas, 1 armário para uso pessoal, 1 mesa em L com 2 gavetas, 1 cadeira e 1 computador com acesso à internet (Wi-Fi, wireless).

No 3º pavimento do Prédio H, há uma sala, medindo 21,83m², de uso coletivo dos professores, que serve também para reuniões, a qual é equipada com 1 mesa e 8 cadeiras, bem climatizada, com iluminação artificial e natural satisfatórias.

4.4 INSTALAÇÕES PARA COORDENAÇÃO DO CURSO/PROGRAMA

A coordenação do Curso de Geografia/UFOPA funciona na Unidade Rondon desta universidade, no 3º pavimento do prédio H, em uma sala com dimensões aproximadas de 16 m². No interior da sala, encontram-se 3 armários de madeira (1,60m x 0,80m), 1 armário metálico (2,10 x 0,80m), 2 mesas, 4 poltronas, 1 computador com acesso à internet, 1 scanner e 1 telefone institucional. Em três armários são arquivados todos os documentos referentes ao curso, tais como: ATAS de reuniões, planos de curso, portarias, memorandos, etc. No armário restante são guardados os materiais de uso cotidiano dos docentes do curso (marcadores de quadro branco, apagadores, papéis, borrachas, canetas, etc.). A sala da coordenação do curso encontra-se articulada (no mesmo andar) com outros espaços onde funcionam a Direção do Instituto (ICED), a Gestão Administrativa, a Gestão Acadêmica e a Secretaria Executiva do Instituto. Parte dos serviços acadêmicos como, por exemplo, o atendimento aos discentes, docentes, confecção de atas de reuniões, memorandos e ofícios são realizados no espaço de funcionamento da coordenação. Serviços de emissão de históricos, matrículas, assessoria e instruções pertinentes à vida acadêmica dos discentes são realizados na Gestão Acadêmica. Serviços referentes ao uso dos recursos disponíveis na instituição (como diárias e passagens, manutenção de equipamentos, etc.) que visem atender ao público docente e discente do Instituto são realizados na Gestão Administrativa. A Secretaria Executiva do Instituto auxilia

em todos os procedimentos administrativos desenvolvidos pela direção do instituto.

4.5 AUDITÓRIOS E VIDEO-CONFERÊNCIAS

Na Unidade Rondon, onde funciona o curso de Bacharelado em Geografia, há o auditório “Wilson Fonseca”, com capacidade para 130 (cento e trinta) pessoas, e o mini auditório do Instituto de Ciências de Educação (sala HA1) do prédio H, com capacidade para 100 (cem) pessoas. O primeiro é de responsabilidade do cerimonial da Instituição e o segundo é de responsabilidade do ICED. Ambos encontram-se em boas condições, contando com *Datashow*, quadro branco, mesa e armário. As reservas são feitas por e-mail ou telefone, com antecedência de 48 horas, sendo necessária a assinatura de um termo de responsabilidade de uso dos referidos auditórios.

4.6 BIBLIOTECA

A Biblioteca é um órgão suplementar, subordinado diretamente à Reitoria. O Sistema de Bibliotecas (SIBI) é composto por três unidades na sede, Santarém, funcionando nas dependências da unidade Rondon (Biblioteca Central), Tapajós (Biblioteca Setorial), Amazônia (Biblioteca setorial), uma Biblioteca no *campus* de Oriximiná em funcionamento e uma Biblioteca no campus de Óbidos, que está em fase de organização e estruturação. Há mais unidades multicampi que serão ainda estruturadas nos municípios de Juruti, Monte Alegre, Alenquer e Itaituba. Como modelo de funcionamento sistêmico, em rede, integra as Bibliotecas de todos os *campus* da Ufopa. A adoção do sistema SIGAA (Módulo Biblioteca), está em fase de alimentação de dados, para gerenciamento dos serviços técnicos e aos usuários do SIBI.

O SIBI tem como principal objetivo coordenar as atividades e criar condições para o funcionamento sistêmico das bibliotecas da UFOPA, oferecendo suporte bibliográfico ao desenvolvimento do ensino, da pesquisa e da extensão. Para tanto, adota uma gestão compartilhada com todas as unidades do sistema, bem como partindo da integração entre as equipes, técnicas e de apoio que atuam com visão no atendimento ao usuário com o objetivo de oferecer serviços de informação de qualidade.

As Bibliotecas estão estruturadas para atendimento à comunidade de segunda à sexta de 8h às 22h e aos sábados de 8h às 12h.

De um modo geral, o acervo está dividido em: acervo de consulta local e acervo de circulação e disponível para empréstimo domiciliar, sendo ele compostos da seguinte forma: Livros (obras em geral, dicionários, enciclopédias, folhetos, etc.); Periódicos (revistas e

jornais); Audiovisuais (DVD's, CD's, CD-Rom's); Produção Acadêmica. No ano de 2014, último levantamento, o acervo SIBI contava uma quantidade de 80.586 volumes.

O quadro abaixo faz o demonstrativo do acervo bibliográfico das bibliotecas das unidades de Santarém.

Quadro: Tipo de material do acervo geral por biblioteca nos *campi* de Santarém (2014).

TIPO DE MATERIAL	BIBLIOTECA CENTRAL (RODON)	BIBLIOTECA AMAZÔNIA	BIBLIOTECA TAPAJÓS	TOTAL
Livros	5.200	2.744	3.697	11.641
Coleção Amazônia	909			909
Dissertações	58		20	78
Teses	7			7
Folhetos	138			138
Obras em Braille	40		13	53
Periódicos impressos	470	174	185	829
Mapas	10			10
Normas técnicas	11		2	13
Fitas VHS				
Relatórios técnicos	3		14	17
CD-ROM'S	265	45		310
DVD	358	6		364
Outros materiais*	1.469	24	76	1569
Total	8.938	2.993	4.007	15.938

Fonte: Relatório de Atividades do SIBI/UFOPA – 2014

*TCC e Monografia de Especialização

Na unidade Rondon, onde funciona o Curso de Bacharelado, em Geografia está localizada a Biblioteca Central da Universidade Federal do Oeste do Pará. Dentre as atividades desenvolvidas estão: i) Consulta local (acesso livre à comunidade interna e externa); ii) Empréstimo domiciliar; iii) Orientação à pesquisa bibliográfica e *on line*; iv) Serviço de guarda-volumes; v) Orientação à normalização de trabalhos acadêmico-científicos; vi) Estação de Pesquisas Acadêmicas (acesso à Internet e administração de e-mails); vii) Acesso às normas da ABNT *on line*, através do link <http://www.abntcolecão.com.br>; viii) Elaboração de ficha catalográfica; e ix) Acesso e orientação ao Portal de Periódicos Capes.

4.7 LABORATORIOS

4.7.1 Dados dos Laboratórios

O curso de Bacharelado em Geografia conta com um Laboratório próprio, especializado, denominado de Labgeo (Laboratório de Geografia), que compreende um espaço que atende à demanda de professores e alunos do curso. O espaço do laboratório é de entrada pública, estando localizado no bloco “02” térreo, próximo as salas de aula dos blocos “01” e “03”. Existem materiais disponíveis para empréstimo e outros para uso ou consulta. Para empréstimo o aluno ou docente deve assinar um termo de responsabilidade pelo material emprestado. Para a consulta de material e uso dos equipamentos do laboratório, o interessado deve se dirigir ao responsável (no turno) pelo laboratório que realizará o registro em livro específico. As regras gerais de uso estão no regimento interno do laboratório. A quantidade de equipamentos presentes no laboratório é satisfatória, existindo uma boa distribuição destes no espaço disponível.

O curso de também faz uso compartilhado dos laboratórios de Informática, em número de 03, designados pelos nomes Labin 1, Labin 2 e Labin 3. Esses laboratórios são espaços de apoio e destinam-se ao ensino de graduação e pós-graduação, à pesquisa e à extensão. Estão diretamente vinculados ao Programa de Ciências Exatas do ICED.

Além dos laboratórios supracitados, ainda é disponibilizado para uso pelo Curso de Geografia o Laboratório de Base Cartográfica, do Instituto de Biodiversidade e Florestas (IBEF). Este laboratório está localizado na Unidade Tapajós do *campus* UFOPA e é coordenado atualmente pelo Prof. Dr. João Ricardo Vasconcellos Gama.

4.7.1.1 Laboratório de Geografia – Labgeo

O Laboratório de Geografia, por se tratar de um espaço que visa concretizar a relação teórico-metodológica com a formação do discente de Geografia, possibilita o acesso às ferramentas utilizadas pelas pesquisas geográficas. O uso desse espaço é compartilhado com alunos do curso de Licenciatura em Geografia da instituição, sendo assim, além de contribuir para o exercício da pesquisa, o laboratório ainda disponibiliza recursos materiais para o estudo de temas que envolvem problemáticas relacionadas ao ensino-aprendizagem desta área de conhecimento na educação básica e superior, enriquecendo o acervo bibliográfico do laboratório. Os equipamentos presentes (como armários, computadores, mesas, cadeiras, etc.) são novos, confortáveis e encontram-se em excelentes condições.

O Laboratório possui um espaço confortável e bem iluminado, de fácil acesso aos discentes e docentes. A manutenção dos equipamentos é constantemente realizada pelas

unidades responsáveis, tais como: SINFRA/UFOPA e CTIC/UFOPA. Os insumos necessários são distribuídos regularmente, de acordo com a solicitação prévia para a Pró-reitoria de Planejamento (PROPLAN/UFOPA). A limpeza é realizada regularmente por empresa terceirizada.

O acesso às dependências do laboratório é feito diariamente, de segunda à sexta-feira, nos turnos matutino, vespertino e noturno, sempre com a presença de um encarregado, que pode ser o próprio professor coordenador do laboratório ou aluno bolsista. O laboratório possui 07 computadores – 02 para as atividades administrativas do espaço e 05 destinados à utilização dos alunos em consultas a acervos on-line ou mesmo para as atividades desenvolvidas com softwares de geoprocessamento, cuja licença está a cargo deste espaço. Para as reuniões de docentes e discentes, o laboratório possui 02 mesas de reunião, além de 02 prateleiras metálicas e 02 armários em MDF (para acomodar livros e documentos). O laboratório possui uma área aproximada de 25 m².

4.7.1.2 Laboratórios de Informática 1 e 2 – Labin 1 e 2

Os Laboratórios de Informática 1 e 2 possuem 25 máquinas cada um, todas equipadas com dois sistemas operacionais, *Windows* com licença, e *Linux*. Em cada sistema há *softwares* destinados ao geoprocessamento, à matemática, engenharia, computação e educação. Todos têm acesso à internet *wireless* e são destinados a pesquisas ou a atividades que necessitem de computador. O público alvo são todos os discentes da universidade, funcionando nos três turnos, matutino, vespertino e noturno.

Especialmente o Labin 1 vem sendo mais utilizado pelo curso de Geografia para aulas práticas de componentes curriculares que utilizam a Cartografia, o Sensoriamento e o Geoprocessamento.

4.7.1.3 Laboratório de Informática 3 – Labin 3

A descrição do Laboratório de Informática 3 (Labin 3) é a mesma que se aplica para o Labin 1 e também para o Labin 2, acima. Com exceção de que o Labin 3 possui 50 computadores disponíveis para uso pelos discentes.

4.7.1.4 Laboratório de Base Cartográfica

O Laboratório de Base Cartográfica do IBEF está situado na Unidade Tapajós do *campus* da UFOPA. Possui dimensão de 50m² e está equipado com 30 (trinta) máquinas que utilizam o sistema operacional *Windows*, devidamente licenciado. Entre os *softwares*

instalados têm-se ArcGIS 10.0, QGIS, BrOffice, Top.com e Top.ENVI. Assim como os Laboratórios de Informática, descritos acima, o Laboratório de Base Cartográfica também destina-se à prática da Cartografia, Sensoriamento Remoto e Geoprocessamento, como componentes curriculares do Curso de Geografia. Porém este laboratório pode ser utilizado por qualquer curso da Instituição, desde que previamente agendado e acompanhado de um tutor.

4.8 CONDIÇÕES DE ACESSO PARA PESSOAS COM NECESSIDADES ESPECIAIS

A unidade em que funciona o curso de Bacharelado em Geografia conta com dois elevadores que dão acesso às salas de aulas e demais setores do instituto (como coordenações, gestão administrativa, gestão acadêmica, sala da direção, etc.). Além disso, os corredores são equipados com pisos táteis para pessoas com deficiência visual.

Neste momento o curso não possui nenhum acadêmico com deficiência, entretanto caso algum aluno apresente uma necessidade especial, o Colegiado do curso demandará o apoio dos setores especializados da instituição para estas questões.

4.9 INFRAESTRUTURA DE SEGURANÇA

A segurança da UFOPA, feita por empresa privada, está subordinada à Pró-Reitoria de Administração (PROAD). A Coordenação de Segurança planeja, coordena, executa e avalia ações relativas à segurança patrimonial e comunitária da UFOPA.

Em relação à infraestrutura física, a Unidade Rondon é cercada por muros em todos os lados, os quais possuem cercas metálicas na parte superior, atingindo uma altura de 2 metros. Há apenas duas formas de acesso à esta unidade. A entrada principal, pela Av. Marechal Rondon, na frente, possui guarita 24 horas e 2 portões, 1 para entrada de pedestres e 1 para acesso de veículos. Pelos fundos, pela Av. Presidente Vargas, há mais 1 portão para entrada de veículos, sendo aberto pelos vigilantes apenas quando estritamente necessário.

Além disso, no intuito de contribuir para a segurança da instituição, foram instaladas na Unidade Rondon câmeras em diversos pontos, as quais são monitoradas por um servidor designado para tal tarefa.

Antes de descrever o funcionamento do serviço de vigilância na universidade, o qual é executado por empresa terceirizada, é importante mencionar a definição de posto de vigilância, o qual é aqui caracterizado como *a presença ostensiva de uma pessoa qualificada em vigília, em uma área específica, durante determinada quantidade de tempo, com o objetivo de desmotivar ações lesivas ao patrimônio físico da universidade e proporcionar segurança aos*

usuários do serviço público e servidores.

De acordo com informações da Coordenação de Segurança, obtidas em maio de 2014, na guarita de acesso à Unidade Rondon, onde funciona o Curso de Bacharelado em Geografia, há 2 postos de serviço, funcionando 24 horas, os quais envolvem 8 vigilantes armados, 2 por turno, trabalhando em jornada de 12 horas de trabalho por 36 horas de descanso (regime 12 x 36).

Há, ainda, na Unidade Rondon, mais 2 postos de serviço, ocupados por 6 vigilantes armados: 1 posto de 24 horas, fixo, e 1 posto rondante de 12 horas (diurno), ambos com jornada de trabalho de 12 x 36 horas.

4.10 APOIO AOS DISCENTES

Com a política da Assistência Estudantil, já estão implantados na UFOPA, os Programas de Bolsa Permanência, Bolsa Moradia, Bolsa de Língua Estrangeira Inglesa (BOLEI) e os Jogos Internos da UFOPA. O Programa de Bolsa Permanência está implementado na forma de repasse de auxílios financeiros aos discentes caracterizados como em situação de vulnerabilidade social, incluindo também os estudantes indígenas, ingressos por um Processo Seletivo Especial. A BOLEI foi criada com o objetivo de ampliar as oportunidades para o discente da UFOPA se tornar cidadão do mundo, ter acesso à produção científica escrita em língua inglesa e facilitar a participação nos Programas de Mobilidade Acadêmica Internacionais.

Estas ações estavam sob a gestão da Pró-Reitoria da Comunidade, Cultura e Extensão, através de sua Diretoria da Comunidade, Cultura e Esporte. A partir de 14 de abril de 2014, a Pró-Reitoria de Gestão Estudantil (PROGES) da UFOPA ficou responsável pela gestão da política de assistência estudantil da instituição, que segue os princípios da política nacional.

Além de reestruturar o sistema de concessão de auxílios aos alunos da Universidade – Bolsa Permanência, Bolsa Moradia e Bolsa de Língua Estrangeira Inglês (BOLEI) –, a PROGES também tem como objetivos fortalecer ações afirmativas para estudantes indígenas e quilombolas, através da Diretoria de Ações Afirmativas, promovendo discussões junto à comunidade universitária e coordenar ações que viabilizem o Restaurante Universitário e a criação da Casa do Estudante.

Além da Diretoria de Ações Afirmativas, onde funciona a Coordenação de Cidadania e Igualdade Étnico-Racial, a PROGES é formada também pela Diretoria de Assistência Estudantil, onde funcionam a Coordenação Psicopedagógica e a Coordenação de Esporte e Lazer.

A PROGES também é responsável pelo Programa de acompanhamento da aprendizagem, iniciado em 2014, a partir da publicação do edital 4/2014 e integra a política de assistência estudantil da Ufopa e tem como objetivo oferecer apoio pedagógico aos discentes que apresentam até duas reprovações no semestre e àqueles que encontram dificuldades de aprendizado.

O Programa prevê o acompanhamento por parte de discentes com destacado desempenho acadêmico a discentes que apresentaram até duas reprovações no semestre. Tal acompanhamento se dá na forma de aulas de reforço com carga horária semanal definida (4h), nas quais, através de metodologias diversas, foi realizada a revisão dos conteúdos; Aplicação de exercícios de fixação; Aulas expositivas; Discussão de metodologia dos livros a serem estudados; Identificação de quais as dificuldades na matéria a ser estudada; Leitura de livros, apostilas; Vídeo aula; Aulas práticas em laboratório.

A implementação de ações para a melhoria do desempenho discente e para adaptação à vida universitária, refletida no seu desenvolvimento profissional, envolvem: recepção aos discentes visando integrar o calouro com a comunidade acadêmica; atendimento ao discente com deficiência, através de adequações necessárias, quer sejam pedagógicas ou estruturais; sondagem do nível de satisfação dos discentes em relação ao corpo docente e conteúdos ministrados por meio dos resultados da Avaliação Institucional e de reuniões com os representantes de turmas; assessoria aos universitários, na orientação, na informação e no atendimento quanto às necessidades acadêmicas e psicopedagógicas; orientação geral quanto aos procedimentos legais e de trâmite interno da Instituição.

Está em fase de planejamento também a oferta de cursos de nivelamento que visam suprir as deficiências básicas dos discentes no acompanhamento adequado ao aprendizado. Esta ação deverá ocorrer em parceria com a Pró-Reitoria de Ensino de Graduação.

A UFOPA oferece ainda, serviço de Ouvidoria, com atendimento à comunidade interna e externa através de e-mail, telefone e atendimento presencial, visando o bem estar das pessoas envolvidas, com imparcialidade, ética e sigilo. Este setor é classificado como um Órgão Suplementar, ainda ligado diretamente à reitoria, porém com o repasse das demandas aos setores competentes.

É possibilitado aos discentes bolsas de monitoria, de iniciação científica (PIBIC, PIBIT), bolsa de iniciação à docência (PIBID) e bolsa de extensão (PIBEX), cuja seleção de bolsistas ocorre por meio de edital específico, que levam em consideração principalmente o desempenho discente.

Em relação ao Curso, o discente possui livre acesso ao coordenador e direção do

Instituto. Técnicos em Assuntos Educacionais (da Gestão Acadêmica e Gestão Administrativa do instituto) lidam diretamente com os discentes, auxiliando os mesmos no cumprimento dos componentes curriculares, como matrícula, aproveitamento de estudos, auxílio para participação em eventos, etc. Os discentes são assim acompanhados em conjunto e individualmente para que o curso seja conduzido adequadamente, evitando a evasão universitária e qualificando a aprendizagem.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALONSO, M. **O papel do diretor na administração escolar**. 2. Ed. Rio de Janeiro: Difel: Educ, 1978.

ANDRADE, R. C. Política social e normatização institucional no Brasil. In: ANDRADE, R. C. et al. **América Latina: novas estratégias de dominação**. 3. Ed. Petrópolis/ São Paulo: Vozes/ Cedeci, 2000.

ARCHELA, R. S. & ARCHELA, E. Mapeamento sistemático brasileiro: evolução histórica da cartografia. In: SEEMANN, Jörn. (Org.). **A aventura cartográfica** - perspectivas, pesquisas e reflexões sobre a cartografia humana. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2005. p. 21-38.

BENEVIDAS, M. V. A construção da democracia no Brasil pós-ditadura militar. In: FÁVERO, O.; SEMERARO, G. (Orgs.). **Democracia e construção do público no pensamento brasileiro**. Petrópolis: vozes, 2002.

BOBBIO, N. **O futuro da democracia**. 7. Ed. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

BRASIL. **Lei nº 12.085**, de 5 de novembro de 2009. Dispõe sobre a criação da Universidade Federal do Oeste do Pará - Ufopa, por desmembramento da Universidade Federal do Pará - UFPA e da Universidade Federal Rural da Amazônia - Ufra, e dá outras providências. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, Poder Executivo, Brasília, 6 nov. 2009. Seção 1, p. 1.

_____. **Lei nº 11.788**, de 25 de setembro de 2008. Dispõe sobre o estágio de estudantes; altera a redação do art. 428 da Consolidação das Leis do Trabalho – CLT, aprovada pelo Decreto-Lei no 5.452, de 1º de maio de 1943, e a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996; revoga as Leis nos 6.494, de 7 de dezembro de 1977, e 8.859, de 23 de março de 1994, o parágrafo único do art. 82 da Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, e o art. 6º da Medida Provisória no 2.164-41, de 24 de agosto de 2001; e dá outras providências.

_____. Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão. Secretaria de Recursos Humanos. **Portaria Normativa nº 3, de 30 de julho de 2009**. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, Poder Executivo, Brasília, 31 jul. 2009. Seção 1, p. 64.

_____. **Lei nº 12.772**, de 28 de dezembro de 2012. Dispõe sobre a estruturação do Plano de Carreiras e Cargos de Magistério Federal; sobre a Carreira do Magistério Superior. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2012/lei/112772.htm>. Acesso em: 12 set. 2014.

DAMIANI, A. L. (Org.); CARLOS, A. F. A. (Org.); SEABRA, O. C. de L. (Org.). **O espaço no fim de século: a nova raridade**. São Paulo: Contexto, 1999. V. 1. 220 p.

LIMA, M. A. de. **Os anos dourados da Geografia brasileira: antecedentes, realizações e consequências dos anos 50 e 60**. CREA. Rio de Janeiro, 2003.

MORAES, Antônio Carlos Robert. **Geografia: pequena história crítica**. 15 ed. São Paulo: Hucitec, 1997.

MOREIRA, Ruy. **Para onde vai o pensamento geográfico? Por uma epistemologia crítica**. São Paulo: Contexto. 2008.

SANTOS, M. **Espaço & Método**. São Paulo: Nobel, 1992.

SANTOS, M. **O espaço do cidadão**. São Paulo: Nobel, 1993.

SOUSA NETO, M. F. de. **A História da Geografia no Brasil**. AGB – Seção Niterói & Departamento de Geografia - UERJ. São Gonçalo, 2002.

UFOPA – Universidade Federal do Oeste do Pará. Estatuto da Universidade Federal do Oeste do Pará – 2009.

_____. **Plano de desenvolvimento institucional 2012-2016**. Consultoria independente – GD Consult. 2012. 235 p.